

Comentário Bíblico Expositivo¹ em

Tiago

Edição 2024

Dr. Thomas L. Constable

Introdução

ESCRITOR

O escritor desta epístola obviamente foi o meio-irmão do nosso Senhor Jesus Cristo (Gl 1.19) e o irmão de Judas, o escritor da epístola que leva o seu nome (cf. Mt 13.55).² Vários dos pais e escritores da igreja primitiva tinham essa convicção.³ Este Tiago não era o irmão do apóstolo João, o filho de Zebedeu, que sofreu o martírio logo no início da história da igreja (Mc 1.19; At 12.2). Também não se tratava do filho de Alfeu (Mc 3.18) ou do pai de Judas (Lc 6.16). Ele era o líder na igreja de Jerusalém que falou no Concílio de Jerusalém (At 15.13-21; cf. 12.17; 21.18; 1 Co 15.7). Alguns comentaristas acreditam que as similaridades no grego desta epístola e do discurso de Tiago em Atos 15 corroboram essa identificação dele como sendo o autor.⁴ O fato desta epístola ter sido escrita num grego bastante elaborado não exclui Tiago dessa possibilidade. Como galileu bastante capacitado, Ele provavelmente era fluente tanto no aramaico como no grego.

PÚBLICO-ALVO

Os destinatários desta carta foram os cristãos judeus da Diáspora, os judeus que se espalharam da Palestina e chegaram à fé em Cristo (1.1). Inúmeras referências judaicas no livro apoiam a alegação de que um judeu o escreveu para outros judeus (p. ex.: 1.18; 2.2, 21; 3.6; 5.4, 7).

¹ Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Transformadora (Editora Mundo Cristão, 2017), salvo indicação específica.

² Veja Donald A. Carson e Douglas J. Moo, *Na Introduction to the New Testament*, págs. 621-626; Douglas J. Moo, *The Letter of James*, (2000), págs. 9-20.

³ P. ex.: Eusébio, *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus*, 2:23:78-79. Eusébio viveu entre 265-340 A. D. Para uma tratativa mais completa, veja Peter H. Davids, *The Epistle of James*, págs. 7-9; Ralph P. Martin, *James*, págs. xxxiii-lxi; e Joseph B. Mayor, *The Epistle of St James*, págs. l-lxv.

⁴ P. ex.: D. Edmond Hiebert, *James*, págs. 17-18; Walter W. Wessel, "The Epistle of James" em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 1429.

DATA

Josefo escreveu que Tiago faleceu em 62 A.D.⁵ Josefo não registrou a data, mas ele identificou a morte de Tiago com a de Pórcio Festo, que morreu em 62 A.D. Sendo assim, Tiago escreveu esta carta antes dessa data. Muitos comentaristas acreditam que a falta de referência de Tiago ao Concílio de Jerusalém (49 A.D.) sugere que ela a tenha escrito antes deste evento. Entretanto, este é um argumento frágil, já que as questões tratadas por Tiago na epístola diferem daquelas discutidas no Concílio de Jerusalém. Qualquer referência ao Concílio de Jerusalém nesta carta seria desnecessária. Contudo, de acordo com a tradição, Tiago escreveu esta epístola logo no início da história da igreja cristã.

Parece a muitos estudiosos e a mim que a epístola de Tiago foi, provavelmente, a primeira divinamente inspirada e que Tiago a escreveu na metade para o final da década de 40, quem sabe entre 45-48 A.D.⁶ Outros poucos comentaristas acreditam que ele escreveu ainda antes disso, quem sabe até em 34 ou 35 A.D.⁷ Vários comentaristas interpretaram a falta de referências ou alusões a outras epístolas inspiradas do Novo Testamento como apoio adicional para esta posição. Acredito não haver motivo substancial para duvidarmos de uma data antiga tradicional.⁸

LOCAL DE COMPOSIÇÃO

já que Tiago morou em Jerusalém durante a maior parte de sua vida cristã, ali parece ser o local mais provável de escrita.

“Toda evidência que restou da vida dele sugere que Tiago passou sua vida inteira em Jerusalém e não empreendeu quaisquer esforços missionários que dariam a ele o direito ao título de Apóstolo”.⁹

De acordo com Eusébio (aprox. 265-340 A.D.), os escribas e fariseus expulsaram Tiago do pináculo do templo, que ficava 50 metros acima do vale do Cedrom, e depois lhe apedrejaram, e um lavadeiro (lavador de roupa do primeiro século) lhe arrancou os miolos com um bastão.¹⁰

⁵ Flavio Josefo, *Antiquities of the Jews*, 20:9:1. Josefo foi um general judeu no exército romano que se tornou, mais tarde, o governador da Galiléia na parte final do primeiro século A.D.

⁶ Veja Arno C. Gaebelin, *The Annotated Bible*, 4:2:9-10, Donald W. Burdick, “James”, em *Hebrews-Revelation*, vol. 12 de *The Expositors Bible Commentary*, pág. 162; Wessel, pág. 1429; Moo, págs. 25-26.

⁷ P. ex.: Zane C. Hodges, “The Epistle of James”, em *The Grace New Testament Commentary*, 2:1100.

⁸ Para uma abordagem completa a respeito da data, veja Mayor, págs. cxliv-clxxvii; ou Davis, pág. 4, que catalogou as opiniões de 64 comentaristas modernos com relação à data de composição.

⁹ F. Rendall, “The Epistle to the Galatians”, em *The Expositor’s Greek Testament*, 3:156. Eusébio, 2:23:75-79.

¹⁰ Eusébio, 2:23:75-79.

CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS

“...conforme a crítica retórica contemporânea afirmou, os documentos do NT foram certamente compostos visando a leitura pública nas igrejas. Consequentemente, a epístola de Tiago é, basicamente, um sermão ou um discurso, na forma escrita”.¹¹

Há inúmeras características singulares nesta epístola. Ela não contém uma referência sequer a quaisquer indivíduos específicos entre os destinatários. Ela não contém uma bênção final. É uma carta com muitos imperativos, em média um imperativo a cada dois versículos.

“Nenhum outro livro do Novo Testamento possui uma concentração de imperativos como Tiago”.¹²

A epístola contém inúmeras analogias e figuras de linguagem, provavelmente mais do que qualquer uma das epístolas de Paulo.¹³ Tiago também faz alusão a mais de 20 livros do Antigo Testamento. Ele fez referência a vários personagens do Antigo Testamento incluindo Abraão, Raabe, Jó e Elias – bem como aos Dez Mandamentos e à Lei de Moises. Certo comentarista observou que este livro “possui o maior elenco de personagens judaicos do que qualquer outro escrito do Novo Testamento”.¹⁴

Há inúmeras referências à natureza em Tiago. Isto era algo característico do ensino rabínico judaico dos dias da Tiago, bem como do ensino do Senhor Jesus Cristo. Há também inúmeras alusões ao ensinamento de Jesus no Sermão do Monte – mais do que em todas as outras cartas do Novo Testamento juntas, de acordo com G. Campbell Morgan.¹⁵ Todavia, há apenas duas referências a Jesus (1.1; 2.1), que foi um fator que levou Martinho Lutero a questionar se este livro era digno de estar no Novo Testamento.¹⁶

¹¹ Hodges, pág. 1101.

¹² Kenneth G. Hanna. *From Gospels to Glory*, pág. 409.

¹³ J. Ronald Blue, “James”, em *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*, pág. 816.

¹⁴ Mayor, pág. ii.

¹⁵ G. Campbell Morgan, *The Unfolding Message of the Bible*, pág. 382. Veja Virgil V. Porter Jr., “The Sermon on the Mount in the Book of James, Part 1”, *Bibliotheca Sacra* 162:647 (Julho-Setembro 2005):344-360; idem, “The Sermon on the Mount in the Book of James, Part 2”, *Bibliotheca Sacra* 162:648 (Outubro-Dezembro 2005):470-482. Para referências de Tiago à natureza e ao Sermão do Monte, veja, também, as tabelas em *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*, págs. 817 e 818.

¹⁶ William Barclay, *The Letters of James and Peter*, pág. 28.

“.. em seu [de Lutero] prefácio ao Novo Testamento de 1522, a epístola de Tiago foi estigmatizada como ‘uma epístola de palha’. Lutero certa vez disse que daria a boina do seu médico a qualquer pessoa capaz de conciliar Tiago e Paulo”.¹⁷

O problema de Lutero era que ele achava que Tiago estava escrevendo acerca de como se tornar um cristão (justificação). Na realidade, Tiago estava escrevendo para cristãos a respeito de como viver a vida cristã (santificação).

“...é possível que não exista erro maior possível ao se interpretar Tiago do que ler a carta à luz dos escritos de Paulo. Precisamos nos lembrar que Tiago está escrevendo (conforme dissemos) antes de Paulo ter escrito qualquer uma de suas cartas...”¹⁸

As notas da versão do Novo Testamento Grego Nestle em Tiago identificam 38 referências a declarações em Mateus. Ambos os livros parecem ter sido escritos na mesma época, a saber, ao final da década de 40 A.D.

“Ambos os escritores [Mateus e Tiago] parecem estar envolvidos com um tipo similar de comunidade...”¹⁹

Entre os principais temas em Tiago temos a perfeição, a sabedoria e a piedade do pobre.²⁰

“Tão logo iniciamos a leitura da carta de Tiago, dizemos a nós mesmos: ‘Este cidadão foi um pregador antes de se tornar escritor’”²¹

“Em termos de estilo, a carta de Tiago nos lembra de Provérbios, nos lembra das denúncias feitas pelos profetas e nos lembra das parábolas nos Evangelhos”.²²

“...uma das características da Epístola é a forma direta e transparente

¹⁷ Roland H. Bainton, *Here I Stand*, pág. 259.

¹⁸ Moo, pág. 83.

¹⁹ E. M. Sidebottom, *James, Jude, 2 Peter*, pág. 14. Para uma tabela de similaridades entre versículos em Tiago e dos Evangelhos Sinóticos, veja, também, Davids, págs. 47-48 e para conexões comuns entre Mateus e Tiago, veja Martin págs. lxxv-lxxvi.

²⁰ Martin, págs. lxxix-lxxxvi.

²¹ J. Alec Motyer, *The Message of James*, pág. 11.

²² Mayor, pág. i.

através da qual as coisas são ditas”.²³

“Sem sombra de dúvida, a Epístola de Tiago é o livro menos teológico do NT, exceção feita a Filemom”.²⁴

“Três doutrinas são mais visíveis do que outras, e dentre elas está a doutrina de Deus. Em consonância com o caráter ético da epístola se encontra a repetida ênfase na doutrina do pecado. E, de forma surpreendente, o terceiro tema teológico mais proeminente é a escatologia”.²⁵

“A epístola de Tiago não é mais anti-paulina do que o Sermão do Monte”.²⁶

“Não é bastante apropriado pensar que Hebreus, que enfatiza a *fé*, é seguido por Tiago, que insiste nas *boas obras*? – que Primeira Pedro, a epístola a respeito da *esperança* futura, é seguida por Segunda Pedro, que diz respeito ao *crescimento* presente na graça? – que as epístolas de João, cuja ênfase repousa no *amor*, devem ser equilibradas por Judas, com o seu chamado ao *batalhar* pela fé? E não é um final absolutamente perfeito, que esta lição progressiva que combina fé com boas obras, esperança futura com crescimento presente e amor fraternal com o batalhar pela fé, seja coroada pela promessa característica de Apocalipse – ‘*Ao vencedor*’?”²⁷

PROPÓSITO

“Por um lado, o design da Epístola é encorajar aqueles a quem é dirigida a suportar suas provações pacientemente e, por outro lado, alertar a respeito de alguns erros de doutrina e de prática”.²⁸

“O propósito desta carta de tom forte é exortar os primeiros cristãos à maturidade cristã e à santidade de vida. Esta carta trata mais da prática da fé cristã do que com seus preceitos. Tiago diz aos seus leitores como alcançar a maturidade espiritual através de uma postura confiante, de um

²³ W. E. Oesterley, “The General Epistle of James”, em *The Expositor’s Greek Testament*, 4:425.

²⁴ Burdick, pág. 164.

²⁵ Ibid., págs. 164-165.

²⁶ George M. Stulac. *James*, pág. 16.

²⁷ J. Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 6:283.

²⁸ Mayor, pág. cxxviii.

serviço movido a compaixão, de uma fala cautelosa, de uma submissão contrita e de um compartilhar interessado no próximo. Ele lidou com cada área da vida do cristão: o que ele é, o que ele faz, o que ele diz, o que ele sente e aquilo que ele possui”.²⁹

“O alvo principal da Epístola é fortalecer a fé e a lealdade dos judeus cristãos à luz da perseguição por parte dos judeus ricos e dos dominadores que os estavam defraudando e perseguindo”.³⁰

ESBOÇO

- I. Introdução 1.1
- II. As provações e a verdadeira religião 1.2-27
 - A. O valor das provações 1.2-11
 - 1. A atitude adequada diante das provações 1.2
 - 2. O produto final das provações 1.3-4
 - 3. A ajuda para adotar tal atitude 1.5-8
 - 4. A visão mais ampla das circunstâncias 1.9-11
 - B. As opções nas provações 1.12-18
 - 1. O objetivo final das provações 1.12
 - 2. A fonte da tentação 1.13-14
 - 3. O progresso da tentação 1.15
 - 4. A bondade de Deus 1.16-18
 - C. A reação apropriada às provações 1.19-27
 - 1. A reação imprópria 1.19-20
 - 2. A reação essencial 1.21
 - 3. A reação completa 1.22-25
 - 4. A conduta externa 1.26-27
- III. O partidarismo e a fé vital cap. 2
 - A. O problema do favoritismo 2.1-13
 - 1. O mandamento negativo 2.1

²⁹ Blue, pág. 818.

³⁰ A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, 6:6.

2. A atual prática inadequada 2.2-4
 3. A inconsistência do favoritismo 2.5-7
 4. O dever do cristão 2.8-9
 5. O significado do partidarismo 2.10-11
 6. A implicação do nosso próprio julgar 2.12-13
- B. A importância da fé vital 2.14-26
1. A declaração de Tiago 2.14
 2. A ilustração de Tiago 2.15-16
 3. A reafirmação que Tiago faz da sua declaração 2.17
 4. Uma objeção 2.18
 5. A refutação de Tiago 2.19-23
 6. O argumento final de Tiago 2.24-26
- IV. O falar e a sabedoria divina cap. 3
- A. Controlando a língua 3.1-12
1. A advertência negativa 3.1
 2. O motivo para a advertência 3.2
 3. Exemplos do perigo 3.3-8
 4. A natureza incontrolável da língua 3.7-8
 5. A inconsistência da língua 3.9-12
- B. Controlando a mente 3.13-18
1. A importância de ser humilde 3.13
 2. A importância de ser gracioso 3.14-16
 3. A importância de se amar a paz 3.17-18
- V. Os conflitos e a submissão humilde cap. 4
- A. As tensões interpessoais e interiores 4.1-10
1. A fonte do conflito 4.1
 2. A explicação do conflito 4.2-3
 3. A natureza da escolha 4.4-5
 4. Os recursos para se escolher corretamente 4.6-10
- B. A exaltação pessoal 4.11-12

- C. A autossuficiência 4.13-17
 - 1. A pessoa centrada em si mesma 4.13-16
 - 2. A exortação conclusiva 4.17

- VI. O dinheiro e a perseverança paciente 5.1-18
 - A. Advertências aos ricos 5.1-6
 - 1. A apresentação do problema 5.1
 - 2. O efeito corrosivo da riqueza 5.2-3
 - 3. O uso impróprio da riqueza 5.4-6

 - B. A atitude adequada 5.7-12
 - 1. A exortação à paciência 5.7-9
 - 2. Exemplos de perseverança 5.10-11
 - 3. A evidência da paciência 5.12

 - C. A ação adequada 5.13-18
 - 1. O caminho para a libertação 5.13
 - 2. A prescrição para ajuda 5.14-16
 - 3. O poder da oração 5.17-18

- VII. O caminho de volta ao viver pela fé 5.19-20

MENSAGEM

O Livro de Tiago nos ensina que a fé em Deus deve resultar numa conduta que se encontra em harmonia com a vontade de Deus. O tema do livro é “viver pela fé” ou “maturidade espiritual”. Tiago é como uma série de cinco sermões organizados para publicação. O mesmo pode ser dito a respeito de Hebreus e de Judas.

O interesse de Tiago era a conduta cristã (ética) como expressão da crença cristã (doutrina). Tiago dificilmente menciona a maioria das principais doutrinas cristãs neste livro. Seu interesse principal era a prática do cristianismo, a manifestação da salvação na prática, como ela realmente é.

O ensino desta epístola tem suas raízes no ensinamento de Jesus no Sermão da Montanha. Obviamente, este foi o maior discurso ético de Jesus. Tiago fez nada menos do que 18

referências ou alusões a Mateus 5-7 em sua epístola. Tiago é uma exposição das ideias principais daquele sermão. Jesus apresentou três grandes revelações no Sermão da Montanha explanadas por Tiago em sua epístola:

Em primeiro lugar, Jesus falou da conduta do cristão. Em Mateus 5:20, Jesus disse: “a menos que sua justiça supere muito a justiça dos mestres da lei e dos fariseus, vocês jamais entrarão no reino dos céus”. Jesus estava falando acerca de como a própria conduta justa se manifesta. Tiago comentou de cinco condutas nas quais seus leitores precisavam demonstrar sua justiça. A propósito, quando Tiago e Jesus falavam de “justiça”, eles normalmente estavam se referindo à conduta correta. Este é o uso mais comum que o Antigo Testamento faz desse termo. Por outro lado, Paulo normalmente utilizou “justiça” sempre que se referiu à condição correta de alguém, a saber, a posição do crente em Cristo.

Em segundo lugar, Jesus esclarece o alvo do cristão. Em Mateus 5:48, Jesus disse: “sejam perfeitos, como perfeito é seu Pai celestial”. Essa maturidade à imagem de Cristo é o alvo de Deus para todo cristão (cf. Ef 4.13). Ao lidar com cada uma das cinco condutas escolhidas por ele, Tiago esclareceu o alvo de que cada cristão deve ter em mente e a direção em que deve caminhar.

Em terceiro lugar, Jesus iluminou o método pelo qual o cristão pode atingir a maturidade (perfeição) em sua forma de agir. Em Mateus 6.1, Jesus disse: “Tenham cuidado! Não pratiquem suas boas ações em público, para serem admirados por outros”. Jesus ensinou que o cristão deve viver para obter a aprovação de Deus, em lugar da aprovação dos homens. Tiago explicou como isso se aplica em cada caso para as cinco condutas com as quais ele lidou em sua epístola. Tiago elucidou como viver para a aprovação de Deus em lugar de viver para a aprovação das pessoas.

Estas três grandes revelações de Jesus no Sermão da Montanha contribuem para o quadro oculto sobre o qual Tiago lança seus desafios a seus leitores. Tais desafios todos lidam com a imaturidade espiritual. O Sermão da Montanha é como a estrutura de uma casa. Tiago cobriu tal estrutura com sua exposição, e aquilo que ele disse está ligado ao que Jesus disse.

No capítulo 1, a conduta com a qual Tiago lida diz respeito às provações: as difíceis experiências que todo cristão enfrenta na vida. Tiago revelou que o alvo de Deus para o cristão, ao permitir que enfrentemos as provações, é a maturidade pessoal. Ele também

explicou que o método pelo qual alcançamos esse alvo é aceitar pacientemente nossas provações como vindas do Senhor.

No capítulo 2, a conduta em foco é o preconceito. O alvo de Deus para o cristão, que o preconceito tende a atrapalhar, é o amor por todas as pessoas. O método pelo qual podemos atingir esse objetivo no plano de Deus é exercitar a fé genuína em Deus. Tiago explicou o relacionamento entre o preconceito e a fé neste capítulo.

No capítulo 3, a conduta é o nosso falar. O alvo de Deus é que abençoemos os outros com o nosso falar: o próprio Deus e todas as demais pessoas. O método é receber e utilizar a sabedoria vinda de Deus.

No capítulo 4, a conduta diz respeito aos conflitos interpessoais e pessoais internos. O alvo de Deus é que mantenhamos paz com os outros e o método de Deus é a submissão a Ele.

No capítulo 5, a conduta diz respeito ao uso que fazemos do nosso dinheiro. O alvo é que usemos o dinheiro para servir aos outros em vez de acumulá-lo para nós mesmos. O método para atingir este alvo é duplo: paciência para com Deus e oração a Deus.

“Seus [de Tiago] parágrafos curtos e abruptos foram comparados a um colar de pérolas – cada um é uma entidade separada em si mesma”.³¹

Eu declararia a aplicação desta epístola com as duas afirmações a seguir:

Primeira, a vida de fé é uma vida de perigo. Se quisermos atingir o alvo de Deus da conduta correta precisamos vencer os obstáculos que se encontram no nosso caminho. A oposição a nós vem de três fontes, cada uma delas tratadas por Tiago em sua exposição de cada uma das condutas.

Precisamos desafiar o espírito (a filosofia popular) do nosso mundo. O sistema do mundo diz: evite as provações (cap. 1), dê preferência às pessoas que podem lhe ajudar (cap. 2), promova-se a partir daquilo que você diz (cap. 3), exija seus direitos (cap. 4) e obtenha o máximo de dinheiro que puder (cap. 5).

Tiago escreveu que também devemos negar as cobiças da carne. A carne é a segunda fonte de perigo que enfrentamos. A propósito, os escritores do Novo Testamento utilizam o

³¹ Wessel, pág. 1430.

termo “carne” (gr. *sarx*) de três maneiras, uma delas literal e as outras duas de maneira metafórica. No sentido literal, o termo diz respeito ao nosso corpo. Metaforicamente falando, ela se refere a todos que estavam em Adão antes da nossa regeneração, ou ela se refere à nossa natureza humana pecaminosa. Aqui Tiago está falando da nossa natureza humana pecaminosa. A carne diz: entregue-se e ceda à tentação que normalmente acompanha as provações (cap. 1), ame a si mesmo em vez de amar ao próximo (cap. 2), glorifique a si mesmo em vez de promover o próximo e a Deus (cap. 3), afirme-se em lugar de depender de Deus (cap. 4) e sirva a si mesmo em vez de servir ao próximo (cap. 5).

Tiago também nos advertiu a que resistamos ao diabo, a terceira fonte de oposição à obra de Deus de produzir justiça em nossa conduta. Satanás diz: “Deus odeia você e suas provações são uma evidência disto” (cap. 1). Satanás diz: “Deus está retendo as coisas boas de você que você certamente receberá se você demonstrar favoritismo aos que são capazes de lhe favorecer” (cap. 2). Satanás diz: “Deus abandonou você, então você precisa falar por si mesmo” (cap. 3). Satanás diz: “Deus não defenderá você, então você precisa se auto afirmar” (cap. 4). Satanás também diz: “Deus não proverá para você, sendo assim você precisa acumular seu dinheiro em lugar de distribuí-lo como um bom despenseiro” (cap. 5).

A segunda afirmação que resume a aplicação do ensino desta epístola é esta: A vida de fé é uma vida de poder bem como uma vida de perigo. Junto com cada um dos cinco problemas principais trabalhados por Tiago, podemos ver que a vida de fé é mais poderosa do que a vida de incredulidade.

A fé é superior ao espírito (filosofia) do nosso mundo. Ela é mais forte que os desejos da carne. Ela é resistente aos ataques do diabo. Portanto, devemos continuar vivendo pela fé. O grande tema de Tiago é que precisamos continuar confiando e obedecendo a Deus. Assim como iniciamos a vida cristã pela fé, precisamos continuar vivendo pela fé diariamente, em lugar de retornarmos ao antigo hábito de confiarmos em nós mesmos e agirmos como incrédulos.³²

³² Adaptado de G. Campbell Morgan, *Living Messages of the Books of the Bible*, 2:2:123-140.

EXPOSIÇÃO

I. INTRODUÇÃO 1.1

O escritor primeiro se identifica para os destinatários de sua epístola, e os saúda para se apresentar a eles.

“Tiago” é a forma grega do hebraico “Jacó”. Ele era provavelmente o meio-irmão do Senhor Jesus Cristo. Ele obviamente se tornou um cristão no final do ministério terreno de Jesus (cf. Jo 7.5; 1 Co 15.7). Tiago se tornou o líder da igreja de Jerusalém logo no início da sua história (Gl 2.9; At 15.13-21).

“Tirando Paulo e Pedro, nenhum personagem na igreja dos primeiros dias exerceu um papel mais substancial no palco histórico e emblemático do que Tiago, o primeiro bispo de Jerusalém”.³³

Tiago se descreveu simplesmente como “escravo” (gr. *doulos*, “servo”, ARA, NVI) “de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. Somente ele e Judas, outro meio-irmão do Senhor, se descreveram simplesmente como escravos em suas epístolas. Isto provavelmente indica que eles eram tão bem conhecidos na igreja primitiva que não precisavam se descrever de forma mais detalhada.³⁴ Tiago não fazia referência a si mesmo como irmão de Jesus ou como líder da igreja. É óbvio que ele não queria se identificar com Jesus segundo a carne (2 Co 5.16) mas simplesmente como seu Senhor e Deus. Ser um escravo de Deus era seu relacionamento mais importante (cf. Rm 1.1; Fp 1.1; Tt 1.1; 2 Pe 1.1; Jd 1; Ap 1.1). Ele colocou Jesus no mesmo nível de Deus ao dizer que era escravo tanto de Deus como do Senhor Jesus Cristo.

O termo “escravo” não trazia consigo uma conotação negativa no primeiro século como carrega hoje. Na Septuaginta, *doulos* descreveu os grandes líderes de Israel que ocuparam posições de privilégio e honra (p. ex.: Moisés [Dt 34.5; et al.]; Davi [2 Sm 7.5; et al.]; e os profetas [Jr 7.25; 44.4; Am 3.7]).³⁵ Ao utilizar esse termo, Tiago estava dizendo com clareza que ele pertencia a Deus e a Jesus de corpo e alma.³⁶

“A servidão dele ao Senhor Jesus Cristo foi a única coisa importante para ele nessa apresentação, pois esse é o tema da sua carta: Como devemos

³³ G. H. Rendall, *The Epistle of James and Judaic Christianity*, págs. 11-12.

³⁴ Mayor, pág. 29.

³⁵ A Septuaginta, geralmente identificada como LXX, é a tradução grega do Antigo Testamento feita no terceiro século A.C.

³⁶ Burdick, pág. 167.

viver por sermos servos do Senhor Jesus Cristo?”³⁷

“[Às] 12 tribos espalhadas” (cf. Mt 19.28; At 26.7) naturalmente são os judeus cristãos da Diáspora, a saber, aqueles que viviam fora da Palestina.³⁸ “Às doze tribos” era sinônimo para a raça judaica.³⁹ Já que esta é uma epístola universal (ou seja, dirigida a um público-alvo geral em contraste com uma carta dirigida à uma igreja ou a um indivíduo específico), alguns estudiosos concluíram que Tiago escreveu tanto para judeus não convertidos como para judeus cristãos.⁴⁰ Entretanto, aquilo que ele escreveu depois desta saudação tinha como alvo os cristãos, e não os incrédulos, como fica claro a partir do conteúdo da epístola.

Tiago nada conhecia a respeito das chamadas dez “tribos perdidas”. Ele considerava Israel, em sua unidade e integralidade, consistindo de 12 tribos. Estes judeus eram, muito provavelmente, membros da igreja de Jerusalém que deixaram a cidade pouco tempo depois do martírio de Estevão (cf. At 8.1, 4; 11.19-20). Alguns estudiosos acreditam que eles moravam dentro da Palestina.⁴¹ Entretanto, a localização do público-alvo não afeta significativamente a interpretação da epístola. Aquilo que Tiago escreveu para eles como irmãos judeus cristãos é normativo tanto para judeus cristãos quanto para gentios cristãos, já que ambos os grupos são um em Cristo.

Não é algo natural utilizar a expressão “doze tribos” como uma descrição do chamado “novo Israel”, a igreja, como fazem alguns intérpretes.⁴² Israel pode ser uma referência, e sempre é, aos descendentes de Jacó sempre que aparece no Novo Testamento, assim como ocorre no Antigo Testamento. Além disso, não existe qualquer outro ensino de que a igreja consiste de 12 partes como a nação de Israel consistia.

Tiago escreveu em grego bastante elevado. Sua gramática, sintaxe e escolha de termos foram excelentes. “Saudações” era uma saudação grega comum conhecida de seus leitores.

II. AS PROVAÇÕES E A VERDADEIRA RELIGIÃO 1.2-27

Tiago iniciou sua carta, que é, de muitas formas, uma palestra ou um sermão, lidando com o problema das provações que todo cristão enfrenta. Os judeus que se tornaram cristãos no início da história da igreja experimentaram muito antagonismo e perseguição dos seus compatriotas

³⁷ Stulac, pág. 30.

³⁸ Hiebert, págs. 32-34. Cf. Martin, págs. 8-11.

³⁹ Oesterley, 4:419.

⁴⁰ P. ex.: Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*, pág. 1448.

⁴¹ P. ex.: Zane C. Hodges, *The Epistle of James*, pág. 12.

⁴² P. ex.: R. V. G. Tasker, *The General Epistle of James*, págs. 39-40; Motyer, pág. 24; e Sidebottom, pág. 26.

judeus incrédulos, conforme fica claro a partir do livro de Atos. Todo cristão que se posiciona a favor do Senhor continua tendo que lidar com tais provações. Consequentemente, o conselho inspirado de Tiago é permanentemente relevante.

A. O VALOR DAS PROVAÇÕES 1.2-11

O escritor destacou o valor das provações para encorajar seus leitores a adotar uma atitude positiva perante tais experiências, a perseverar diante delas e a enxergá-las como instrumentos de Deus. Deus utiliza as provações para moldar o cristão que O glorificará.

1. A atitude adequada diante das provações 1.2

De que tipo de “provações” Tiago estava falando? Será que ele queria dizer algo como não ter dinheiro suficiente, ou reprovar numa avaliação na escola, ou ter que ficar a noite inteira acordado por causa de um filho que está doente: problemas cotidianos? Sim. A palavra grega traduzida por “provação” (*peirasmois*) significa uma prova, especificamente: “uma prova da fidelidade, integridade, virtude e constância de um homem... também uma incitação para pecar, tentação”.⁴³ Inúmeras tentações para que nos afastemos da vontade revelada de Deus são o foco aqui. O contexto apoia tal conclusão. O versículo 3 reafirma estas provações como “a provação da vossa fé” (ARA). Tiago estava falando dos diferentes tipos de provações nas quais experimentamos a tentação de agir como pecadores, em lugar de permanecermos fiéis ao Salvador. Ele não estava fazendo distinção entre tentações internas ou externas.⁴⁴ As provações vem em ambas as direções (cf. v. 14). Qualquer provação pode constituir num teste para nossa fé, a saber, uma tentação para parar de confiar e de obedecer a Deus.

“Quando corretamente encaradas, as provações são inofensivas, mas quando encaradas de forma errada se tornam tentações para o mal”.⁴⁵

Observe que Tiago estava falando a cristãos: “Meus irmãos”. Este título em relação aos leitores ocorre 14 vezes nesta epístola (cf. 1.2, 16, 19; 2.1, 5; 3.1, 10, 12; 4.11; 5.7, 9, 10, 12, 19).

“Até mesmo uma leitura superficial de Tiago 1.2-18 mostra que o escritor considera que seus leitores são cristãos. Podemos dizer que em nenhum outro lugar da carta – nem mesmo em 2.14-26! – ele dá a mínima possibilidade de entendermos que seu público é composto de pessoas que não são seus verdadeiros irmãos e irmãs no Senhor. Se não observarmos este fato simples e óbvio, podemos cair num pântano de interpretações

⁴³ *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, s.v. “*peiraismos*”.

⁴⁴ James B. Adamson, *The Epistle of James*, pág. 53; Sidebottom, pág. 30.

⁴⁵ Robertson, 6:11.

distorcidas, tal como fizeram muitos expositores de Tiago”.⁴⁶

O que vem a seguir é a instrução acerca de como o cristão deveria reagir quando experimenta tentações para pecar.

Tiago aconselhou seus leitores a enxergar os vários tipos de provações e tribulações que estavam enfrentando como oportunidades para crescer. Ele não estava instando com eles a que se alegrassem por passar pelas provações. Ele não defendeu uma visão masoquista que se alegra de forma incomum nas experiências dolorosas que enfrentamos. Pelo contrário, ele ordenou a que enxergassem suas provações como algo vantajoso, mesmo quando desagradável. Outra tradução das palavras traduzidas por “toda alegria” (ARA) ou “grande alegria” (NVI, NVT) poderiam ser traduzidas por “pura alegria”. O oposto seria “alguma alegria” – juntamente com muito sofrimento. A atitude defendida por Tiago aqui é capaz de remover toda a amargura até mesmo das provações mais desconfortáveis. Independentemente da fonte das provações – o mundo, nossa carne ou o diabo – podemos e devemos nos alegrar à medida que passamos por elas. O motivo para isso é descrito a seguir.

2. O produto final das provações 1.3-4

As provações compõem o meio que Deus usa para fazer daquele que nEle crê alguém que honra o Seu nome, a saber, um cristão maduro (“maduros e completos”, v. 4). “Provação” (gr. *dokimion*, ARA) implica em demonstrar a verdadeira qualidade de algo quando isto passa por uma avaliação. A verdadeira natureza do ouro fica evidente quando o refinador aquece o ouro sobre o fogo. De modo semelhante, o caráter de Deus dentro do cristão, que ali se encontra por causa da presença do Espírito Santo, se torna aparente por meio das provações, caso o cristão reaja de modo adequado.

Tais provações são testes da nossa fé no sentido de que a nossa confiança em Deus e nossa obediência a Deus são esticados ao limite por elas. As provações podem resultar em paciência, firmeza e perseverança. A palavra grega traduzida por “paciência” (gr. *hypomonen*, ACF) descreve a qualidade que capacita uma pessoa a permanecer em pé durante uma tempestade.⁴⁷ Se nos submetermos a tais provas, elas nos tornarão mais maduros (plenamente desenvolvidos, “perfeitos”, cf. Mt 5.48; 19.21) e completos (desenvolvidos em todas as áreas da vida). A palavra grega *holokleros* (“perfeito”) refere-se a uma pessoa que cumpre o propósito para o qual Deus a criou: “aquele que atinge plenamente a sua soberana vocação”.⁴⁸ Portanto, não devemos

⁴⁶ Hodges, *The Epistle...*, pág. 18. Ver também Hiebert, pág. 56; e Thomas D. Ice, “Dispensational Hermeneutics”, em *Issues in Dispensationalism*, pág. 32.

⁴⁷ William Barclay, *New Testament Words*, págs. 144-145. Cf. Nigel Turner, *Christian Words*, págs. 318-319.

⁴⁸ Oesterley, 4:422.

escapar das provações mas sim nos submetemos ao processo de maturação com perseverança paciente e alegria. Precisamos aprender a paciência ou não aprenderemos muito mais.

Deus levará todo cristão que suporta as provações, em lugar de delas fugir, à maturidade enquanto esse cristão persevera em meio a tais provações. Tiago ensina que, à luz deste fato, devemos nos regozijar em lugar de nos rebelarmos contra elas. As provações são instrumentos de Deus para o nosso aperfeiçoamento.

“Depois de um quarto de século de ministério, estou convencido de que a imaturidade espiritual é o principal problema em nossas igrejas”.⁴⁹

O conceito de se viver pela fé que Tiago apresentou aqui pela primeira vez parece ser o tema que une todas as partes desta epístola. Outro escritor sugeriu uma variação deste tema, a saber, “os testes de uma fé viva”.⁵⁰ O cristão que não somente experimentou a justificação pela fé no passado, mas vive atualmente pela fé (confiando e obedecendo a Deus), possui aquilo que Tiago chama de “fé viva”. É muito importante que lembremos deste uso da fé viva quando chegarmos à tratativa de Tiago acerca da fé e das obras em 2.14-26.

“A raiz da dificuldade dos leitores se encontra numa concepção distorcida da natureza da salvação pela fé e sua relação com a vida diária como o fundamento para o desenvolvimento do caráter cristão”.⁵¹

3. A ajuda para adotar tal atitude 1.5-8

A referência que Tiago faz a não faltar nada (v. 4) o conduziu a sair do assunto da explicação a respeito das provações para explicar (até o v. 8) a sabedoria necessária para lidar adequadamente com as provações.

“Uma das deficiências que os problemas normalmente revelam é a falta de sabedoria. ...Tiago está falando daquela sabedoria particular necessária para se lidar com as inúmeras provações que a pessoa enfrenta”.⁵²

1.5 O que Tiago acaba de explicar é a sabedoria divina, especificamente, a visão que Deus tem da vida. Entretanto, o mundo, que não tem nem aceita tal sabedoria

⁴⁹ Warren W. Wiersbe, *Be Mature*, pág. 13.

⁵⁰ D. Edmond Hiebert, “The Unifying Theme of the Epistle of James”, *Bibliotheca Sacra* 135:529 (Julho-Setembro 1978):224. Veja, também, o subtítulo da edição de 1979 do comentário dele em Tiago.

⁵¹ Idem, *James*, pág. 37.

⁵² Hodges, “The Epistle...”, pág. 1102.

revelada, normalmente falha em apreciar o valor de se suportar as provações. O cristão está apto a escolher a atitude do mundo para com suas provações, em lugar de escolher a orientação de Deus, tentando fugir delas a qualquer custo. Uma evidência disto é que a porcentagem de divórcios entre cristão é quase a mesma do que a porcentagem entre não-cristãos, pelo menos nos Estados Unidos da América. A maioria das pessoas celebram quando fogem das provações e lamentam quando precisam suportá-las.

Tiago utilizou a palavra “sabedoria” (gr. *sophia*) no sentido que o termo é utilizado na literatura de sabedoria do Antigo Testamento. O termo se refere ao que Deus revelou a respeito da Sua vontade para a vida humana. Sabedoria denota “uma ordem fixa e correta à qual o homem sábio submete sua vida”.⁵³ Os escritores do Novo Testamento frequentemente consideravam a sabedoria como o dom supremo do Espírito Santo, e por vezes a identificavam com o Espírito Santo.⁵⁴ Conseqüentemente, o cristão sábio é aquele que enxerga a vida à luz da revelação de Deus (i.e., Sua Palavra escrita).

Se não compreendemos a visão de Deus acerca da vida, Tiago encoraja a que continuemos pedindo (no grego, presente ativo imperativo) a Deus que nos capacite a fazê-lo. Esta é uma condicional de primeira classe no texto grego, que pressupõe que uma condição é verdadeira por causa do argumento. Todo cristão carece desta sabedoria em alguma medida. Sabedoria implica em enxergar realisticamente a vida pela perspectiva de Deus. O cristão que precisa de mais sabedoria, que pede repetidas vezes a Deus que abra seus olhos e coração, pode estar certo de que Deus concederá repetidas vezes seu pedido. Ele dará esta sabedoria livre e graciosamente (“liberalmente e nada lhes impropria”, ARA).

“Deus dá ao humilde suplicante sem o repreender pelo seu pecado passado e ingratidão, ou pelo seu uso ‘excessivo’ futuro da bondade de Deus”.⁵⁵

Deus fará isso tão frequentemente quanto precisarmos de ajuda (cf. Is 42.3; Mt 12.20). Esta descrição contrasta Deus com o homem de ânimo dobre no versículo 8.

⁵³ Bruce K. Waltke, “The Book of Proverbs and Ancient Wisdom Literature”, *Bibliotheca Sacra* 136:543 (Julho-Setembro 1979):238.

⁵⁴ J. A. Kirk, “The Meaning of Wisdom in James: Examination of a Hypothesis”, *New Testament Studies* 16 (1960):24-38.

⁵⁵ Jamieson, et al., pág. 1448.

Precisamos ler este versículo no contexto para o compreendermos corretamente. Esta não é uma promessa de que Deus dará a todos que pedem a Ele por sabedoria um QI mais elevado. No contexto deste capítulo, aquilo que Deus promete é a capacidade de enxergar a importância de se suportar as provações e perseverar nelas fielmente.

- 1.6 Nas Escrituras, pedir “com fé” sempre significa uma de duas coisas: Significa crer que Deus fará aquilo que Ele prometeu, ou, se Ele não prometeu, crer que Ele pode fazer aquilo que a pessoa está pedindo (cf. Mt 8.1-4; Mc 4.35-41).

“Tiago ensina que a fé é a condição essencial da oração”.⁵⁶

A tradução da NVI “sem duvidar, pois, aquele que duvida” não é a mais precisa. A palavra grega *diakrinomenos*, utilizada duas vezes neste versículo é melhor traduzida assim: “que esta pessoa peça com fé, livre de motivações e atitudes conflitantes, que causam divisão, pois tal pessoa é como a onda do mar...”⁵⁷

A falta de confiança na fidelidade e no poder de Deus manifesta uma falta de consistência na vida do cristão. Tiago comparou a instabilidade que esta inconsistência produz à onda do mar. Ela é dirigida por algo que não ela mesma. A onda corresponde ao cristão, que, ao não se submeter consistentemente à vontade de Deus, é levado por forças externas, em vez de ser guiado internamente pelo Espírito Santo. A onda (gr. *kludon*) pode ser uma referência ao topo da onda que o vento sopra (cf. Lc 8.24). As condições de pressões variadas da vida tendem a nos soprar de modo semelhante.

- 1.7 Os problemas desta pessoa não são apenas subjetivos, sentindo que suas circunstâncias estão lhe direcionando em vez de Deus, mas também são objetivos (reais). Esta pessoa realmente se encontra a mercê das circunstâncias e eventos que não controla. Este tipo de pessoa inconsistente (“mente dividida” e “instável”, v. 8) resiste ao operar de Deus em sua vida. Em vez de simplesmente aperfeiçoar a maturidade na pessoa por meio das provações, Deus agora também precisa disciplina-la (instruí-la) com relação à sua atitude para com as provações.

⁵⁶ Adamson, pág. 57.

⁵⁷Veja David DeGraaf, “Some Doubts about Doubt: The New Testament Use of *Diakrino*”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 48:8 (Dezembro 2005):741-743. Cf. 2.4.

No contexto, “coisa alguma” (v. 7) refere-se primeiramente à sabedoria (v. 5). Se tal pessoa não irá confiar em Deus (“pedir com fé”, v. 6), ela falhará em desfrutar a confiança que vem de saber que Deus está no controle das provações dela e não esperará qualquer coisa (i.e., sabedoria espiritual) vinda do Senhor. Obviamente, num sentido mais amplo, nossa falha em confiar em Deus poderá aniquilar nossa confiança que vem quando sabemos que tudo que Deus revelou é verdade.

- 1.8 Neste contexto, o homem de mente dividida (*dipsychos*, lit. de dois lados; cf. 4.8) é aquele que confia e obedece a Deus somente em alguns momentos, e não de maneira consistente. A pessoa de mente dividida é alguém que tem uma opinião ou uma lealdade dividida (p. ex.: Ló, cf. Mt 6.24; 1 Carta de Clemente de Roma 11.2). Esta pessoa é alguém instável, inconstante e cambaleante como um homem bêbado.⁵⁸

“...o homem em quem a confiança e a desconfiança em Deus batalham constantemente entre si, é uma guerra civil ambulante”.⁵⁹

Em resumo, Deus nos ajudará a obter Suas perspectivas das provações, que Tiago explicou nos versículos 3 e 4, se pedirmos isso a Ele em oração. Podemos e devemos nos alegrar nas provações que se constituem em tentações para que nos distanciemos da vontade revelada de Deus. Podemos nos alegrar plenamente pois sabemos que, se permanecermos fiéis a Deus, Ele usará estas provações para produzir aquilo que O glorifica e que é bom para nós, especificamente, a maturidade espiritual.

4. A visão mais ampla das circunstâncias 1.9-11

Tiago encorajou seus leitores a que adotassem a perspectiva divina das provações que enfrentavam (vv. 2-4). Nos vv. 9-11 ele retorna ao assunto, ampliando a perspectiva dos leitores e encorajando-os a adotar o ponto de vista de Deus em todas as suas circunstâncias atuais.

- 1.9 O cristão materialmente pobre (“de condição humilde”) deve obter sua alegria direcionando seu pensamento para sua riqueza espiritual (“elevada posição”).

⁵⁸ Robertson, 6:15.

⁵⁹ William Barclay, *The Letters...*, pág. 54.

1.10 Em contrapartida, o materialmente rico (“o rico”) deve se lembrar que as riquezas são temporárias (“murchará”) e que a condição real de alguém perante Deus é muito humilde (“insignificante”).

“A Cruz de Cristo eleva o pobre e rebaixa o exaltado. Ela é a grande niveladora do homem”.⁶⁰

“O velho ditado diz: ‘Não há bolso em uma mortalha’”.⁶¹

Em muitos lugares de Israel a grama não é muito resistente, e algumas partes ela fica verde por apenas algumas poucas semanas. O termo “flor da erva” (ARA) obviamente nos leva a Isaías 40.6-8. Trata-se de uma combinação de dois pensamentos, especificamente, a grama que seca e a flor que murcha. No hebraico, a mistura de metáforas era uma forma de enriquecer o pensamento.⁶²

Os comentaristas diferem na compreensão acerca de quem eram os ricos mencionados por Tiago. Alguns concluíram que eram cristãos à luz da afirmação paralela de Tiago no versículo 9. Estes entendem o verbo *kauchaomai* (“gloriar”, ARA, ou “se orgulhar”), no versículo 9, como também aplicável como verbo no versículo 10. Semelhantemente, o sujeito “irmão”, no versículo 9, parece ser novamente o sujeito no versículo 10.⁶³ Outros intérpretes acreditam que o contexto aponta para os ricos não salvos.⁶⁴ Creio que a evidência favorece a visão de que eram cristãos, provavelmente judeus cristãos (cf. 5.1-6). Mas, o fato de que Tiago não deixa isto claro sugere que ele tencionava uma verdade geral que se aplica a ambos os grupos de pessoas: a riqueza material não tem qualquer valor à luz da morte e do juízo (cf. 1 Tm 6.9-10, 17-19).

“Não há honra maior do que ser objeto do interesse gracioso e amoroso de Deus”.⁶⁵

1.11 A flor da erva refere-se ao seu estágio de crescimento verde e exuberante, quando está no auge de sua vitalidade. Ela logo seca e fica marrom no Oriente

⁶⁰ Robertson, 6:15.

⁶¹ J. Vernon McGee, *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 5:630.

⁶² Derek Kidner, *Psalms 1-72*, pág. 151.

⁶³ P. ex.: Mayor, págs. 45-46; Adamson, pág. 62; Hiebert, *James*, pág. 78; C. Leslie Mitton, *The Epistle of James*, pág. 33; e Blue, pág. 82.

⁶⁴ P. ex.: Davids, págs. 76-77; Stulac, págs. 195, 199; e Martin, págs. 25-26.

⁶⁵ Hodges, *The Epistle...*, pág. 23.

Médio (cf. Mt 6.30). Semelhantemente, a pessoa rica pode murchar rapidamente (cf. 4.13).

“Falando a respeito do seu amigo, um cristão pobre, o rico incrédulo disse: ‘Quando eu morrer, deixarei toda a minha riqueza. Quando meu amigo morrer, ele irá rumo à sua [riqueza]’”.⁶⁶

Nossas provações, bem como nossas vitórias, na terra são apenas temporárias. Este fato deveria nos ajudar a perseverar em nossas provações e nos impedir de confiar em nós mesmos nos triunfos que obtivermos.⁶⁷

“Tiago parece indicar que as provações apagam quaisquer distinções superficiais que se pensa poderem separar o irmão rico do pobre”.⁶⁸

Esta introdução do livro (vv. 2-11) encontra-se em equilíbrio com a sua conclusão (5.7-20). Ambas as seções falam a respeito da necessidade de paciência (1.2-4; 5.7-12) e da oração (1.5-8; 5.13-18) e ambas encerram com uma ênfase em todas as situações contrastantes da vida (1.9-11; 5.19-20).⁶⁹

B. AS OPÇÕES NAS PROVAÇÕES 1.12-18

Até aqui, Tiago revelou o valor das provações, como Deus as utiliza para aperfeiçoar o cristão e também como obter a perspectiva divina nas provações de alguém quando isto é difícil de enxergar. A seguir, ele continua explicando as consequências da obediência e da desobediência, e a fonte das tentações, de forma que seus leitores sejam capazes de lidar de maneira eficiente com suas provações.

1. O objetivo final das provações 1.12

Considerando como Deus usa as provações na nossa vida, devemos perseverar alegremente na vontade dEle.

“Toda provação, toda dificuldade externa, traz consigo uma tentação, uma

⁶⁶ Adamson, pág. 66.

⁶⁷ Veja, James E. Allman, “Suffering in the Non-Pauline Epistles”, em *Why O God? Suffering and Disability in the Bible and Church*, págs. 200-204.

⁶⁸ Burdick, pág. 169.

⁶⁹ Motyer, pág. 12.

sedução interna para pecar”.⁷⁰

O cristão que persevera nas provações, que não cede às tentações para se distanciar da vontade revelada de Deus, demonstra seu amor a Deus. Tiago usou aqui a mesma palavra grega para provações que usou no versículo 2, mas aqui o sentido negativo da mesma (tentações) é o que ele tem em mente.⁷¹ Aquele que persevera nas provações por conta do seu amor a Deus, enquanto é severamente tentado, é a pessoa que Ele recompensará com a coroa da vida (cf. Ap 2.10). Somente a pessoa que persevera nas provações e tentações severas receberá essa bênção.⁷²

“...Tiago iniciou a oração com a palavra ‘Feliz’ *makarios*, numa espécie de nova bem-aventurança, lembrando de Mateus 5.3-10 e especialmente 5.11-12, no qual Jesus encorajou a perseverança nas provações ‘porque uma grande recompensa os espera no céu’. ...a coroa da vida será a recompensa final, o cumprimento da vida eterna e a exaltação com Cristo, que será desfrutada por aquele que, por causa da sua fé em Cristo, amou suficientemente a Deus para viver de forma fiel, obedecendo a Ele em meio às provações”.⁷³

“Fica evidente que esta ‘vida que Deus prometeu’ é mais do que a vida eterna dada a todo cristão no momento da salvação (Jo 5.24). Já que ela é uma recompensa por uma realização posterior à fé inicial, deve referir-se a uma qualidade de vida ainda mais elevada”.⁷⁴

“Muitos cristãos, nos dias de hoje, seguem o mesmo caminho trilhado por Esaú (considerando o direito de primogenitura como sendo de pouco valor) e tais cristãos um dia chegarão ao fim da questão na mesma posição de Esaú. Embora atualmente na fila para serem abençoados como primogênitos (cada cristão é um filho primogênito de Deus), terão perdido esse direito; e serão rejeitados quanto à bênção”.⁷⁵

“A ideia de que todo cristão ama *de fato* a Deus é uma ficção. Até mesmo

⁷⁰ Moo, pág. 72.

⁷¹ Veja Buist M. Fanning, “A Theology of James”, em *A Biblical Theology of the New Testament*, pág. 419.

⁷² Veja Mayor, pág. 194.

⁷³ Stulac, pág. 194.

⁷⁴ Burdick, pág. 171. Cf. Curtis Vaughan, *James*, pág. 28.

⁷⁵ Arlen L. Chitwood, *Jugement Seat of Christ*, pág. 157. Cf. Hb 12.16.

o nosso Senhor sentiu necessidade de exortar seu ciclo mais próximo dos onze discípulos quanto a isso (cf. Jo 14.21-24). ...Em nenhuma outra circunstância mais do que nas provações a presença ou a ausência do amor a Deus na vida do cristão se torna mais evidente”.⁷⁶

Para outras promessas dadas ao que amam a Deus, veja Êxodo 20.6; Deuteronômio 7.9; 30.16, 20; Juízes 5.31; Salmo 5.11; Isaías 64.4; 1 Coríntios 2.9; e 2 Timóteo 4.8. As outras “coroas” mencionadas pelos escritores do Novo Testamento provavelmente não são coroa materiais ou físicas, mas sim, como esta coroa, referências à plenitude das qualidades mencionadas em seus respectivos contextos: fidelidade, perseverança, liderança, lealdade a Cristo, pregação do Evangelho e derrotar o mundo. Em outras palavras, devemos provavelmente interpretá-las como metáforas em lugar de enxergá-las como coroas literais.

AS COROAS DO CRISTÃO		
Título	Motivo	Referência
Uma coroa imperecível	Por viver uma vida disciplinada	1 Co 9.25
Uma coroa de alegria	Por evangelismo e discipulado	1 Ts 2.19
Uma coroa de justiça	Por viver a expectativa da vinda do Senhor	2 Tm 4.8
Uma coroa da vida	Por perseverar nas provações	Tg 1.12; Ap 2.10
Uma coroa de glória	Por pastorear fielmente o rebanho de Deus	1 Pe 5.4

O Novo Testamento também descreve as recompensas do crente como metais preciosos (1 Co 3.8-14) e como vestes (Ap 3.5, 18; 19.7-8). Aquele que demonstra seu amor pelo Senhor perseverando nas provações receberá vida em seu potencial mais pleno – agora e no futuro.

A HERANÇA FUTURA DO CRISTÃO	
O que todo cristão herdará	O que o cristão fiel receberá adicionalmente
<ul style="list-style-type: none"> Entrada no reino de Deus (Jo 3.3, 5; 1 Co 6.9; Gl 5.21; Ef 5.5) Vida eterna (Jo 3.16, 36; et al.) Aceitação por parte de Deus (Rm 5.1; 8.31-39) Nenhuma condenação (Rm 5.9; 8.1; 1 Ts 1.10) Ressurreição ou trasladação (1 Co 15.53-57; 1 Ts 4.13-17) Glorificação (1 Pe 1.9) 	<ul style="list-style-type: none"> Vida eterna abundante (Tg 1.12; Ap 2.10) Reinar com Cristo (Lc 19.17, 19; 2 Tm 2.12; Ap 2.26-27) Louvor de Deus (Mt 25.21, 23; Lc 19.17; Jo 12.26; 2 Tm 4.8; 1 Pe 1.7; 5.4) Intimidade com Cristo (Jo 15.14) Várias recompensas (Mt 5.12, 46; 6.1, 2, 4, 5, 6, 16, 18; 10.41-42; 16.27; Mc 9.41; Lc 6.23, 35; 1 Co 3.8, 14; 9.16-18, 25, 27; 2 Co 5.9-11; Fp 4.1; Cl 3.24; 1 Ts 2.19; 1 Tm 4.14; 5.18; 2 Tm 2.5; 4.8; Hb 11.6; 1 Pe 5.4; 2 Jo 8; Ap 2.7, 11, 17, 28; 3.5, 11, 12, 21; 11.18; 22.12)

⁷⁶ Hodges, *The Epistle...*, págs. 26-27. Veja, também, Joe L. Wall, *Going for the Gold*, págs. 128-129, 140-151.

2. A fonte da tentação 1.13-14

Tiago não quis que concluíssemos que, uma vez que Deus permite que experimentemos provações, Ele, portanto, deve ser a fonte da tentação. Esta dedução pode nos encorajar a ceder ao pecado.

- 1.13 Deus nunca é a fonte da tentação. Ele não nos tenta para que pequemos. Mesmo assim algumas pessoas culpam a Deus por seus pecados.

“Alguns judeus raciocinaram: já que Deus criou todas as coisas, Ele deve ter criado o impulso para o mal. E uma vez que é o impulso para o mal que tenta o homem a pecar, por fim, Deus, que criou o impulso, é o responsável pelo mal”.⁷⁷

O próprio Deus não está nem mesmo sujeito à tentação, pois Ele está totalmente separado do pecado e não é suscetível ao mal.⁷⁸ O único sentido no qual Deus parece ser responsável pela existência do pecado é o fato de Ele permitir que outras coisas nos tentem, especificamente, o mundo, a carne e o diabo (cf. Jó 1-2). Tiago não menciona isto aqui.

Jesus ensinou Seus discípulos a orarem: “E não nos deixes cair em tentação” (Mt 6.13; Lc 11.4). Jesus utilizou uma figura de linguagem (i.e., litotes) na qual Ele expressou uma ideia positiva negando o contrário. Nem Tiago, nem Jesus na Oração do Pai Nosso, estavam sugerindo que Deus, por vezes, nos leva à tentação. Tiago quis dizer que Deus é capaz de nos ajudar a ficarmos longe do pecado. Essencialmente, Jesus quis dizer que deveríamos pedir a Deus que nos permita experimentar o mínimo de tentação possível (cf. Mc 14.38). Tiago não estava contradizendo o ensinamento de Jesus.

“Todos nós conhecemos muitas pessoas que deixaram de caminhar com Deus sob a pressão de problemas ou tragédias...”⁷⁹

- 1.14 Em vez de culpar a Deus, precisamos reconhecer que somos os responsáveis quando cedemos à tentação, e não Deus. Não há nada em Deus que reage

⁷⁷ Wessel, pág. 1431.

⁷⁸ Mayor, pág. 53. Veja, também, a abordagem mais profunda dele acerca do assunto nas páginas 195-197.

⁷⁹ Motyer, pág. 50.

positivamente ao pecado, mas há muito em nós que o faz.

“Desejo (*epithymia*) [cobiça, ARA] nem sempre tem um significado negativo (cf. Lc 22.15; Fp 1.23), mas aqui, como normalmente ocorre no Novo Testamento, ele faz referência ao desejo carnal, egoísta e ilícito. Enquanto a palavra normalmente descreve paixões sexuais especificamente, o uso do singular aqui sugere um conceito mais amplo”.⁸⁰

Qual é a diferença prática se Deus nos tenta ou se Ele nos permite experimentar a tentação por outras fontes? Quem sabe podemos apreciar melhor a diferença se pensarmos em Deus como nosso Pai. Nenhum bom pai terreno seduziria deliberadamente o seu filho para o pecado, tentando levá-lo a pecar. Entretanto, todo bom pai permitirá deliberadamente seu filho a passar por situações na vida nas quais a criança precisa fazer escolhas morais. Percebemos que enviar uma criança para uma escola ou para uma comunidade, na idade apropriada, é bom para a criança, pois isso fará com que ela amadureça. Semelhantemente, Deus nos faz crescer espiritualmente permitindo que algumas experiências, incluindo as tentações, nos acometam - embora Ele mesmo só dê boas dádivas aos Seus filhos (v. 18; Lc 11.13). De modo semelhante, um bom professor testará seus alunos para ajuda-los a crescer, mas jamais os tentará para fazer o que é perverso.

3. O progresso da tentação 1.15

A cobiça, neste contexto é simplesmente o desejo de fazer, ter ou ser algo fora da vontade revelada de Deus. A cobiça é dissimulada, mas, por vezes, se manifesta abertamente. Se não controlarmos rapidamente e impedirmos a cobiça, ela levará ao pecado e, se não confessarmos e abandonarmos o pecado, ele nos levará à morte (Rm 6.21-23; 8.6). Certo comentarista identificou utilmente sete passos sucessivos da tentação.⁸¹

“O pecado é o resultado da entrega da vontade ao pedido da *epithymia* [cobiça] em lugar do norteamento da razão”.⁸²

“Martinho Lutero expressou isso em seus escritos da seguinte maneira: ‘Não podemos impedir que os pássaros voem sobre a nossa cabeça, mas podemos impedir que eles nela façam ninhos’”.⁸³

⁸⁰ Douglas J. Moo, *The Letter of James* (1985), pág. 73.

⁸¹ Veja o Apêndice: Os Passos da Tentação, ao final deste comentário bíblico expositivo.

⁸² Mayor, pág. 55.

⁸³ McGee, 5:636.

A cobiça pode levar à morte física de um cristão (1 Jo 5.16) e pode levar à morte física e espiritual do incrédulo. A ilustração vívida de Tiago do processo de concepção da vida descreve graficamente a relação causa e efeito entre a cobiça, o pecado e a morte. Deus deseja nos conduzir à plenitude de vida (v. 12), mas se reagirmos de forma imprópria à cobiça e cedermos à tentação, não obteremos a coroa da vida, mas sim a morte. Neste versículo, “morte” é o oposto de “vida” no versículo 12. O resultado final de ceder à tentação é a morte (cf. Pv 10.27; 11.19; 12.28; 13.14; e 19.16), mas o resultado final de resistir a ela é a plenitude de vida (cf. Jo 10.10).

“Esta imagem que capta a nossa atenção foi concebida para fazer com que pecadores parem no caminho que estão trilhando, para que vejam que a morte é o fim natural e terrível do pecado, e não que seja apenas um resultado ocasional para alguns pecadores”.⁸⁴

“Corte o pecado pela raiz”.⁸⁵

4. A bondade de Deus 1.16-18

Tiago agora defende Deus daqueles que duvidam da Sua bondade e confiabilidade, ou que desistiram, num momento de provação, e concluíram que este era o destino deles.⁸⁶ O termo teológico para a defesa do caráter de Deus é “teodiceia”.

1.16 Tiago queria que seus leitores não tivessem dúvida acerca dos propósitos e métodos de Deus ao lidar com eles, Seus filhos. A mesma expressão “Não se deixem enganar” ocorre em 1 Coríntios 6.9; 15.33; Gálatas 6.7; e 1 João 3.7. Sem sombra de dúvida, Deus não é a fonte de tentação para o pecado.

Quando Deus ordenou que Abraão oferecesse Isaque como sacrifício humano (Gn 22.2), apenas parecia a Abraão que Deus o estava tentando a cometer um homicídio. Mas Deus o impediu de matar o seu filho (Gn 22.12). Este foi um teste para a obediência de Abraão, e não uma tentação para que pecasse.

Tiago esclareceu os propósitos e métodos de Deus nos dois versículos seguintes: 17 e 18 (cf. Gl 4.7). O versículo 15 adverte contra cedermos à tentação nos lembrando do juízo de Deus, e o versículo 17 nos adverte lembrando da

⁸⁴ Stulac, pág. 56.

⁸⁵ Jamieson, et al., pág. 1449.

⁸⁶ Martin, pág. 39.

bondade de Deus.

- 1.17 Todo ato de presentear (melhor do que “Toda boa dádiva”, gr. *dosis*), e toda dádiva perfeita dada (gr. *dorema*), tem sua fonte em Deus. Isso não inclui a tentação para pecar.

“No texto grego há duas palavras distintas para descrever a dádiva de Deus. A primeira (*dosis*) significa ‘o ato de presentear’ e está acompanhada do adjetivo *boa*, enquanto a segunda (*dorema*) denota as dádivas reais recebidas e é precedida pelo adjetivo *perfeita*. A primeira expressão enfatiza a bondade de recebermos algo de Deus, enquanto a segunda a qualidade perfeita daquilo que Deus nos presenteia. O doar de Deus é continuamente bom, e suas dádivas são sempre perfeitas”.⁸⁷

Deus criou o sol e a lua por meio dos quais conseguimos enxergar variação na luz. Entretanto, não há variação no lidar de Deus com Suas criaturas (cf. 1 Jo 1.5). Ele sempre faz tudo para a Sua própria glória e para o bem das Suas criaturas.

“Sendo assim, sendo Ele o Pai daquelas gloriosas fontes de luz, e assim... mais puro e mais claro do que tudo, não é possível que Ele tente para o mal”.⁸⁸

“Do alto” é a tradução da mesma palavra grega (*anóthen*) que Jesus usou em João 3.7 quando disse a Nicodemos que ele precisava nascer “de novo”. Ali, o foco é o novo nascimento que é a dádiva boa e perfeita de Deus.

- 1.18 A maior das dádivas de Deus para o cristão é o presente da nova vida em Cristo. A iniciativa deliberada de Deus (“Sua própria vontade”) deu este presente a nós, e Sua revelação especial comunicou isto a nós (i.e., “por meio de sua palavra verdadeira”). Este versículo, juntamente com o anterior, mostra claramente que Tiago acreditava que a vida eterna é uma dádiva da graça de Deus.⁸⁹ Precisamos ter isto em mente quando lemos a tratativa de Tiago acerca de fé e obras que vem a seguir no capítulo 2. Tiago também concordou com Paulo de que a nossa

⁸⁷ *The Nelson Study Bible*, pág. 2105.

⁸⁸ Henry Alford, *The Greek Testament*, 4:2:282.

⁸⁹ Veja Zane C. Hodges, *The Hungry Inherit*, págs. 43-53.

salvação brota da soberana vontade de Deus (cf. Rm 4.21-22; 2 Co 4.6). Ele a iniciou pelo exercício da Sua vontade.

Os “primeiros frutos” provavelmente fazem referência a todo cristão que persevera a despeito das provações. Todo cristão trará glória ao nome de Deus, mas o cristão que permanece fiel a Cristo agradecerá muito a Deus, como os primeiros frutos em Israel eram uma oferta especial a Deus. O termo grego traduzido por “primeiros frutos” (*aparche*) refere-se ao que é primeiro em honra, bem como ao que é primeiro quanto à ordem. Os escritores bíblicos utilizaram o termo para falar “de pessoas superiores em excelência aos outros da mesma classe”.⁹⁰

O objetivo destes versículos (17-18) parece ser que a intenção de Deus para todas as pessoas, e cristãos em particular, é invariavelmente o abençoar delas. Em lugar de enxergarmos as tentações como vindas da vontade de Deus do céu, devemos vê-las como os inimigos potenciais do crescimento espiritual. Em lugar de cedermos ao peso delas, precisamos nos proteger das mesmas. Podemos fazer isso sabendo que o esforço nos tornará melhor nesta vida, e fornecerá uma recompensa maravilhosa para a vida eterna. Satanás nos tenta para extrair o que de pior há em nós, mas Deus permite que sejamos tentados para gerar o melhor que Ele pode realizar em nós (cf. Jó 1-2).

“Tiago esboçou a fonte da tentação, os passos na tentação e a solução para a tentação”.⁹¹

C. A REAÇÃO APROPRIADA ÀS PROVAÇÕES 1.19-27

Depois de explicar o valor das provações e nossas opções diante delas, a seguir Tiago exortou seus leitores a responder apropriadamente às suas provações. Neste trecho ele enfatizou a Palavra de Deus, pois ela é a chave para resistir às tentações e para reagir corretamente às provações (cf. Mt 4.1-11).

“A receptividade à Palavra, a resposta à Palavra e a resignação à Palavra são essenciais para o crescimento espiritual. É preciso aceitar a Palavra de Deus, agir conforme ela prescreve e cumprí-la”.⁹²

⁹⁰ *A Greek-English...*, s.v. “aparche”. Cf. Ap 14.4.

⁹¹ Blue, pág. 822.

⁹² *Ibid.*

1. A reação imprópria 1.19-20

1.19

Os leitores de Tiago já conheciam aquilo que ele acabara de lembrá-los nos versículos anteriores (vv. 17-18; cf. Pv 10.19; 13.3; 14.29; 15.1; 17.27-28; 29.11, 20; Ec 7.9). Todavia, eles precisavam agir em harmonia com tal conhecimento.

“Ele [Tiago] reforça o ensinamento a respeito da nossa natureza pecaminosa, ligada à morte, com o clamor ‘*Não se deixem enganar, meus amados irmãos*’ (16); ele reforça o ensinamento sobre o novo nascimento com o clamor ‘*Entendam isto, meus amados irmãos*’ (19a)”.⁹³

Podemos reagir às provações reclamando acerca delas, ficando com raiva delas. Tiago orientou seus leitores a permanecerem em silêncio (“não se apressem em falar”) e calmos (“nem em se irar”) e a ouvir de maneira submissa (“prontos para ouvir”) a Palavra de Deus.⁹⁴

“É possível ser infalivelmente regular na leitura bíblica e não conseguir nada além de avançar o marcador do livro: esta é uma leitura sem relação com um espírito atento”.⁹⁵

Muitas pessoas observaram que temos dois ouvidos e uma boca, o que deve nos lembrar de ouvir duas vezes mais do que falamos (cf. Pv 10.19; 17.27). Aparentemente foi Zenão de Cítio (334-262 a.C.), o fundador do estoicismo, a fonte conhecida mais antiga desta observação.⁹⁶ Os rabinos também observaram que nossos ouvidos estão abertos e expostos, ao passo que nossa língua está murada atrás de nossos dentes e lábios.⁹⁷

“Quem fala sem parar pode facilmente se transformar num ardente polemista”.⁹⁸

“O grande falador raramente é um ótimo ouvinte, e nunca o ouvido se torna mais firmemente fechado do que quando a

⁹³ Motyer, pág. 61.

⁹⁴ Veja David W. Augsburger, *Seventy Times Seven: The Freedom of Forgiveness*, págs. 51-63.

⁹⁵ Motyer, pág. 65.

⁹⁶ Martin, pág. 54.

⁹⁷ Jamieson, et al., pág. 1450.

⁹⁸ Alexander Ross, *The Epistles of James and John*, pág. 38.

raiva toma conta dele”.⁹⁹

“Certa vez um grande linguista foi homenageado pelo fato de ser capaz de ficar em silêncio em sete línguas diferentes”.¹⁰⁰

“O meio mais eficaz de ministério... é responder às necessidades; não despejar nossa tensão”.¹⁰¹

1.20 Uma resposta irada às tentações não produz a justiça que Deus tenciona produzir no caráter e na conduta do cristão. As dificuldades da vida têm o alvo de nos tornar melhores; jamais mais amargos.

“A política que Tiago condena é a de procurar promover a causa da liberdade através da violência politicamente motivada e engendradora (um esforço que será tratado em 4.1-3)”.¹⁰²

2. A reação essencial 1.21

A impureza em questão parece ser uma referência a todo tipo de conduta impura que se encontra fora da vontade revelada de Deus, incluindo a ira. “Acúmulo de maldade” (ARA) são aqueles hábitos perversos de vida que trazemos do mundo não redimido (cf. Sl 17.4; Lc 6.45). O cristão deve aceitar humildemente aquilo que Deus revelou (“aceitem humildemente a palavra”) e deve reagir cooperando com aquilo que Deus ordenou. A Palavra de Deus então, terá solo fértil na qual poderá crescer, e isso redundará numa colheita abundante de caráter e numa conduta justa no cristão.

“Nós oramos por segurança em lugar de orarmos por pureza pois não enxergamos a impureza como algo perigoso”.¹⁰³

Alguns intérpretes entenderam esta frase “pois ela tem poder para salvá-los” como que sugerindo que a alma dos leitores de Tiago ainda precisava experimentar a salvação da condenação eterna. Mas, uma vez que os leitores dele eram cristãos (vv. 1-2), alguns interpretaram que quando o cristão peca ele perde sua salvação e precisa ser salvo novamente. Todavia, as palavras utilizadas por Tiago, em seu contexto, deixam claro que não foi isso que ele

⁹⁹ Motyer, pág. 65.

¹⁰⁰ Barclay, *The Letters...*, pág. 65.

¹⁰¹ Paul A. Cedar, *James, 1, 2, Peter, Jude*, pág. 43.

¹⁰² Martin, pág. 48.

¹⁰³ Stulac, pág. 71.

quis dizer. “Salvar sua vida” ou “salvar a vocês mesmo” (gr. *psychas*) é uma tradução melhor que aparece em outros lugares do Novo Testamento (cf. Mt 16.24-27; Mc 3.4; Lc 6.9; 9.56; Tg 5.20; 1 Pe 1.9). Conteí 40 ocorrências no Novo Testamento nas quais alguns tradutores traduziram o termo grego *psyche* como “vida” em lugar de “alma”.¹⁰⁴ A palavra grega traduzida por “alma”, em contraste com o seu uso no português, normalmente não descreve uma parte do indivíduo que é diferente da outra parte da pessoa, como o corpo, mas muitas vezes descreve a pessoa com um todo.

“...a expressão [salvá-los] jamais é encontrada em qualquer texto do Novo Testamento que descreva a experiência da salvação!”¹⁰⁵

Por meio da obediência à Palavra de Deus, o cristão é capaz de salvar (preservar) a sua vida (a si mesmo, sua pessoa completa) das consequências do pecado. A consequência final do pecado para o cristão rebelde é a morte física (não eterna) prematura (cf. 1.15; 5.19-20; Pv 10.27; 11.19; 12.28; 13.14; 19.16; Rm 8.13; 1 Co 11.30; 1 Jo 5.16).¹⁰⁶ Tiago ainda estava falando a respeito das consequências de se obedecer e de se desobedecer a Deus: a coroa da vida (v. 12) ou a morte (v. 15).

“Percebe-se que a Epístola de Tiago, de todos os escritos do Novo Testamento, é o conteúdo que reflete mais claramente a literatura de sabedoria do Antigo Testamento. O tema da morte como consequência do pecado é algo extremamente frequente no livro de Provérbios. ...Deveria ser claro que este é o conceito vétero-testamentário que fornece o pano de fundo para o pensamento de Tiago. Um reconhecimento deste fato esclarece muita coisa”.¹⁰⁷

3. A reação completa 1.22-25

Enquanto os versículos 19-21 enfatizam a importância de se ouvir a Palavra, os versículos 22-25 enfatizam a necessidade de colocarmos a Palavra em prática: aplicando-a.

1.22 Praticantes da Palavra, neste contexto, significa perseverar na vontade revelada de Deus quando experimentando uma tentação para se distanciar dela. Ouvir a vontade revelada de Deus é bom e indispensável, mas a obediência deve ser a consequência de se ouvir a Palavra. Alguns discípulos cristãos se enganam

¹⁰⁴ Veja, também, Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings*, págs. 118-119; e Hodges, *The Epistle...*, pág. 41.

¹⁰⁵ Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege*, pág. 24.

¹⁰⁶ Veja Arlen L. Chitwood, *Salvation of the Soul*, págs. 25-34.

¹⁰⁷ Hodges, *The Gospel...*, págs. 24-25.

achando que conhecer a vontade revelada de Deus é tudo que é necessário, mas isso é apenas o fundamento para fazermos a vontade de Deus.

“A bênção não vem por meio do *estudo* da Palavra; advém do *praticar* a Palavra”.¹⁰⁸

“A convocação para ‘fazer aquilo que ensina’ repousa no coração do ensino de Tiago. Isso resume a mensagem de todo livro: Coloque em prática aquilo que você professa crer. De fato, 1.22 pode ser bem o versículo-chave da epístola de Tiago”.¹⁰⁹

Os leitores originais de Tiago estavam acostumados a ouvir as Escrituras sendo lidas em voz alta semanalmente nas sinagogas.¹¹⁰ Eles eram ouvintes da Palavra de Deus.

1.23-24 Esta ilustração é tão clara e tão comum que não necessita ser comentada. O verbo grego *katanoeo* (olhar) refere-se a uma observação cuidadosa. Não se trata de um olhar superficial, conforme alguns sugeriram.

1.25 A lei mencionada por Tiago é a revelação da vontade de Deus contida nas Escrituras (cf. Mt 5.17). Ela é perfeita pois é a vontade perfeita de um Deus perfeito.

“Diferente do espelho metal imperfeito da ilustração anterior, esta lei é capaz de fornecer para o seu contemplador uma revelação verdadeira e não distorcida de si mesmo”.¹¹¹

“A lei de Deus é perfeita, em primeiro lugar, porque ela expressa perfeitamente a natureza dEle e, em segundo lugar, pois ela descreve perfeitamente a nossa natureza”.¹¹²

Ela é a “lei da liberdade” pois, ao obedecê-la, encontramos a verdadeira libertação do pecado e de suas consequências (i.e., a vida real).

¹⁰⁸ Wiersbe, pág. 16. Cf. Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 1932.

¹⁰⁹ Burdick, pág. 175.

¹¹⁰ Oesterley, 4:432.

¹¹¹ Hiebert, *James*, pág. 122.

¹¹² Motyer, pág. 70.

“A verdadeira liberdade é a oportunidade e a capacidade de dar expressão ao que realmente somos”.¹¹³

Repare a concordância de Tiago com Paulo de que o cristão vive em liberdade comparativa sob a “lei de Cristo” ao invés da Lei Mosaica (Gl 5.1; 6.2; 1 Co 9.21; cf. Mt 11.30). A adesão obediente à Palavra de Deus é a chave para se experimentar as bênçãos de Deus nesta vida, bem como no futuro escatológico (fim dos tempos – cf. Mt 5.3-11).

“...a carta ...é um ‘livro da lei’ num sentido mais profundo e mais abrangente do que qualquer outro escrito do Novo Testamento”.¹¹⁴

“Toda a Epístola está fundamentada nesta lei perfeita de Cristo, mais especialmente na declaração dela contida no Sermão da Montanha...”.¹¹⁵

“Consequentemente, a passagem cai em três seções, cada qual uma resposta distinta à palavra dita por Deus: ouvir (19b-20), receber (21) e obedecer (22-25)”.¹¹⁶

4. A conduta externa 1.26-27

Tiago continua ao explicar em 1.26-2.13 aquilo que faz o praticante da Palavra (1.25).

1.26 “Religiosa” (gr. *threskos*, usado apenas aqui em todo o Novo Testamento) descreve alguém que teme ou adora a Deus. Em particular, refere-se à expressão exterior daquilo que se acredita (i.e., piedade, boas obras), ao invés daquilo que ele crê, ou o fato que a pessoa realmente acredita. Os judeus, os leitores originais da carta de Tiago (1.1), tipicamente consideravam a esmola, a oração, o jejum, a participação regular nos cultos e a observância dos dias sagrados e das festas como sinais de verdadeira espiritualidade (cf. Mt 6.1-18). Entretanto, Tiago disse que um teste melhor de espiritualidade era o controle que a pessoa tinha da sua língua (cf. 3.1-12).

¹¹³ Motyer, pág. 71.

¹¹⁴ Ibid., pág. 21.

¹¹⁵ Alford, 4:2:288.

¹¹⁶ Motyer, pág. 63.

1.27 Cuidar de órfãos e viúvas é um dever que reside perto do coração de Deus (cf. Ex 22.22-24; Dt 10.18; Is 1.17; Jr 5.28; Ez 22.7; Zc 7.10). Todavia, muitos que professavam amar a Deus negligenciavam tal dever (Sl 68.5; Ec 4.1; Mc 12.40).¹¹⁷ De semelhante modo, a pureza moral é um excelente indicador externo da bondade (cf. At 15.20; 1 Tm 5.22). O cuidado com os órfãos e as viúvas reflete conduta, ao passo que a pureza moral reflete o caráter.

“Quando lemos a injunção de Tiago ‘guardar-se incontaminado do mundo’ (Tg 1.27, ARA), nossa tendência é interpreta-la em termos morais – como uma injunção para não pecarmos. Mas ela também significa nos mantermos ‘[não] contaminados’ da forma errada do mundo de pensar, suas falsas cosmovisões. Precisamos aprender a identificar e a resistir às cosmovisões falsas dominantes neste momento da nossa história”.¹¹⁸

Tiago defendia a realidade. Ele não queria que nos enganássemos a nós mesmos, pensando que somos espirituais, se a nossa obediência é apenas superficial.

“Assim como Jesus, Tiago vê a adoração não em termos da lei externa, mas como uma expressão da bondade interna ativa”.¹¹⁹

“Em resumo, os vv. 22-27 insistem que a religião de uma pessoa precisa ir além de atos superficiais. Não é suficiente ouvir à declaração de verdade espiritual (vv. 22-25), nem é suficiente se engajar em atividade religiosa formal (v. 26). A pessoa cuja experiência religiosa é genuína colocará a verdade espiritual em prática e sua vida será marcada pelo amor pelos outros e pela santidade perante Deus”.¹²⁰

Neste capítulo, Tiago lidou com o problema prático das provações e das tentações. Ele usou este assunto para lembrar seus leitores de algumas verdades essencialmente básicas que têm implicações em muitas outras áreas do viver cristão prático. Duas destas áreas são:

¹¹⁷ Veja Richard D. Patterson, “The Widow, the Orphan, and the Poor in the Old Testament and the Extra-Biblical Literature”, *Bibliotheca Sacra* 130:519 (Julho-Setembro 1973):223-234.

¹¹⁸ Nancy R. Pearcey, *Total Truth*, pág. 121.

¹¹⁹ Adamson, pág. 85.

¹²⁰ Burdick, págs. 176-177.

compromisso consistente com Deus e obediência à Sua Palavra. Demonstraremos uma conduta que é tão genuinamente religiosa como qualquer coisa que alguém é capaz de fazer quando reagirmos adequadamente às tentações que sofremos para nos distanciarmos da vontade revelada de Deus. A reação apropriada envolve tanto rejeitá-las como nos regozijarmos nelas, pois cremos que Deus as está utilizando para nos amadurecer para a Sua glória.

III. PARTIDARISMO E FÉ VITAL CAP. 2

“Na Epístola de Tiago, o Espírito Santo apresentou à igreja um comentário do Sermão do Monte e do Sermão da Planície, um comentário que é rico em aplicações para a vida cotidiana”.¹²¹

As similaridades aparecem tanto na questão dos assuntos, quanto na estrutura. Observe os paralelos entre Mateus 7.1-27 e Tiago 2.1-26 a seguir, especialmente Mateus 7.12 (cf. Mt 22.39; Lv 19.18).¹²²

Mateus 7		Tiago 2	
vv. 1-2	Proibição quanto ao julgar	v. 1	Proibição de favoritismo julgador
vv. 3-5	Ilustração de remover as próprias faltas de si para depois poder ajudar o próximo a fazer o mesmo	vv. 2-4	Ilustração de remover o próprio partidarismo para ser capaz de julgar ou instruir outros
v. 6	Advertência para não desprezar aquilo que é sagrado em favor de cães ou porcos, que será nocivo a você	vv. 5-7	Advertência para não desprezar irmãos que são ricos na fé em favor de outros que serão nocivos a você
vv. 7-11	Encorajamento para pedir e crer		
v. 12	Resumo da lei como fazer ao próximo aquilo que você gostaria que fizessem a você	vv. 8-11	Resumo da lei como amar o próximo como a si mesmo
vv. 13-14	Resumo da advertência para seguir o caminho estreito que conduz à vida	vv. 12-13	Resumo da advertência para seguir a lei que fornece liberdade
vv. 15-23	Advertência contra os falsos profetas, com a verdadeira prova apresentada: as obras	vv. 14-19	Advertência contra a fé morta, com a verdadeira prova apresentada: as obras
vv. 24-27	A parábola que ilustra as palavras de Cristo na prática	vv. 20-26	Exemplos para ilustrar a fé na prática

O capítulo 2 de Tiago lida com a questão do partidarismo (ou do favoritismo) e da fé vital. Os versículos 1-13 apresentam o problema do favoritismo. O partidarismo, quando praticado pelo cristão, é uma manifestação do amor inconsistente para com o próximo. Nós não amamos

¹²¹ Stulac, pág. 34. Cf. Davids, págs. 47-50.

¹²² Stulac, pág. 92.

algumas pessoas como deveríamos quando demonstramos favoritismo. Na epístola inteira, Tiago lida com inconsistências na conduta cristã. Vimos isso no capítulo 1. No primeiro capítulo, a inconsistência envolvia considerar as provações como boas dádivas vindas de Deus – por vezes – e como dádivas ruins em outros momentos. No capítulo 3, a inconsistência diz respeito ao nosso falar. No capítulo 2, trata-se da inconsistência em como tratamos as pessoas. Consistência é algo muito importante, tanto na teologia, quanto na prática, bem como em muitos outros aspectos da vida... até mesmo quando cozinhamos.

A. O PROBLEMA DO FAVORITISMO 2.1-13

A referência anterior de Tiago à religiosidade hipócrita (1.26-27) parece tê-lo levado a lidar com uma forma deste problema que existia entre os judeus cristãos dos seus dias. Ele ainda ocorre entre nós hoje. Trata-se do problema do amor inconsistente para com o próximo, que se manifesta em como tratamos o próximo. Tiago escreveu este capítulo para exortar seus leitores a lidarem com essa inconsistência bastante básica em suas vidas, de forma a poderem rumar em direção à maturidade espiritual.

“A conexão desta advertência contra a discriminação social, com o capítulo 1, parece bastante óbvia. Curvar-se (mostrar deferência) ao rico e demonstrar apatia, ou algo pior, em relação ao pobre, são dois lados da mesma moeda rejeitada pelo critério de 1.27 e de 2.8”.¹²³

“Ele [o cristão] deve demonstrar cortesia, compaixão e consistência para com todas as pessoas. Igualdade, amor e fidelidade são ingredientes vitais”.¹²⁴

1. O mandamento negativo 2.1

Tiago foi direto ao ponto; sabemos exatamente qual era a sua preocupação. O favoritismo pessoal dificilmente é uma característica gloriosa, e é incoerente um cristão que adora o glorioso Senhor Jesus Cristo praticar isso (cf. Mt 22.16; At 10.34). Todas as distinções terrenas desaparecem na presença do nosso glorioso Senhor (cf. Hb 1.2-3). Foi bastante apropriado Tiago tratar desse assunto com seus leitores como “meus irmãos”, já que ele irá encorajá-los em seguida a praticar a bondade fraternal. Tal conduta estaria em gloriosa harmonia com o glorioso Senhor Jesus Cristo que eles cultuavam.

“...o caráter intensamente judaico desta Epístola deixa bastante claro que

¹²³ Adamson, pág. 102.

¹²⁴ Blue, pág. 824.

o conceito judaico conhecido da *Shekinah* é ao que o escritor faz referência aqui [quando usa o termo ‘glorioso’]. ... A *Shekinah* [da raiz hebraica *shkn*, significa “habitar”] foi, na época, usada pelos judeus como expressão indireta em lugar de usarem o termo Deus – significava a presença localizada da divindade”.¹²⁵

“... um cristão é (ou deveria ser) a última pessoa a se deixar impressionar pela falsa glória do status social”.¹²⁶

Será útil fazermos uma distinção entre partidarismo ou favoritismo (gr. *prosopolepsia*; Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25; cf. At 10.34) de alguns de seus sinônimos. Uma definição de *prosopolepsia* é a seguinte:

“É a culpa de quem, quando chamado a retribuir ou a julgar, leva em consideração as circunstâncias externas dos homens e não os méritos intrínsecos deles, e assim prefere, como mais digno, aquele que é rico, de nascimento nobre ou que é poderoso, a outro que é desprovido de tais dádivas”.¹²⁷

O “favoritismo” (partidarismo) é a prática de dar um tratamento preferencial injusto a uma pessoa ou grupo em detrimento de outro. Tratar pessoas com partidarismo pode brotar de predileção, de preconceito, ou de tendência.

O “preconceito” sugere um juízo ou opinião preconcebidos que não se baseia na razão ou na experiência atual. Podemos dizer que certa pessoa tem preconceito contra pessoas de outra raça, categoria profissional ou classe social. O preconceito normalmente se manifesta em desaprovação, hostilidade ou comportamento injusto fruto de opiniões sem fundamento.

“Tendência” é um preconceito em favor de ou contra uma coisa, pessoa ou grupo quando comparado a outro, normalmente de uma forma considerada como sendo injusta. Podemos dizer que uma pessoa foi tendenciosa contra um grupo de candidatos estrangeiros para a mesma vaga de trabalho.

A “predileção” sugere uma preferência ou afeição por algo. Ela é tendenciosa em favor de algo.

¹²⁵ Oesterley, 4:435, 436. “Shekinah” significa, especificamente, a glória da presença divina representada como luz e/ou nuvem.

¹²⁶ Adamson, pág. 104.

¹²⁷ *A Greek-English...*, s.v. “*prosopolepsia*”, pág. 551.

Podemos que uma pessoa tem uma predileção por pessoas asiáticas.

2. A atual prática inadequada 2.2-4

A situação descrita por Tiago nos versículos 2 e 3 apresenta aquilo que alguém chamou de “o caso do introdutor míope”. Alguns intérpretes acreditam que isto se tratava de uma situação hipotética construída por Tiago.¹²⁸ Outros acreditam que era uma situação real conhecida por Tiago.¹²⁹ Não temos como saber isso agora, mas quer tenha sido hipotética ou real, isso não importa.

“Alguém disse: ‘Alguns vão à igreja para fechar os olhos, e outros vão para ficar de olho nas vestimentas’”.¹³⁰

2.2-3 “Reuniões” significa, literalmente, “sinagogas” (gr. *sunagogen*, ARA). No início da história da igreja, os cristãos judeus se encontravam nas sinagogas judaicas até que os judeus incrédulos os expulsaram delas. Esta referência sugere que Tiago provavelmente escreveu esta epístola logo no início da história da igreja.

Há algum debate entre os comentaristas se esta situação se trata de um culto público ou de um encontro congregacional com o objetivo de participar de um processo judicial.¹³¹ O termo “sinagoga” significava um culto público de adoração na literatura cristã inicial, mas os versículos seguintes podem sugerir um contexto judicial. Essa questão não afeta o significado da passagem de forma substancial.

“... em seus primeiros dias, a Igreja era predominantemente pobre e humilde; e, portanto, se um homem rico se tornasse convertido, e fosse de fato a uma reunião cristã, haveria grande tentação em fazer dele um espetáculo e de trata-lo como uma espécie de troféu especial para Cristo”.¹³²

“Os ‘anéis de ouro’ (ARA) era um emblema da classe romana ‘equestre’ superior, embora dificilmente Tiago possa ter sido

¹²⁸ P. ex.: Davids, pág. 107.

¹²⁹ P. ex.: Martin, págs. 60, 63.

¹³⁰ McGee, 5:646.

¹³¹ Adamson, pág. 105, defendeu a primeira opção e Martin, págs. 59, 61, a segunda.

¹³² Barclay, *The Letters...*, pág. 76.

tão específico em sua identificação”.¹³³

O oficial da sinagoga que direcionava as pessoas para os seus lugares era chamado de *chazzan* (da raiz hebraica *hzn*, i.e., o homem “que tinha o comando”).¹³⁴

- 2.4 A forma da pergunta que Tiago utiliza no texto grego pede uma resposta afirmativa: “não fizeste...?” (ARA). A pessoa em questão cometeu dois erros: Primeiro, ela demonstrou favoritismo devido ao que o homem rico poderia fazer a favor da igreja caso recebesse um tratamento preferencial. Ela deveria tratar a todos de maneira graciosa, como Deus faz. Isto reflete uma atitude de ânimo dobre (e hipócrita) por parte do introdutor, pensando como o mundo – neste caso especial – enquanto pensava como Deus pensa em outras questões (1.8).

Em segundo lugar, a pessoa, que representa todos os cristãos, manifestou motivações perversas ao julgar onde os dois visitantes deveriam se assentar. Sua motivação era o que a igreja poderia obter dessas pessoas, ao invés daquilo que ela poderia fornecer a eles. O cristão e a igreja deveriam buscar primeiramente procurar servir as pessoas, em lugar de fazer com que outros os sirvam (cf. Mc 10.45).

“O preconceito é um mal que exhibe o caráter de quem o pratica”.¹³⁵

3. A inconsistência do favoritismo 2.5-7

Todas as três perguntas de Tiago nestes versículos pedem respostas afirmativas, como fica claro na construção do texto grego.

- 2.5 Já que Deus escolheu os pobres deste mundo para serem herdeiros do Seu reino, é inconsistente para o cristão reter deles as bênçãos (cf. Mt 5.3; Lc 6.20). Na realidade, Deus escolheu mais pobres do que ricos (cf. Lc 1.52; 1 Co 1.26). O reino aqui mencionado é, provavelmente, o reino messiânico em que Cristo governa atualmente dos céus e no qual o cristão participa com Cristo, a quem ama.¹³⁶ Isso parece claro a partir do contexto. Os herdeiros deste reino são os

¹³³ Moo, *The Letter...*, (2000), pág. 103.

¹³⁴ Oesterley, 4:437.

¹³⁵ Hiebert, *James*, pág. 139.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, pág. 141; Oesterley, 4:438; Alva J. McClain, *A Grandeza do Reino*, pág. 652.

cristãos (cf. 1.12; Mt 5.3, 5; Mc 10.17-22; 1 Co 6.9-10; Gl 5.21; Ef 5.5). Outra visão é que os herdeiros do reino são apenas os discípulos fiéis.¹³⁷

2.6 Quando o cristão desonra o pobre, tal cristão trata o pobre da maneira exatamente oposta ao tratamento que Deus dispensa ao pobre (cf. 1 Co 11.22; 1 Pe 2.17). Em vez de favorecer o cristão, Tiago lembrou seus leitores de que a resposta característica do rico para com eles é de opressão (cf. Mc 13.9; At 4.1-3; 13.50; 16.19; 19.23-41). Quão incoerente é desprezar o amigo e honrar o inimigo. A opressão que Tiago tem em mente poderia ser física e/ou jurídica (“os arrastam aos tribunais”).

2.7 O rico não apenas se opõe tipicamente ao cristão, mas ele também fala costumeiramente contra Cristo (“blasfemam o bom nome”, ARA). Esta era a realidade no mundo de Tiago como é no nosso. É algo inconsistente dar honra especial ao que despreza o Senhor a Quem o cristão ama e serve. Blasfemar ou difamar (gr. *blasphemeo*) significa zombar deliberadamente ou falar com desprezo de Deus. É possível que aqueles que estavam blasfemando o nome de Cristo fossem judeus incrédulos (cf. At 13.45).¹³⁸ “O bom nome que sobre vós foi invocado” (ARA) pode não significar o nome que eles carregavam, mas o nome sob cuja proteção se encontravam.¹³⁹

A parte final do versículo 6 e o versículo 7 podem parecer que Tiago tinha preconceitos contra o rico. Mas ele estava apenas descrevendo a conduta de alguns ricos para enfatizar a tolice de dispensar a eles tratamento diferenciado. Jesus nos ensinou a amar nossos inimigos (Mt 5.44; Lc 6.27, 35).

4. O dever do cristão 2.8-9

2.8 Tiago não quis dizer que o cristão deve evitar honrar o rico, mas apenas que devemos amar a todos e tratar a todos como trataríamos a nós mesmos (Mt 7.12; cf. Lv 19.18). A lei “do reino” (gr. *basilikos*) é real no sentido de que ela é a lei do Rei de governa o reino (gr. *basilikon*) herdado pelo cristão (v. 5).¹⁴⁰ Ela também é real no sentido de que ela é primária: ela governa toda as demais leis que tratam dos relacionamentos humanos (Mt 22.39; cf. Lv 19.18). Além disso,

¹³⁷ Veja Hodges, *The Hungry...*, págs. 96-107.

¹³⁸ Mayor, pág. 88.

¹³⁹ Oesterley, 4:440.

¹⁴⁰ Motyer, págs. 96-97.

ela é a “conduta de alto nível, digna de um rei”.¹⁴¹ A expressão “lei do reino” reflete o latim *lex regia*, que era conhecida em todo o império romano.¹⁴² A lei do reino de Cristo está acima da lei real de César.

- 2.9 Neste versículo, Tiago usou a forma verbal (“mostram favorecimento”) do mesmo termo grego que ele usou no versículo 1, especificamente, *prosopolepto*. O tipo de tratamento preferencial com o qual Tiago lida nesta perícopa (porção do texto, 2.1-13) viola a lei do reino, pois ela trata algumas pessoas como inferiores e outras como fontes de favor especial (cf. At 10.34). Ele também viola mandamentos específicos encontrados na Palavra de Deus que revelam a vontade de Deus para as interações interpessoais (Mt 7.12; cf. Lv 19.15).

“A passagem nos convoca ao amor consistente, e não apenas ao tratamento educado. Pessoas de baixa-renda devem ser completamente bem recebidas na vida da igreja. A passagem nos convoca à cegueira para as diferenças econômicas em como oferecemos nossos ministérios. O pobre é tão digno do nosso discipulado e cuidado e amor pastoral quanto a pessoa que tem os meios para recuperar nossa igreja de sua crise financeira”.¹⁴³

“Qualquer um que demonstra favoritismo viola a lei suprema do amor para com o próximo, a lei que compreende todas as leis que governam os relacionamentos do homem com os seus semelhantes”.¹⁴⁴

5. O significado do partidarismo 2.10-11

- 2.10 Tiago previu que alguns dos seus leitores poderiam achar que o tratamento preferencial não era muito importante. Sendo assim, ele enfatizou que a prática de proporcionar a certas pessoas tratamento preferencial torna quem o faz um transgressor da lei de Deus. Nos tornamos culpados de tudo no sentido de que violamos a lei de Deus, e não que tenhamos violado todos os mandamentos nela contidos. Ninguém pode afirmar que se comporta corretamente por cumprir apenas parte das leis de Deus.

¹⁴¹ Hodges, *The Epistle...*, pág. 53.

¹⁴² Blue, pág. 825.

¹⁴³ Stulac, pág. 93.

¹⁴⁴ Burdick, pág. 180.

“O judeu possuía uma forte tendência a considerar a lei como uma série de injunções isoladas. Cumprir uma destas injunções significava obter crédito; violar uma delas era incorrer em dívida. Desta forma, um homem poderia somar as injunções que obedecia e subtrair aquelas que violava e, por assim dizer, emergir com um saldo devedor ou credor”.¹⁴⁵

Esta prática ainda é comum hoje entre os gentios bem como entre os judeus.

“Nossa obediência à vontade de Deus não pode acontecer por meio da seletividade; não podemos escolher aquilo que mais nos agrada e desconsiderar todo o restante. A vontade de Deus não é fragmentada; a lei toda é a expressão da Sua vontade para o Seu povo; ela se constitui uma grande unidade. Quebrar um canto da vidraça significa ser culpado de quebrar toda a vidraça. Aquele que ultrapassa o limite num certo particular ou em outro é culpado de ultrapassar o limite completo”.¹⁴⁶

- 2.11 Tiago ilustrou este ponto com um caso hipotético que envolvia duas violações sérias da lei: adultério e assassinato. Nem todos os pecados são igualmente sérios, no sentido de que as consequências de alguns pecados são mais severas que outras, mas todo pecado é igualmente sério no sentido de que ele é sempre uma violação da vontade revelada de Deus.

6. A implicação do nosso próprio julgar 2.12-13

- 2.12 A “lei da liberdade” (ARA, NVI, cf. 1.25) é a lei de Deus que nos liberta agora: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gl 5.1, ARA). Esta é a mesma que a “lei de Cristo” (Gl 6.2) em contraste com a Lei Mosaica. Por mais livres que estejamos sob a lei de Cristo, precisamos nos lembrar que Deus nos julgará (Rm 14.10-13; 1 Co 3.12-15; 2 Co 5.10). Precisamos falar e agir de acordo com essa liberdade, especificamente, sem preconceito para com o próximo.

¹⁴⁵ Barclay, *The Letters...*, pág. 81.

¹⁴⁶ Hiebert, *James*, pág. 148.

“Já que Tiago está se dirigindo a cristãos, o juízo mencionado por ele aqui diz respeito ao juízo dos cristãos no tribunal de Cristo (2 Co 5.10)”.¹⁴⁷

2.13 Deus não nos julgará com parcialidade, partidarismo. Ele castigará sem misericórdia os impiedosos. Precisamos entender esta afirmação à luz de outras revelações acerca de como Deus julgará os cristãos. Não temos qualquer perigo de perder a salvação ou mesmo de experimentarmos a ira de Deus. Entretanto, sofreremos a perda de alguma recompensa se pecarmos praticando o favoritismo sem misericórdia (2 Co 5.10; cf. Mt 5.7; 6.15; 7.1; 18.23-25).

Por outro lado, se formos misericordiosos lidando com o próximo, Deus será misericordioso em Seu lidar conosco quando estivermos diante dEle (cf. Mt 25.34-40). A misericórdia triunfa sobre (supera) o juízo assim como o amor triunfa sobre (supera) o partidarismo. Devemos aceitar uns aos outros com cortesia, compaixão e consistência.¹⁴⁸

Na vida moderna, o partidarismo aparece as vezes por causa de diferenças em níveis econômicos, por causa de raça, de preferências religiosas, de visões políticas, de contexto educacional e de opiniões pessoais, para mencionar algumas coisas apenas.¹⁴⁹ Para o cristão, por vezes é mais difícil ser imparcial para com pecadores que ostentam o seu pecado do que para com aqueles que reconhecem que pecaram. Entretanto, já que Cristo morreu por todos, devemos alcançar a todos como Ele fez, em vez de sermos antipáticos e fechados. Isto é verdade caso os pecadores sejam homossexuais, pacientes com AIDS, assassinos de bebês, mentirosos, adúlteros, ladrões, fofoqueiros ou glutões, por exemplo. Este alcance será um indicador preciso da extensão do controle que o amor de Cristo exerce sobre nós (cf. 1.27).

Esta porção de versículos pode gerar uma pergunta para algumas pessoas acerca de como Tiago enxergava a relação do cristão com a Lei Mosaica. Será que ele estava sugerindo que somos responsáveis por obedecer toda a Lei Mosaica? As próprias palavras dele no Concílio de Jerusalém mostram que esta ideia não estava na mente dele (cf. At 15.13-21). Deus deu a Lei Mosaica para regular a vida dos israelitas e para revelar o caráter e os propósitos de Deus para os israelitas e para os outros povos. A função *regulatória* da lei cessou quando Jesus morreu na cruz (Rm 10.4; Hb 7.12). Seu valor *revelador* permanece para sempre: ela faz parte de “toda a

¹⁴⁷ Burdick, pág. 180.

¹⁴⁸ Blue, pág. 825.

¹⁴⁹ Veja Larry A. Mercer, “A Biblical and Cultural Study of the Problem of Racism”, *Bibliotheca Sacra* 153:609 (Janeiro-Março 1996):87-103.

Escritura” que ainda é útil (2 Tm 3.16).

A revelação moral que Tiago mencionou aqui é tão aplicável hoje quando era antes da cruz. Deus ainda espera que Seu povo viva à luz dela. Enquanto Deus encerrou a Lei Mosaica como um corpo codificado de lei, alguns mandamentos individuais dentro dessa aliança continuam em vigor sob a nova “lei da liberdade”. Trata-se das leis que afetam toda conduta humana hoje, em contraste com aquelas que afetavam apenas a vida dos israelitas sob a Lei Mosaica. O cristão vive hoje sob um novo conjunto de regras: a lei da liberdade. Os israelitas viviam sob um conjunto diferente de regras, a Lei de Moisés. O fato de que a chamada “regra de ouro” fazia parte tanto da Lei Mosaica quanto da lei de Cristo, não significa que ainda estamos sob a Lei Mosaica.¹⁵⁰

B. A IMPORTÂNCIA DA FÉ VITAL 2.14-26

Alguns consideram que este trecho de Tiago trata de um novo assunto, especificamente, a relação de fé e obras, ao passo que o trecho anterior lidava com a partidarismo (vv. 1-13). Entretanto, a mim e a outros parece que este trecho está ligado ao trecho anterior da mesma forma que 1.19-27 está ligado com 1.2-18: ele lida com uma questão mais ampla e mais básica que está ligado e enfatiza o problema prático que acaba de ser discutido.

“Neste trecho, Tiago continua ampliando o significado e a natureza daquela fé em Jesus Cristo mencionada no v. 1 como sendo inconsistente com *prosopolempsia* [respeito às pessoas]”.¹⁵¹

Em sua tratativa a respeito do favoritismo, Tiago defendeu o ser genuíno e advertiu contra o autoengano superficial. O assunto mais amplo é toda a questão da fé em Deus. Tiago escreveu este trecho para desafiar seus leitores a examinarem a vitalidade da fé deles em Deus. Será que estavam realmente colocando sua fé em prática e aplicando aquilo que criam ao seu comportamento? O tratamento preferencial que eles dispensavam a algumas pessoas fez essa pergunta brotar na mente de Tiago.

“O cristão maduro não é apenas paciente diante da provação (Tiago 1), mas ele também pratica a verdade. Este é o tema de Tiago 2. A pessoa imatura fala de suas crenças, a madura vive sua fé. Ouvir a Palavra de Deus (Tiago 1.22-25) e falar a respeito da Palavra de Deus jamais pode substituir o

¹⁵⁰ Para uma abordagem mais aprofundada com respeito à relação do cristão com a Lei Mosaica, veja Charles C. Ryrie, “The End of the Law”, *Bibliotheca Sacra* 124:495 (Julho-Setembro 1967):239-247; e J. Dwight Pentecost, “The Purpose of the Law”, *Bibliotheca Sacra* 128:511 (Julho-Setembro 1971):227-233.

¹⁵¹ Mayor, pág. 95.

praticar a Palavra de Deus”.¹⁵²

Três são as interpretações mais comuns a respeito dos versículos 14-26. A primeira posição é que ela se refere a uma pessoa que era um cristão, mas que perdeu sua salvação. Esta pessoa costumava ter a fé salvífica, mas não a possui mais. Esta é a postura da maioria dos arminianos. A segunda posição é que ela se refere a um incrédulo que professa ser um cristão, mas que nunca exercitou verdadeiramente a fé salvífica em Cristo. A fé desta pessoa é apenas uma concordância intelectual com a verdade do Evangelho, e não uma fé salvífica.¹⁵³ Um autor que defende esta posição escreveu: “Tiago está contrastando dois tipos de fé: a fé que salva e a que não salva”.¹⁵⁴ A terceira posição é que ela se refere a um cristão que não está vivendo pela fé. Este cristão não está se comportando consistentemente com aquilo que acredita.¹⁵⁵ As duas primeiras posições argumentam que esta passagem descreve incrédulos, ao passo que a terceira posição diz que ela descreve um cristão. Por meio de um exame da passagem seremos capazes de decidir qual das posições é a correta.

1. A declaração de Tiago 2.14

A interpretação arminiana deste versículo (a posição 1 acima) é a seguinte: se uma pessoa alega ser um cristão, mas não fornece evidência de fé verdadeira por meio da forma como vive, ela pode nunca ter sido salva, ou pode não mais ser salva. A posição reformada (a 2 acima) é que se a uma pessoa alega ser cristã, mas não fornece evidência de fé verdadeira por meio da forma como vive, ela jamais foi salva.¹⁵⁶ A terceira interpretação (a posição 3 acima) é que se a pessoa alega ser cristã, mas não fornece evidência de fé verdadeira por meio da forma como vive, há duas possibilidades: ela pode não ser salva, ou pela pode ser salva mas não está vivendo pela fé, não está praticando sua fé.

Tiago acaba de lidar com o cristão (“meus irmãos” que “têm fé em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo”, v. 1; e “vocês” [sujeito oculto] nos versículos seguintes) que professava amar os outros, mas que, através da prática do favoritismo pessoal havia demonstrado não amar. Agora ele levanta uma questão ainda maior do cristão (“alguém”) que não fornece evidência de sua fé pela sua forma de viver. Ele começa questionando a vitalidade daquela fé. A forma que a pergunta é feita no grego pede uma resposta negativa. Caso a traduzamos como dizendo “Será que este tipo de fé pode salvá-lo?” ou “Pode tal fé salvá-lo?”, podemos atrapalhar o leitor. A

¹⁵² Wiersbe, pág. 63.

¹⁵³ P. ex.: Burdick; Tasker; Motyer; Fanning, págs. 424-427; e John F. MacArthur, *Faith Works*, págs. 139-155.

¹⁵⁴ *Ibid.*, pág. 152.

¹⁵⁵ P. ex.: Hodges; Wiersbe; Dillow; e R. T. Kendall, *Once Saved, Always Saved*; Charles C. Bing, *Simply by Grace*, págs. 87-90.

¹⁵⁶ Para uma resposta aos que advogam em favor da salvação pelo senhorio e que defendem tal posição, veja Robert N. Wilkin, “Can Faith Without Works Save? James 2:14”, *Grace Evangelical Society News* 9:5 (Setembro-Outubro 1994):2-3.

mesma construção está presente em 1.2-4; 2.17, 18, 20, 22, 26; 1 Coríntios 13.4 onde o acrescentar das expressões “tipo de” ou “tal” fornece uma tradução mais obviamente imprópria. A presença do artigo definido “a” com o substantivo abstrato “fé” enfatiza o substantivo. Tiago estava dizendo que a fé sem obras (que são “ações feitas em obediência a Deus”¹⁵⁷) é incapaz de salvar uma pessoa. As obras são uma condição para algum tipo de salvação.

Esta afirmação parece contradizer a afirmação de Paulo de que as obras não são uma condição para salvação (p. ex.: Ef 2.8-9; Rm 11.6; et al.). Entretanto, Paulo e Tiago estavam falando sobre diferentes aspectos da salvação. Isso fica claro pela declaração anterior de que seus leitores cristãos (1.18) seriam capazes de salvar suas “almas” (melhor, “vidas”) se obedecessem à Palavra de Deus (1.21).

“Conforme alguém disse: ‘Paulo e Tiago não ficaram face a face, lutando um contra o outro, mas eles estavam um de costas para o outro, lutando contra inimigos opostos’.¹⁵⁸

Jesus também fez advertências semelhantes: que se Seus discípulos não continuassem a segui-Lo, poderiam perder suas “almas” (i.e., vidas; cf. Mt 16.24-26; Mc 3.4; 8.34-37; Lc 9.23-25). Ele usou a mesma palavra grega que Tiago usou para descrever o todo da pessoa ou da vida (i.e., *psyche*). Entretanto, a tradução “vida” para “alma” pode induzir ao erro, levando-nos a concluir que só a vida física está em questão quando lemos a palavra (*psyche*). Pelo contrário, *psyche* descreve a pessoa toda, não apenas a nossa vida física ou a nossa vida eterna (cf. 1 Pe 1.9). Qualquer aspecto da nossa vida pode estar sendo considerado, e o contexto nos ajudará a determinar qual é.

“Nós não somos salvos *pelas* obras; nós somos salvos *para* as obras; estas são verdades gêmeas da vida cristã. E toda a ênfase paulina é a primeira verdade, e a ênfase total de Tiago encontra-se na segunda verdade”.¹⁵⁹

No versículo 14, Tiago volta ao seu pensamento de 1.21-22 a respeito de salvar a vida de alguém da morte. Aqui ele diz que a fé não é um substituto para a obediência. A fé ortodoxa sem as boas obras é incapaz de proteger o cristão das consequências mortais nesta vida (i.e., no mínimo um enfraquecimento da comunhão com Deus, e no máximo a morte física; cf. 5.20; 1 Jo 5.16). A fé é incapaz de salvar o cristão da disciplina de Deus como cristão. As boas obras juntamente

¹⁵⁷ Moo, (2000), pág. 123.

¹⁵⁸ McGee, 5:649.

¹⁵⁹ Barclay, *The Letters...*, pág. 87.

com a fé são necessárias para aquele tipo de livramento (salvação).

Muitos comentaristas acreditam que Tiago estava fazendo referência à salvação escatológica (i.e., salvação da condenação eterna). Esta interpretação implica obviamente a introdução das obras como uma espécie de condição para esse aspecto da salvação, o que contradiz a revelação clara de que a salvação do inferno é somente pela graça.

“Seria difícil encontrar um conceito mais rico e mais variado em significado do que o conceito bíblico de salvação. A amplitude da salvação é tão abrangente e o objetivo pretendido é tão magnífico que, em vários contextos, as palavras usadas dificultam uma definição precisa. Todavia, estas dificuldades não impediram vários intérpretes de pressuporem, muitas vezes sem qualquer justificativa contextual, que as palavras utilizadas significam, invariavelmente, ‘livramento do inferno’ ou ‘ir para o céu quando morrer’. Pode ser uma surpresa para muitos que este uso de ‘salvação’ (gr. *soteria*) teria sido o significado menos provável que viria à mente do leitor da Bíblia no primeiro século. Na realidade, em 812 usos das várias palavras hebraicas traduzidas por ‘salvar’ ou ‘salvação’ no Antigo Testamento, somente 58 (7,1 por cento) referem-se à salvação eterna”.¹⁶⁰

2. A ilustração de Tiago 2.15-16

Tal como fez antes (vv. 2-4), Tiago forneceu uma situação concreta para ilustrar aquilo que queria dizer (vv. 15-16). Ele anteviu uma situação que poderia muito bem ter acontecido em sua igreja em Jerusalém, onde muitos dos frequentadores eram pessoas pobres (Rm 15.25-31; 1 Co 16.3). Todas as pessoas na ilustração parecem ser cristãos genuínos, tendo em vista os termos que Tiago utilizou para descrevê-los (cf. “irmãos” em 1.2; 2.1, 14; 3.1). A situação que ele descreveu enfatiza o absurdo de afirmar uma fé viva (i.e., de que a pessoa está colocando sua fé em prática) mas ao mesmo tempo não praticando as boas obras (i.e., não obedecendo a Palavra de Deus; cf. 1 Jo 3.17-18). Uma bênção é incapaz de salvar da morte alguém faminto. Só o pão pode fazê-lo.

Certo estudioso do grego parafraseou os versículos 14-17 da seguinte forma:

“Meus irmãos, qual é o benefício, se alguém dentre vocês disser que tem

¹⁶⁰ Dillow, pág. 112. Cf. págs. 187-194. Veja, também, Alfred Plummer, *The General Epistles of St. James and St. Jude*, pág. 137; Martin Dibelius, *James*, pág. 178; e W. Nicol, “Faith and Works in the Letter of James”, *Neotestamentica* 9 (1975):7-24. Para uma breve abordagem simples, veja Robert N. Wilkin, “Repentance and Salvation, Part 2: The Doctrine of Repentance in the Old Testament”, *Journal of the Evangelical Theological Society* (Primavera 1989):14.

fé e ainda assim não agir em fé? A fé certamente é incapaz de preservar a vida, ou, não é? Seria o mesmo que alguém dentre vós falasse a algum irmão ou irmã cristãos que foi destituído das necessidades da vida dizendo: ‘Vá em paz para casa, se aqueça e se alimente’. Mas se você não der a esta pessoa as exatas coisas de que ela necessita para a vida física, que benefício há nisso? Será que a vida deste necessitado seria salva por suas palavras confiantes? Da mesma forma, quando a fé se mantém por si só, porque não a colocamos em prática, a nossa fé inativa é tão morta quanto nossas palavras inúteis para com o nosso irmão cristão desamparado. Esta fé não possui qualquer poder de preservação da vida”.¹⁶¹

3. A reafirmação que Tiago faz de sua declaração 2.17

Tiago não estava dizendo que uma pessoa que reage à necessidade de outro cristão, como nos versículos 15-16, demonstra que ela fracassou em exercer a fé salvífica e está destituída da vida eterna. Ele estava dizendo que a fé, caso não acompanhada de obras (i.e., obediência à Palavra de Deus), é morta (i.e., inativa).

“Somos capazes de fazer declarações com toda sinceridade de mente e de emoção: ‘Tenho pena do pobre; eu condeno o racismo’. Mas Tiago dirá: ‘Qual é o proveito disso se você não está fazendo nada para ajudar o pobre ou para sarar a desconfiança e a injustiça entre as raças?’ Alguns cristãos tentam uma postura de crença pessoal sem ação pessoal dizendo, por exemplo: ‘Pessoalmente, não concordo com o aborto, mas não irei tentar mudar a opinião dos outros’. Tiago persiste em nos perguntar: O que você está fazendo para proteger as vítimas – tanto o bebê vitimado quanto a mãe vitimada?”¹⁶²

“Morta” não significa inexistente, mas inativa, não mais viva, dormente, sem utilidade (cf. v. 14). Este é um ponto muito importante.

“Normalmente, não se tem refletido muito sobre a razão pela qual Tiago escolheu o termo ‘morta’ para descrever uma fé que não está funcionando. Mas, no momento em que relacionamos isso com o tema dominante de ‘salvar a vida’, tudo fica mais claro. A questão que preocupa Tiago é uma questão de vida ou morte (ele *não* está discutindo salvação do inferno!). A

¹⁶¹ Zane C. Hodges, *Dead Faith: What Is It?* Pág. 15.

¹⁶² Stulac, pág. 120.

verdade que ele tem em mente é a de Provérbios: ‘A justiça conduz para a vida... o que segue o mal, para a sua morte o faz’ [Pv 11.19; cf. Pv 10.27; 12.28; 13.14; 19.16]. Será que uma fé *morta* é capaz de salvar o cristão da *morte*? A pergunta responde a si mesma. A escolha do adjetivo ‘morta’ é perfeitamente adequada para o argumento de Tiago”.¹⁶³

4. Uma objeção 2.18

Em seguida, Tiago apresenta uma objeção à sua tese de que a fé está morta (inoperante) sem obras. Ele a coloca na boca de um discordante hipotético. Este instrumento literário de discordância e resposta, chamado diatribe, era comum e o próprio Paulo se utilizou dele algumas vezes (p. ex.: Rm 9.19-20; 1 Co 15.35-36).¹⁶⁴ A forma da diatribe nos ajuda a identificar que o que vem a seguir é a declaração do discordante, e o que vem depois é a resposta de Tiago ao discordante.

As versões NVT e NVI se utilizam de aspas para dizer que o discordante só fala a primeira parte do versículo, “Uns têm fé; outros têm obras” (NVT), e Tiago respondendo na segunda metade do versículo. A versão ARA traz o discordante falando no versículo inteiro. Qual delas está correta? Não existe pontuação no texto grego, de forma que temos de determinar esta questão com base naquilo que faz mais sentido. O discordante parece defender um ponto de vista através de argumentos, em vez de fazer uma simples declaração. Este fato parece claro a partir do contexto, no qual Tiago responde com um contra-argumento (vv. 19-23). Consequentemente, prefiro a pontuação da ARA neste versículo.

O discordante afirma que as obras são o sinal necessário da fé salvífica. Com efeito, ele diz: “Vocês não podem provar que tem fé se não tiverem obras, mas como eu tenho obras, vocês podem ver que eu tenho fé”.¹⁶⁶ Este é o argumento que muitos evangélicos têm usado: a evidência necessária de que uma pessoa foi salva (justificada, declarada justa por Deus) são suas boas obras (santificação progressiva). Portanto, se a pessoa não está mostrando boas obras, ela não é salva. As boas obras sempre evidenciam uma fé salvífica, dizem eles. Mas, se esta visão é verdade, porque Jesus ensinou Seus discípulos que alguns que estão nele não dão fruto (Jo 15.2, 6)?

A ideia de que a evidência da santificação precisa estar evidente antes que o pecador possa ter certeza plena de sua justificação é uma ideia que alguns pregadores reformados popularizaram após a época de João Calvino. Esta ideia não é bíblica e nem o próprio João Calvino a defendia.

¹⁶³ Hodges, *The Gospel...*, pág. 27. Veja, também, Don Anderson, *James: Running Uphill into the Wind*, págs. 124, 134.

¹⁶⁴ Veja Hiebert, *James*, pág. 131; e Sidebottom, pág. 1.

¹⁶⁶ Cf. Adamson, pág. 124.

Teodoro Beza, em Genebra, e William Perkins, na Inglaterra, foram os principais protagonistas deste afastamento dos calvinistas do próprio ensino de João Calvino acerca da fé e da segurança.¹⁶⁷

A base da nossa segurança de que somos salvos é, primariamente, a promessa de Deus nas Escrituras (Jo 1.12; 3.16, 36; 5.24; 6.47; 10.27-29; 20.31; et al.). A segurança não se encontra na presença das boas obras (frutos) em nossa vida. Jesus ensinou que alguns ramos que estão ligados à videira não dão fruto (Mt 13.22; Mc 4.7; Lc 8.14; Jo 15.2, 6). Todavia, eles ainda compartilham da vida da videira. Parece claro que todo cristão verdadeiro experimenta uma transformação radical em sua vida quando confia em Jesus Cristo como seu Salvador (Gl 2.20; Rm 6.13; Ef 5.8; Cl 1.13; et al.). Mas as Escrituras não dizem que o estilo de vida de todo cristão verdadeiro experimentará inevitavelmente uma transformação externa. A manifestação externa da nova vida interior depende da resposta do cristão à vontade de Deus.

“A árvore *mostra* sua vida pelos seus frutos, mas ela está viva antes que seus frutos ou até mesmo suas folhas apareçam”.¹⁶⁸

“Para *mostrar* a fé ao homem, as obras são necessárias de uma forma ou de outra: somos justificados judicialmente por Deus (Rm 8.33), meritoriamente, por Cristo (Is 53.11), por intermédio da fé (Rm 5.1); evidentemente, por obras”.¹⁶⁹

O cristão carnal (1 Co 3.1-4) é aquele que escolhe ceder à carne em vez de se submeter ao controle do Espírito Santo. O fruto é a evidência externa da vida interna. Assim como algumas árvores frutíferas tem pouco ou nenhum fruto, é possível para alguns cristãos genuínos terem pouca ou nenhuma evidência externa da sua vida interna. O Espírito Santo produz transformação interna em todo cristão. Normalmente, Ele irá produzir a transformação externa também, a menos que o cristão O apague ou entristeça enquanto Ele procura manifestar a vida de Cristo através dele aos outros. (1 Ts 5.18; Ef 4.30).

5. A refutação de Tiago 2.19-23

2.19 Tiago refutou o argumento do discordante feito no versículo 18. A fé genuína nem sempre resulta em boas obras. Os “demônios” acreditam que aquilo que Deus revelou acerca de Si mesmo é verdade. A *Shema* (Dt 6.4) era e ainda é a

¹⁶⁷ Veja R. T. Kendall, *Calvin and English Calvinism to 1649*; idem., *Once Saved...*, págs. 207-217; e Charles Bell, *Calvin and Scottish Theology: The Doctrine of Assurance*.

¹⁶⁸ Jamieson, et al., pág. 1453.

¹⁶⁹ Ibid.

confissão de fé diária do judeu piedoso. A despeito da verdade de que “há um único Deus”, o Senhor soberano sobre toda a criação, os demônios continuam a praticar obras perversas. Eles compreendem e acreditam naquilo que será o resultado do seu comportamento, mas, em vez de se afastarem dos seus maus caminhos, limitam-se a tremer, antecipando o seu julgamento inevitável.

Creio que Tiago escolheu os demônios como uma ilustração porque eles são o exemplo mais extremo e mais claro de seres cuja crença é correta, mas o comportamento não é. Ele não os escolheu porque eles estão perdidos, algo que é verdade. Ao longo do seu livro, Tiago estava falando a cristãos genuínos (cf. vv. 14, 15, 21, 23, 25, et al.). Tal qual os demônios, o cristão é capaz de persistir se rebelando contra a vontade de Deus, embora saiba que um dia comparecerá diante de Deus no tribunal de Cristo (2 Co 5.10).

Algumas pessoas concluíram que o motivo para Tiago fazer uso dos demônios como ilustração era demonstrar que o consentimento intelectual para com a verdade não é o suficiente. Para poder experimentar regeneração, uma pessoa não deve apenas aceitar a mensagem do Evangelho como sendo verdade, mas também depender no Salvador para salvá-la. Enquanto é fato que o consentimento intelectual aos fatos do Evangelho não é suficiente para a regeneração, este não parece ser o ponto da ilustração feita por Tiago.

O ponto que ele defende parece ser que a conduta correta nem sempre resulta da crença correta (cf. 1.26-27; 4.17). Isto ocorreu no caso de Abraão (vv. 21-22), mas não no caso dos demônios. Uma evidência adicional de que esta é a conclusão correta é o que Tiago disse de que os demônios acreditam não é equivalente à mensagem do Evangelho. Tiago não está falando aqui do que é necessário para alguém se tornar um cristão. Ele não estava falando acerca de justificação, mas de santificação progressiva.

“...este versículo que frequentemente é citado para mostrar que algumas criaturas são capazes de crer mas não serem salvas é irrelevante para a questão da salvação, pois ela diz apenas que os demônios são monoteístas”.¹⁷⁰

Alguns estudiosos acreditam que o discordante está falando no versículo 19

¹⁷⁰ Charles C. Ryrie, *So Great Salvation*, pág. 122.

bem como no 18.¹⁷¹ Alguns deles baseiam esta conclusão no fato de que a palavra grega *choris* (traduzida “sem”, v. 18) é *ek* (traduzida “por”) em alguns manuscritos gregos antigos. A maioria dos estudiosos gregos acreditam que *choris* é a palavra adequada e que Tiago está falando no versículo 19.¹⁷² Concordo com eles nesta questão.

- 2.20 Tiago entendia que a argumentação do discordante era insensata. Ele ainda afirmava que sem boas obras a fé de uma pessoa em Deus é inútil – não inexistente, mas sem utilidade (gr. *argos*, sem efeito, lit. inativa, em desuso; cf. Mt 20.3, 6).

O cristão que parou de viver pela fé, diariamente, assemelha-se a uma pessoa que possui um órgão em seu corpo que não funciona. Assim como tal órgão está morto, da mesma forma a fé desse cristão está morta – sem utilidade. Além disso, sua fé morta contribuirá para a sua morte física, da mesma forma que um órgão morto encurtará a vida física.

Tiago então continuou explicando o que ele quis dizer com inútil nos versículos 21-23. Observe como Tiago disse que ele estava escrevendo a respeito da *inutilidade* da fé quando desacompanhada de obras, e não da *ausência* da fé desacompanhada de obras (1.26; 2.14, 16, 20).

- 2.21 A princípio, parece que este versículo contradiz os outros versículos nos quais Deus declarou Abraão como justo quando Abraão creu nas promessas de Deus a ele (Gn 15.1-6; Rm 4.1-5). A solução para o problema repousa no significado da palavra “justificado” (ARA). Essa palavra sempre significa declarar alguém justo à luz da lei, e não tornar alguém justo por causa de sua conduta (cf. Ex 23.7; Dt 25.1; 1 Rs 8.32). A falha em definir justificação biblicamente é o que levou alguns intérpretes reformadores a concluir que todo aquele que é verdadeiramente justificado inevitavelmente terá uma conduta justa.

Abraão foi declarado justo mais de uma vez. A maioria dos intérpretes entendem a primeira afirmação da justificação dele nas Escrituras como descrevendo o novo nascimento dele, usando um termo neotestamentário (Gn 15.6). Isso ocorreu quando Deus declarou Abraão justo. Tiago explicou que

¹⁷¹ P. ex.: Mayor, pág. 101; R. F. Weymouth, *The New Testament in Modern Speech*, págs. 561-562; e Zane C. Hodges, “Light on James Two from Textual Criticism”, *Bibliotheca Sacra* 120:480 (Outubro-Dezembro 1963):343-347.

¹⁷² Veja Martin, pág. 89.

cerca de 20 anos mais tarde depois de ser declarado justo por Deus, ele foi justificado novamente. As Escrituras ensinam consistentemente que o cristão a quem Deus declara justo jamais perde sua condição de justiça perante Deus (Rm 5.1; 8.1; et al.). Esta pessoa não precisa ser “salva” novamente.

Esta segunda justificação subsequente de Abraão refere-se à uma segunda afirmação da sua justiça. Tiago disse, nesta segunda vez, que as “obras” de Abraão declararam-no justo. Elas deram testemunho da fé dele.¹⁷³ As obras nem sempre evidenciam a fé (v. 19), mas por vezes isso ocorre. Elas o fazem quando a pessoa que se tornou um cristão pela fé continua vivendo pela sua fé. Abraão é um bom exemplo de um cristão cujas boas obras (obediência a Deus) testemunham acerca da sua justiça. Ele continuou vivendo pela fé, tal como tinha sido declarado justo pela fé.

“Obviamente fica claro que ele [i.e., Tiago] mesmo está falando acerca da declaração, e não da imputação da justiça”.¹⁷⁴

“A justificação da qual Paulo fala é diferente daquela mencionada por Tiago; um fala da nossa pessoa sendo justificada diante de Deus, o outro fala da nossa fé sendo justificada diante dos homens...”.¹⁷⁵

2.22

A fé de Abraão foi aperfeiçoada por suas obras, no sentido de que suas obras fortaleceram sua fé. Esta é outra forma de expressar a mesma ideia declarada por Tiago em 1.2-4. O crescimento rumo à maturidade ocorre à medida que perseveramos na vontade de Deus quando enfrentamos provações. Quando Deus poupou a Isaque, a fé de Abraão se tornou muito mais forte do que era antes. Uma leitura cuidadosa da narrativa de Abraão em Gênesis revela o crescimento da fé do patriarca.

“A fé que justifica... pode ter um papel ativo e vital na vida do cristão obediente. Tal como foi com Abraão, ela pode ser a dinâmica para atos impressionantes de obediência. Neste processo, a própria fé pode ser ‘aperfeiçoada’. A palavra grega sugere desenvolvimento e motivação. A fé é assim alimentada

¹⁷³ Veja Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1-17*; pág. 441; e Robertson, 6.37.

¹⁷⁴ João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 3:17:12.

¹⁷⁵ Henry, pág. 1933. Veja, também, Paul D. Weaver, “James”, em *Surveying Hebrews through Revelation*, págs. 41-42.

e fortalecida pelas obras”.¹⁷⁶

O singular “você” (NVI) neste versículo no texto grego indica que Tiago ainda estava falando com o seu opositor.

2.23 Gênesis 15.16 “foi cumprido” quando Abraão ofereceu Isaque no sentido de que sua fé se tornou abundantemente clara naquele momento. O que Deus disse a respeito de Abraão tornou-se óbvia e externamente verdadeiro quando o patriarca confiou e obedeceu a Deus quando posto à prova.

“O significado pleno da palavra proferida (Gn 15.16) foi demonstrado no sacrifício de Isaque ... anos antes que em louvor da fé de Abraão na promessa de um filho”.¹⁷⁷

Tiago parece ter incluído o fato de que Deus chamou Abraão de Seu “amigo” pelo seguinte motivo: Ele quis demonstrar que a fé obediente, contínua, e não apenas a fé salvífica inicial, é o que torna uma pessoa um amigo íntimo de Deus (cf. 4.4; 2 Cr 20.7; Is 41.8; Jo 14.21; 15.14).

“Quando um homem é justificado pela fé, ele encontra uma aceitação sem reservas perante Deus... (Rm 4.6). Mas somente Deus é capaz de enxergar essa transação espiritual. Entretanto, quando um homem é justificado pelas obras, ele atinge uma intimidade com Deus que é manifesta aos homens. Ele, então pode ser chamado de ‘amigo de Deus’, tal como Jesus disse: ‘Vocês serão meus amigos se fizerem o que eu ordeno’ (Jo 15.14)”.¹⁷⁸

Por que Tiago trouxe Abraão para a sua argumentação? Abraão é um exemplo claro de que é possível ser declarado justo por Deus, mas não inevitavelmente necessário ser declarado justo pelas obras que pratica. Foi somente quando Abraão continuou vivendo pela fé (continuando a confiar e a obedecer a Deus) que, cerca 20 anos depois sua justificação pela fé em Deus, suas obras declararam que ele era justo. Ao continuar confiando e obedecendo a Deus, como Abraão fez, o leitor cristão de Tiago também poderia validar sua

¹⁷⁶ Hodges, *The Gospel...*, págs. 29-30.

¹⁷⁷ Mayor, pág. 104.

¹⁷⁸ Hodges, *The Gospel...*, pág. 31. Veja, também, Fanning, pág. 429.

justificação pela fé em Deus por meio das boas obras – e assim, se tornar um amigo verdadeiro de Deus.

6. O argumento final de Tiago 2.24-26

2.24

O uso do plural (oculto) neste versículo, no texto grego, mostra que Tiago havia concluído sua resposta ao opositor. Ele agora está, novamente, se dirigindo diretamente aos seus leitores (cf. vv. 14-17).

As “obras” nos declaram justos (gr. presente ativo indicativo de *dikaioo*) no sentido de que nossas obras testificam para os observadores que exercitamos a fé salvífica. As obras são o fruto externo que testemunha acerca da vida eterna interior. Entretanto, Tiago disse previamente que nem todo cristão evidencia frutos visíveis (v. 17; cf. Jo 15.2). A fé de tal cristão não é produtiva; é morta, inativa. Todavia, ele possui fé. Alguns não cristãos aparentam dar frutos de fé salvífica, mas Deus um dia exporá o trigo desses como sendo joio (Mt 13.30).

“...Paulo e Tiago são mais bem compreendidos como quem está abordando situações bastante diferentes... Enquanto o público de Paulo corre o risco de confiar nas ‘obras’ para a salvação, os leitores de Tiago estão encontrando desculpas para não praticar boas obras, exibindo, dessa forma, apenas uma fé que está morta”.¹⁷⁹

Certo escritor defendeu a posição de que a vindicação (justificação) em questão aqui é universal (para todo cristão) e é afirmada num contexto salvífico [relacionado à salvação eterna].¹⁸⁰ Minha posição é que a vindicação é apenas perante os outros, e não se encontra num contexto salvífico.

2.25

Tiago poderia ter encerrado seu argumento com o reverenciado patriarca Abraão, mas ele escolheu acrescentar a ilustração de “Raabe”, a “prostituta” redimida.¹⁸¹

“Raabe... é perfeitamente adequada para conectar os fios do seu pensamento. Esta passagem havia começado, como vimos, com uma alusão ao seu tema da ‘salvação da vida’

¹⁷⁹ Martin, pág. 95.

¹⁸⁰ C. Ryan Jenkins, “Faith and Works in Paul and James”, *Bibliotheca Sacra* 159:633 (Janeiro-Março 2002):62-78.

¹⁸¹ Blue, pág. 826.

(2.14; 1.21). Portanto, não surpreende que Raabe seja escolhida como exemplo de uma pessoa cuja vida física foi ‘salva’ precisamente porque tinha obras”.¹⁸²

Raabe aparentemente confiou em Deus antes mesmo dos espias chegarem a bater à sua porta (cf. Js 2.9-13). Em vez de ser originalmente parte da nação israelita, ela era uma prosélita do judaísmo. Consequentemente, com estes dois exemplos, Tiago mostrou a necessidade das obras para os cristãos, independentemente do contexto histórico e das origens daquela pessoa. Abraão e Raabe estavam polos de distância um do outro:

“O contraste é nítido: Abraão, um personagem bíblico principal; Raabe, uma personagem coadjuvante. Abraão, o pai daqueles que creem; Raabe, uma estrangeira. Abraão, o respeitado; Raabe, a desonrada. Abraão, um homem; Raabe, uma mulher. Como normalmente acontece, o contraste tem a intenção de nos alertar para o fato de que uma declaração plenamente exaustiva está sendo feita – por assim dizer, cobrindo a situação desde Abraão até Raabe e vice-versa. As principais obras da fé são, portanto, as obras de Abraão e Raabe, e aplicam-se a todos, sem exceção. Qual foi a obra de Abraão? Ele não reteve nada de Deus. Deus disse: ‘Quero o teu filho’ e Abraão ‘levantou-se de madrugada’ (Gn 22.3) em pronta obediência. Qual foi a ação de Raabe? Ela estendeu a mão e cuidou pessoalmente daqueles necessitados e indefesos, independentemente do preço que isso poderia custar a ela”.¹⁸³

2.26 “A fé sem obras é” tão “morta” quanto “um corpo sem” um “espírito” humano. Ela não possui valor prático. Esta é a ilustração e a afirmação final de Tiago a respeito do assunto. Nossa fé se torna apenas ortodoxia morta quando paramos de obedecer a Deus. A fé vital (viva), então, se torna uma fé morta (inútil). Tanto um corpo morto quanto uma fé morta estiveram vivos em algum momento.

“Será que Tiago contradiz a doutrina paulina da graça plena, ou a insistência

¹⁸² Hodges, *The Gospel...*, pág. 32.

¹⁸³ Motyer, págs. 115-116. Divisão de parágrafo omitida.

joanina da fé como condição singular para a vida eterna? Longe disso. Mas ele também não apoia a convicção generalizada de que uma ‘fé morta’ é incapaz de existir na vida de um cristão. Ironicamente, é exatamente contra isso que ele alerta. Ironicamente, a má interpretação de suas palavras não apenas gerou confusão desnecessária sobre os termos para a vida eterna, mas também privou a igreja de uma advertência muito necessária e salutar [benéfica]. Os perigos da fé moribunda são reais. Mas eles não incluem o inferno, e nada do que Tiago escreve sugere isso. Todavia, o pecado permanece um inimigo mortal da experiência cristã, que pode acabar com a nossa própria vida física. A isso, a sabedoria do Antigo Testamento acrescenta seu testemunho às advertências de Tiago. E, se um homem quiser ser salvo de tal consequência, ele precisa ter obras”.¹⁸⁴

“Nem uma única vez Tiago questiona se o rico – ou o pobre – foi salvo. Ele também não os admoesta de tal forma que os leve a questionar se foram salvos. Ele nunca diz, por exemplo: ‘O problema de vocês é que não são salvos’. Ele não apresenta um plano de salvação; não os avisa acerca de uma falsa segurança; não revê a base da fé salvífica”.¹⁸⁵

A chave para a compreensão desta passagem é um entendimento correto do que a fé morta é. Tiago usou a palavra “morta” (gr. *nekra*, vv. 17, 26) como um sinônimo para inútil (gr. *arge*, vv. 14, 16, 20). Ele não estava dizendo que a pessoa com a fé morta não possui fé, que ela não é salva. Ele quis dizer que a pessoa com a fé morta possui a fé salvífica, mas não está vivendo pela fé naquele momento. A fé dessa pessoa não possui efeito vital na forma como ela está vivendo o presente. Ela não está confiando ou obedecendo a Deus no cotidiano. Inútil significa algo sem valor prático; não significa inexistente. Outros termos importantes para definir corretamente nesta passagem são “justificado” (ARA) e “salvar”. Justificar (gr. *dikaioo*, vv. 21, 24) significa declarar justo, e não tornar justo. E salvar (gr. *sozo*, v. 14) é um termo abrangente que engloba justificação, santificação e glorificação, e não apenas justificação. Santificação progressiva é o que está sendo contemplado aqui.

“A fé mencionada nesse trecho [2.14-26] pode ser pressuposta a todo cristão ... a intenção [de Tiago] não é dogmaticamente norteadada, mas é norteadada pela prática: *ele deseja admoestar o cristão a praticar a sua fé, i.e., o cristianismo, as obras*”.¹⁸⁶

¹⁸⁴ Hodges, *The Gospel...*, pág. 33. Divisão de parágrafo omitida. Veja, também, idem, *The Hungry...*, págs. 81-95.

¹⁸⁵ Kendall, *Once Saved...*, pág. 208. Cf. Chitwood, *Salvation of...*, págs. 45-54.

¹⁸⁶ Dibelius, pág. 178. Itálicos do autor.

Em suma, creio que o que Tiago escreveu nos versículos 14-26 significa o seguinte: As boas obras não são necessárias para nos manter longe do inferno. Entretanto, elas são necessárias para nos manter longe da punição disciplinadora de Deus, que pode até mesmo resultar na morte física prematura. É possível o cristão não usar sua fé, parar de andar pela fé. Em tal caso, a fé dessa pessoa não possui utilidade prática aqui e agora. Portanto, nós que somos cristãos devemos ter o cuidado de continuar, diariamente, confiando em, e obedecendo a Deus. É possível o cristão exercer fé salvífica e depois parar de andar pela fé. É exatamente sobre isso que Tiago está nos alertando. Ele está lidando primordialmente com a santificação, e não com a justificação, aqui e ao longo da sua epístola. O ensino aqui é sobre vida cristã e não sobre como se tornar um cristão.

“A ênfase de Tiago na fé somente mostra que ele declara a necessidade da fé; ele se opõe, sim, a uma fé que nega a obrigação de se obedecer a Cristo como Senhor”.¹⁸⁷

Quando Jesus disse, “Vocês os identificarão por seus frutos” (Mt 7.16, 20), Ele estava dando uma forma geral para avaliarmos as pessoas, e não dizendo que as obras de uma pessoa sempre e inevitavelmente indicam sua salvação. Se este fosse o caso, então, sempre que um cristão peca, ele daria evidência de que não é alguém salvo. As obras são um guia razoavelmente confiável acerca da salvação de uma pessoa, mas não um guia infalível. Há muitas exceções (cf. a parábola de Jesus acerca do trigo e do joio; Mt 13.24-41). Alguns cristãos vivem num estado de carnalidade por anos – e chegam a morrer assim. Todavia, elas vão ao céu quando morrem porque confiaram em Cristo em algum momento, e Ele as declarou justas aos Seus olhos.

Creio que o foco de Tiago aqui é que devemos continuar vivendo pela fé e confiando em Deus diariamente, e não apenas recebermos a vida eterna pela fé. Muitos cristãos confiam muito pouco em Deus em sua vida diária. Uma evidência disso é a vida de oração dessas pessoas. Neste capítulo, Tiago disse que o partidarismo (o favoritismo) pode indicar que uma pessoa não está vivendo pela fé. As boas obras são algo normal para o cristão, mas elas não são automáticas ou inevitáveis. Colossenses 2.6 diz: “Ora, assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nEle” (ARA). Tito 3.8 diz que aquele que creu em Deus deveria “[ser solícito] na prática de boas obras” (ARA). 2 Pedro 1.5-7 diz: “esforcem-se ao máximo para corresponder a essas promessas. Acrescentem à fé a excelência moral; à excelência moral o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a devoção

¹⁸⁷ Stulac, pág. 116. Veja, também, Robert N. Wilkin, “Another View of Faith and Works in James 2”, *Journal of the Grace Evangelical Society* 15:29 (Outono de 2002):3-21.

a Deus; à devoção a Deus a fraternidade; e à fraternidade o amor”.¹⁸⁸

IV. O FALAR E A SABEDORIA DIVINA CAP. 3

Um dos aspectos mais importantes das nossas obras, algo discutido por Tiago ao longo da carta, são as nossas palavras. Muito do que fazemos envolve nossas palavras. Também podemos expressar partidarismo por meio das nossas palavras. A seguir, Tiago fornece aos seus leitores orientações a respeito do falar para ajudá-los a compreender e aplicar a vontade de Deus a esta área da vida.

“Quanto mais prevaleceu a ideia, de que a fé, sem a obediência correspondente, era tudo o que seria necessário, mais os homens se esforçariam para ensinar: como, de fato, a Igreja tem percebido que em todas as eras, tal opinião tem se tornado comum: os mestres e pregadores que se autoneciam tem se multiplicado rapidamente”.¹⁸⁹

A. CONTROLANDO A LÍNGUA 3.1-12

Tiago falou particularmente do uso inapropriado da língua na adoração e no ensino cristãos, bem como na vida eclesiástica (cf. 1 Co 12.3; 14.27-39). Tiago partiu do assunto da fé vã para o aí abordar o assunto do falar fútil.

“... em suas variações normais, Tiago retorna ao tema da fala (1.19, 26) e adverte os verdadeiros cristãos a respeito do perigo da língua...”.¹⁹⁰

“Este capítulo também está relacionado com a sobrevalorização da teoria em relação à prática que constituiu o tema do último capítulo”.¹⁹¹

“Os que se alinham com o pensamento de Tiago são, obviamente, líderes que são convocados a controlar e nortear o curso da vida e do destino da igreja. Por isso, o uso das ilustrações gêmeas do freio do cavalo (v. 3) e do leme do navio (v. 4)”.¹⁹²

¹⁸⁸ Veja também Michael D. Fiorello, “The Ethical Implication of Holiness in James 2”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 55:3 (Setembro 2012):557-572.

¹⁸⁹ Alford, 4:2:302.

¹⁹⁰ Adamson, pág. 138.

¹⁹¹ Mayor, pág. 107.

¹⁹² Martin, pág. 104.

1. A advertência negativa 3.1

Como fez nos capítulos anteriores, Tiago apresentou um novo assunto com um mandamento (cf. 1.21; 2.1).

Todo cristão é responsável por ensinar (compartilhar, transmitir a) outros aquilo que Deus revelou em Sua Palavra (Mt 28.19; Hb 5.12). Entretanto, Tiago estava falando obviamente dos indivíduos que estavam se tornando mestres – como os rabinos em seus dias, que eram mestres profissionais. Ele pode aqui ter advertido aqueles que estavam considerando ensinar na igreja e sugerindo que alguns que vinham ministrando de forma indigna nesta função deveriam abandonar o cargo.¹⁹³

“Os mestres são necessários, mas mestres incompetentes e indignos provocam muito dano”.¹⁹⁴

O judeu tinha grande admiração pelos mestres (rabinos) e dava a eles muita honra na época de Tiago (cf. Mt 23.8). O serviço da sinagoga oferecia aos homens muitas oportunidades na congregação de se levantarem e falarem ao restante da assembleia (cf. At 13.15). Os cristãos transferiram tal oportunidade para os encontros na igreja primitiva (cf. 1 Co 14.26-33). Consequentemente, havia muitos judeus nos destinatários de Tiago, que, embora não fossem qualificados, queriam ensinar outros publicamente por causa de prestígio ou de algum outro motivo. Tiago advertiu que o mestre será julgado por alguém com mais severidade do que aquele que não ensina, pois, um mestre cristão, a princípio, conhece a verdade e alega viver por ela. Esse Alguém pode ser um ouvinte do ensinamento ministrado, mas Ele definitivamente será o próprio Deus.¹⁹⁵

“Isto não é um ataque ao ofício do mestre ou da função de ensinar, pois Tiago se identificou como mestre. Ao contrário, ele está procurando restringir a pressa para ensinar por parte de pessoas não qualificadas”.¹⁹⁶

“Qualquer mestre corre o risco de se tornar o ‘Senhor Oráculo’. Nenhuma profissão é mais suscetível a gerar orgulho espiritual e intelectual”.¹⁹⁷

¹⁹³ Martin., pág. 107.

¹⁹⁴ Robertson, 6:39.

¹⁹⁵ Cedar, pág. 69.

¹⁹⁶ Hiebert, *James*, pág. 185.

¹⁹⁷ Barclay, *The Letters...*, pág. 94. Ele fez uma alusão ao “O Mercador de Veneza”, de William Shakespeare, Ato 1, Cena 1, Linha 93: “Sou o Senhor Oráculo, e quando eu falar, nenhum cachorro ladre!”

2. O motivo para a advertência 3.2

A pessoa que fala muito irá errar (“tropeçar”) muito em seu falar, porque a língua (vv. 5-12) é o membro do corpo mais difícil de ser controlado. Ninguém foi capaz de controlá-la até hoje, exceto Jesus Cristo. Todavia, a maturidade espiritual exige uma língua domada (cf. Tt 1.11).

“Embora nem todos os pecados imputados a uma pessoa sejam necessariamente os mesmos que os partilhados por outras pessoas, todas as pessoas têm, pelo menos, um pecado em comum, a saber, o pecado da língua”.¹⁹⁸

3. Exemplos do perigo 3.3-8

3.3 O mesmo ocorre com os “cavalos” e com os seres humanos. Se formos capazes de controlar a língua, conseguimos controlar todo o animal.

“Nada parece fazer tropeçar mais um cristão do que uma língua solta”.¹⁹⁹

3.4 A segunda ilustração acrescenta um outro elemento. A língua controlada é capaz de superar grandes obstáculos. Obviamente, Tiago havia observado inúmeras “embarcações” no Mar da Galiléia e, quem sabe, no Mediterrâneo, “impelidas por fortes ventos”, mas “dirigidas por lemes muito pequenos”.

3.5 As duas ilustrações anteriores partilham uma característica que Tiago mostra a seguir. Embora “pequena” e, comparativamente insignificante, “a língua” é capaz de produzir grandes mudanças, desproporcionais, em relação ao seu tamanho. O leme, e a língua, embora sejam pequenos, têm o poder de direcionar. Esta interpretação parece preferível em lugar daquela que entende o versículo 5a como uma declaração de que a língua consegue fazer afirmações pretensiosas. Tiago não declarou isso antes, mas esta frase pede uma conexão com aquilo que vem antes.

O poder da língua é tão destrutivo quanto o de uma fagulha que pode incendiar uma grande floresta. Ela é pequena, mas poderosa.

3.6 O “fogo” é uma boa ilustração para o efeito da língua. Ela é, potencialmente,

¹⁹⁸ Martin, pág. 109.

¹⁹⁹ Blue, pág. 827.

um mundo de iniquidades, tão perversa quanto poderosa.

“...todas as características de um mundo caído, sua cobiça, sua idolatria, sua blasfêmia, sua luxúria, a sua ganância voraz, encontram expressão na língua”.²⁰⁰

“A partir do contexto parece melhor aceitar que Tiago enxerga a língua como um enorme sistema de iniquidade”.²⁰¹

“A língua” é a porta através da qual as influências malignas do “inferno” podem espalhar-se como “fogo” para inflamar todas as áreas da vida com que temos contato. Este é o único lugar no Novo Testamento onde a palavra inferno (gr. *geennes*) ocorre fora dos Evangelho Sinópticos. Aqui, o corpo inteiro (gr. *soma*) representa a pessoa inteira. Entretanto, pode também ser uma alusão à igreja.²⁰²

4. A natureza incontrolável da língua 3.7-8

3.7 O ser humano controlou todas as principais formas de vida animal. Por exemplo: as pessoas ensinaram leões, tigres e macacos a pularem através de um aro. Ensinaram papagaios e canários a falar e a cantar. Encantaram cobras. Treinaram golfinhos e baleias para efetuarem vários truques e tarefas. Os antigos se orgulharam da capacidade dos humanos para domar e controlar o reino animal.²⁰³ Domesticado é, talvez, uma palavra demasiadamente forte. Subjugado talvez seja uma melhor tradução da palavra grega (*damazo*). Todos os animais foram controlados, mas não necessariamente domesticados.

3.8 Sem a ajuda do Espírito Santo, nenhum ser humano foi capaz de controlar sua própria língua. Ela é bem mais perigosa do que qualquer animal mortífero pois jamais descansa, e é capaz de destruir com simples palavras (cf. Sl 62.4). Fogo, animais e a língua possuem o poder de destruir (cf. v. 5).

5. A inconsistência da língua 3.9-12

3.9 Nós honramos a Deus com nossas palavras, mas então nos viramos e

²⁰⁰ Tasker, pág. 76.

²⁰¹ Hiebert, *James*, pág. 195.

²⁰² Martin, pág. 111, 112 e 123.

²⁰³ Martin, pág. 116.

desonramos aos outros com aquilo que dizemos. Isso é incoerente porque as pessoas portam a imagem de Deus (Gn 1.27).

“A lição é que aquele que amaldiçoa aquele que foi feito à imagem de Deus amaldiçoa implicitamente o protótipo também”.²⁰⁴

“Louvar a Deus é a função mais sublime da língua humana; três vezes por dia, o judeu devoto recitava ‘as Dezoito Bênçãos’, com o seu final ‘Bendito sejas, ó Deus’”.²⁰⁵

“Uma prática piedosa entre os judeus, tanto ao falar quanto ao escrever, era acrescentar ‘Bendito seja [Ele]’ após cada menção do nome de Deus. Sem sombra de dúvida, os leitores desta epístola ainda continuavam com esta prática sempre que Deus era mencionado”.²⁰⁶

3.10 Este fenômeno contraditório (“bênção e maldição saem da mesma boca”) não é apenas contrário à vontade de Deus, mas também é contrário à ordem natural das coisas.

“Embora o cristão possua no Espírito Santo o potencial para controlar a língua, ele pode não se apropriar deste potencial”.²⁰⁷

“A pessoa que louva a Deus durante o culto e, então, fala rispidamente com as pessoas no trabalho e em casa, Tiago ordena: ‘Purifique seu falar ao longo da semana’. Tiago não se alegra com a pessoa que diz: ‘Você sabe que eu falo muito’. Ele insiste: ‘Esteja pronto para ouvir e não se apresse em falar’. Tiago não se impressiona com a pessoa que se vangloria: ‘Sempre falo o que está na minha cabeça, independentemente de quem se machuque com minhas palavras’. Ele ordena: ‘Discipline o seu falar’. Da pessoa que

²⁰⁴ Oesterley, 4:454.

²⁰⁵ Adamson, pág. 146.

²⁰⁶ Hiebert, *James*, pág. 201. Cf. Oesterley, 4:453; Mc 14.61.

²⁰⁷ Burdick, pág. 188.

diz: ‘Eu sei que fofoco muito, mas não consigo mudar isso’, Tiago ainda exige: ‘Controle a sua língua’. A respeito da pessoa que tem o hábito de falar com insultos, menosprezos e sarcasmo, Tiago exige: ‘Mude seus hábitos da fala’. Ele espera que a disciplina aconteça na vida de um cristão. Qualquer cristão pode rogar pela graça necessária, pois Deus dá boas dádivas (1.17) e o faz generosamente (1.5). Sendo assim, não há justificativa para hábitos corruptos no falar em nossas igrejas hoje”.²⁰⁸

“...a Bíblia nunca dá muito valor para o conhecimento que permanece meramente na cabeça ou no credo. Nada é conhecido até que isso modele a nossa vida”.²⁰⁹

“A referência não é ao uso de linguagem profana vulgar, mas aparentemente parece prever disputas iradas e comentários caluniosos em brigas partidárias dentro da igreja (cf. 4.1-2, 11-12)”.²¹⁰

3.11-12 As ilustrações enfatizam essa inconsistência natural (cf. Mt 7.16). Uma fonte de água pode fornecer apenas um tipo de água: ou doce ou amarga. Uma árvore pode produzir apenas o fruto do seu tipo. Uma fonte salgada é incapaz de produzir água doce assim como a natureza humana caída é incapaz de produzir palavras puras. Uma fonte, uma árvore e a língua todas têm o poder de encantar (vv. 5, 8).

“Pequena e influente, a língua precisa ser controlada; satânica e contagiosa, a língua precisa ser encurralada; salgada e inconsistente, a língua precisa ser purificada”.²¹¹

Como fez nos capítulos anteriores, Tiago estava lidando com a raiz do problema do comportamento humano. O ensinamento dele contrasta fortemente com o dos mestres religiosos a quem Jesus repreendeu por sua superficialidade e hipocrisia. Obviamente, Tiago estava representando o comportamento humano como ele se apresenta naturalmente, sem a

²⁰⁸ Stulac, pág. 130.

²⁰⁹ Motyer, pág. 130.

²¹⁰ Hiebert, *James*, pág. 201.

²¹¹ Blue, pág. 828.

influência santificadora do Espírito Santo.

B. CONTROLANDO A MENTE 3.13-18

Como nos capítulos anteriores, Tiago iniciou sua abordagem acerca do discurso humano com uma exortação prática e, então, prosseguiu para lidar com questões básicas crescentes. A seguir ele falou a respeito da importância controlar a mente para capacitar seus leitores a compreender como controlar a língua. A sabedoria na mente afeta o uso que a pessoa faz de sua língua. Observe as palavras-chave “sábios” e “sabedoria” (vv. 13, 17) que formam um parêntese de pensamento neste trecho, bem como a proeminência das palavras “pacífica” e “pacificadores” (vv. 17, 18).

1. A importância de ser humilde 3.13

As qualificações de um mestre (v. 1) são sabedoria (a capacidade de enxergar a vida da perspectiva de Deus) e o entendimento (percepção e compreensão mental). É possível que Tiago tivesse em mente o sábio do Antigo Testamento.²¹² Somos capazes de perceber o entendimento nos outros rapidamente, mas a sabedoria é algo mais difícil de identificar. Tiago orientou a olharmos para a conduta de uma pessoa se quisermos ver se a pessoa é ou não sábia. A sabedoria que Tiago tinha em mente não resultava tanto daquilo que a pessoa pensava ou dizia, mas do que ela fazia.²¹³

Uma das marcas da sabedoria é a humildade. A palavra grega *prauteti*, aqui utilizada por Tiago, aparece na literatura extrabíblica para descrever um cavalo que alguém havia domado e treinado para se submeter ao freio.²¹⁴ Ela retrata força sob controle, especificamente sob o controle do Espírito Santo. A evidência desta atitude é a pessoa se colocar, deliberadamente, debaixo da autoridade divina. A única maneira de controlar a língua é colocar sua mente deliberadamente debaixo da autoridade de Deus, e permitir que Ele a controle (fazer o que Ele quer; cf. Mt 11.27; 2 Co 10.1). O conceito de sabedoria de Tiago era hebraico e não grego, moral mais do que intelectual (cf. 1.5).

“O problema parece ser que alguns que se achavam pessoas principais na igreja, pensando ser dotados de sabedoria e compreensão superior, dividiram a igreja por conta do seu ensino, provocado que foi por um mau uso da língua”.²¹⁵

²¹² Veja John E. Johnson, “The Old Testament Offices as Paradigm for Pastoral Identity”, *Bibliotheca Sacra* 152:606 (Abril-Junho 1995):182-200.

²¹³ James H. Ropes, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of St. James*, pág. 244.

²¹⁴ Barclay, *New Testament...*, págs. 241-242.

²¹⁵ Martin, pág. 128.

“A soberba do conhecimento sempre foi o pecado dos professores profissionais”.²¹⁶

“É muito difícil ser um mestre ou um pregador e permanecer humilde; mas, embora seja difícil, isso é algo absolutamente necessário”.²¹⁷

2. A importância de ser gracioso 3.14-16

3.14 “Inveja amarga” e “ambição egoísta” são motivações que não devem encontrar abrigo no coração de um mestre, caso contrário ele se verá dizendo coisas que não deveria dizer. Estamos falando de atitudes para com os outros e para consigo mesmo que são a antítese da graciousidade, que busca o bem-estar dos outros antes do seu próprio.

“*Inveja amarga* (v. 14). A palavra grega traduzida por ‘amarga’, *pikros*, é a mesma palavra que Tiago usa para descrever a água amarga que brota da fonte (3.11). A palavra denota uma característica aguda e lancinante. Inveja é a palavra grega *zelos*, que também pode ser traduzida como zelo. No versículo 16, Tiago afirma que esta inveja conduz à confusão e a todo mal. *Ambição egoísta* (v. 14). Esta palavra em grego é *eritheia*, que é melhor traduzida como ‘contenda’. A tradução mais explícita da palavra seria ‘facção’ ou ‘divisão partidária’. Essa é a expressão da natureza pecaminosa humana, que se preocupa com a indulgência de querer fazer as coisas à sua própria maneira. Isto cria a síndrome ‘nós-eles’, com a qual estamos todos familiarizados. Trata-se da ambição egoísta na sua pior forma”.²¹⁸

Inveja e ambição são manifestações de arrogância (gr. *katakauchaomai*, vanglória) e resultam na promoção da própria pessoa ao invés da “verdade” que o mestre é responsável por comunicar. *Mentiras* (gr. *pseudomai*) contra a verdade significa ensinar coisas não verdadeiras, coisas que sem opõem à verdade. Aquele que se vangloria da sabedoria não segue a Deus, pois a

²¹⁶ Wessel, pág. 1436.

²¹⁷ Barclay, *The Letters...*, pág. 107.

²¹⁸ Cedar, pág. 74. Divisão de parágrafo omitida.

humildade não caracteriza sua vida. A isto se aplica tanto ao cristão quanto ao não-cristão.

- 3.15 Este tipo da chamada “sabedoria”, que brota da inveja e da ambição, não tem a sua fonte no temor do Senhor. Ela vem do espírito “terreno” deste mundo (cf. 2.1-7). Ela consiste apenas do que é natural e exclui a influência sobrenatural do Espírito Santo. Além disso, ela é demoníaca: tal como o demônio em seu engano, hipocrisia e perversidade. Observe a correspondência entre terreno, natural e demoníaco e os três inimigos que temos como crentes: o mundo, a carne e o diabo.

“A sabedoria não é medida por graus acadêmicos, mas pelas realizações. Não se trata de aquisição de verdades em palestras, mas da aplicação da verdade à vida”.²¹⁹

- 3.16 Deus não é um Deus de desordem (gr. *akatastasia*, tumulto, alvoroço), mas de ordem e de paz (Gn 1; 1 Co 14.33). Ele Se opõe a “tudo o que é mal” (1 Jo 1.5). Portanto, “a inveja amarga e a ambição egoísta (disputa)” não fazem parte da sabedoria fornecida por Deus.

“Há um tipo de pessoa que é, sem sombra de dúvida, astuta; ela possui um cérebro aguçado e uma língua habilidosa; mas o seu efeito em qualquer comitê, em qualquer igreja, em qualquer grupo, é causar problemas, afastar as pessoas, alimentar discórdias e perturbar relações pessoais. É muito preocupante lembrar que a sabedoria que o homem possui é diabólica e não divina, e que tal ser humano está empenhado na obra de Satanás e não na obra de Deus”.²²⁰

3. A importância de se amar a paz 3.17-18

- 3.17 Em contraste, a sabedoria que vem do alto, dada por Deus possui inúmeras características: Ela é pura (gr. *hagnos*), que significa livre das contaminações mencionadas. Ela é pacífica (gr. *eirenikos*). Ela é amável (gr. *epiekes*), tem os outros em conta. Ela é compreensiva (gr. *eupeithes*, NVI), isto é, aberta a considerar e disposta a ceder a pedidos sensatos. Ela é cheia de misericórdia (gr.

²¹⁹ Blue, pág. 828.

²²⁰ Barclay, *The Letters...*, pág. 110.

eleos) no sentido de que é ativamente simpática para com o necessitado, e ela é cheia de bons frutos (gr. *karpos*, boas obras). Ela é imparcial (gr. *adiakritos*): sua devoção a Deus é exclusiva, em lugar de exibir dupla lealdade. Por fim, ela não é tomada pela hipocrisia (gr. *anupokritos*), especificamente, fiel às aparências.

“Consequentemente, ‘pureza’ não é apenas uma qualidade entre outras, mas é a chave para todas elas”.²²¹

3.18 Aquele que tem o compromisso com a pacificação precisa ensinar a Palavra de Deus pacificamente para colher uma colheita de justiça (cf. 1.20). Estes bons frutos não aparecerão caso os mestres semeiem em palavras e de maneiras que inflamem e antagonizem as pessoas (cf. 1 Tm 5.1-2; 2 Tm 2.14, 24-26).

“A sabedoria do alto está interessada em justiça e paz”.²²²

“Para ‘[ajuntar] uma colheita de justiça’, certo tipo de clima se faz necessário. Uma colheita de não pode ser produzida num clima de amargura e de egoísmo. A justiça só crescerá num clima de paz”.²²³

“Um discurso agradável vem de um espírito sábio. Uma língua controlada só é possível com um pensamento culto. Uma boca cheia de louvor é fruto de uma mente cheia de pureza”.²²⁴

Reafirmando o pensamento de Tiago neste capítulo: nossas palavras são muito importantes à medida que procuramos executar o ministério que Deus nos chamou a cumprir. Não conseguimos controlar facilmente nossa língua. Portanto, não devemos ser precipitados para assumir um ministério de ensino. O Único capaz de controlar nossa língua é Deus, que exclusivamente pode nos dar a sabedoria que vem do alto. As marcas da sabedoria que Ele fornece são: humildade, graciosidade e paz.

Tiago adverte contra qualquer coisa que não produz o fruto das boas obras: a religião infrutífera

²²¹ Adamson, pág. 154.

²²² Cedar, pág. 76.

²²³ Brudick, págs. 191-192.

²²⁴ Blue, pág. 829.

(1.25-26), a fé infrutífera (2.26) e a sabedoria infrutífera (3.17-18).

V. OS CONFLITOS E A SUBMISSÃO HUMILDE CAP. 4

Neste capítulo, Tiago fornece orientação aos seus leitores para encoraja-los e capacita-los a viver em paz com Deus, com o próximo e consigo mesmos. Este capítulo está intimamente ligado com o capítulo 1 (cf. 4.6 e 1.5, 21; 4.8b e 1.6-8, 15, 21, 27; 4.9-10 e 1.21).

A. AS TENSÕES INTERPESSOAIS E INTERIORES 4.1-10

“Tiago 4 continua o mesmo tópico de conflitos e agora fala não apenas aos mestres de 3.14 mas também ao restante da irmandade que estão em pecado semelhante: os conflitos brotam de dentro (vv. 1-3) e são fomentados pelo mundanismo; o amor pelo mundo e o amor por Deus não podem coexistir (vv. 4-6); o cristão precisa resistir ao diabo e se aproximar de Deus (vv. 7-10)”.²²⁵

1. A fonte do conflito 4.1

Tal como fez nos capítulos anteriores, Tiago iniciou este capítulo com uma introdução clara de um problema prático enfrentado por seus leitores. Ele acabara de falar acerca da importância de se evitar conflitos (3.14-16) e de se amar a paz (3.13, 17-18). Agora, ele ataca o problema do conflito (“guerras e contendias”, ARA, NVI) dentro do cristão e entre cristãos.

“Tiago não tinha em mente as guerras entre nações, mas conflitos e brigas entre cristãos”.²²⁶

A ausência da menção amorosa “irmãos” (cf. 1.2; 2.1; 3.1) indica a severidade deste trecho e da que virá a seguir (v. 13). Por um lado, a omissão pode simplesmente ter ocorrido para evitar a muita repetição. Considerando a natureza terrível dos pecados mencionados e a ausência da menção amorosa aqui, alguns comentaristas concluíram que Tiago escreveu esta exortação para judeus incrédulos.²²⁷ Entretanto, os cristãos têm sido culpados de todos os pecados aqui mencionados. Tais pecados não se encontram além da capacidade dos cristãos. Além disso, a ausência de “irmãos” não prova que Tiago estava escrevendo para judeus que não eram seus irmãos. Ao contrário, é mais natural utilizar o uso frequente de “irmãos” ao longo desta epístola como evidência de que ele estava falando a irmãos cristãos em todos os seus trechos.

“A transição súbita do lindo retrato em 3.17-18, de uma vida governada

²²⁵ Adamson, pág. 165.

²²⁶ Wessel, pág. 1436.

²²⁷ P. ex.: Gaebelain, 4:2:29-30.

pela sabedoria celestial para o triste retrato nos versículos iniciais do capítulo 4 é impressionante, mas ela demonstra efetivamente a necessidade desta repreensão vigorosa, agora dirigida ao espírito do mundanismo”.²²⁸

“O espírito do mundanismo sempre foi um problema para a igreja; ele se manifesta numa variedade de formas que, normalmente, são súbitas. Tiago discutiu sua manifestação na vida do cristão em quatro áreas diferentes. O mundanismo se revela em seu conflito egoísta (4.1-12), numa atitude de autossuficiência presunçosa no planejamento de negócios (4.13-17), em reações erradas quando se experimenta a injustiça (5.1-11) e na utilização de juramentos em benefício próprio (5.12)”.²²⁹

Brigas (gr. *polemoi*, guerras) poderia ser uma referência a disputas entre alguns ou muitos indivíduos, ao passo que conflitos (gr. *machoi*, batalhas) provavelmente descreve as tensões no interior do indivíduo ou entre alguns poucos indivíduos. Os dois tipos de conflito, grandes e pequenos, são inimigos da paz. “Entre vós” é uma referência geral que não visa qualquer grupo entre seus leitores.²³⁰

Por meio de uma pergunta retórica, Tiago identificou os prazeres como fonte de ambos os tipos de conflito. Prazeres são desejos satisfeitos (cf. Lc 8.14; Tt 3.3). Tiago não disse que os prazeres guerreiam entre si no crente, mas que, tal como um exército sitiante, eles o assaltam inevitavelmente. É comum acharmos que a maioria dos conflitos surge por causa de circunstâncias externas, mas Tiago mostrou que a raiz vem dos desejos interiores. A satisfação de desejo, que define o prazer, é algo em que se investe grandes quantidades de tempo, dinheiro e energia para obter. Será que estou gastando estes recursos para satisfazer meus desejos pessoais ou primariamente os desejos de Deus? Nossos desejos pessoais fazem parte da nossa natureza humana, e jamais estaremos livres da força deles enquanto vivermos nestes corpos mortais. Todavia, eles não podem dominar nossa vida. Os desejos de Deus devem fazer isso (Mt 6.33a). A nossa cultura glorifica a satisfação do desejo pessoal, tal satisfação é o alvo primordial da maioria das pessoas, incluindo na vida de muitos cristãos.

2. A explicação do conflito 4.2-3

4.2 O final e pior resultado da cobiça, um desejo forte que uma pessoa pode ou não satisfazer, é o “homicídio”. Podemos ver isso ao longo da história da

²²⁸ Hiebert, *James*, pág. 219.

²²⁹ *Ibid.*, pág. 220.

²³⁰ Sidebottom, pág. 51.

humanidade, desde Caim (Gn 4), passando por Davi e Acabe (cf. 2 Sm 11; 1 Rs 21) até os nossos dias. Tiago provavelmente não estava acusando literalmente seus leitores de assassinato, embora pelo menos um estudioso cria ser este o caso.²³¹ Ele estava provavelmente lembrando seus leitores a respeito das sérias consequências de se viver meramente para satisfazer desejos pessoais.

“No contexto de palavras vigorosas como *polemoi* (‘guerras’) e *machai* (‘conflitos’), parece melhor considerar *phoneuete* (‘matais’, ARA) como uma hipérbole para o ódio. Isto também soluciona o problema da ordem aparentemente anticlimática das palavras. Dizer ‘invejais e matais’ é uma ordem muito mais natural do que dizer ‘matais, e invejais’ (ARA). Além disso, Mateus 5.21-22 e 1 João 3.15 mostram que o ódio é igual ao homicídio”.²³²

Através do mesmo princípio as lutas e discussões ocorrem quando não obtemos nossos desejos.

“Há, de fato, poucos males na vida humana que não possam ser atribuídos à cobiça e à inveja no sentido em que encontramos as palavras utilizadas neste versículo. A cobiça nem sempre leva à posse, a inveja nem sempre alcança a posição dos seus rivais – e o resultado inevitável é o conflito e a contenda”.²³³

“Tal é a condição para a qual a cobiça conduz os seus eleitores [seguidores devotos]; ela os desilude e os torna algozes mútuos”.²³⁴

“Desejos não satisfeitos levam ao homicídio... ambições frustradas levam aos conflitos e às brigas”.²³⁵

A única maneira de obter satisfação é pedindo a Deus para concedê-la a

²³¹ Martin, pág. 146.

²³² Burdick, pág. 193. Cf. Motyer, págs. 140, 164-165.

²³³ Tasker, pág. 87.

²³⁴ Edwin T. Winkler, “Commentary on the Epistle of James”, em *An American Commentary on the New Testament*, pág. 54.

²³⁵ Mayor, pág. 136.

nós. Não temos aquilo que Deus deseja que tenhamos porque não pedimos a Ele por estas coisas.²³⁶ Este é um dos versículos mais importantes na Bíblia acerca da oração. Existem algumas coisas que podemos obter de Deus que não teremos a menos que peçamos a Ele (cf. Lc 11.5-13).

“Não é verdade que um dos grandes problemas da nossa vida de oração é, simplesmente, o fato de que não oramos?”²³⁷

“...conhecer a Deus como o mestre e doador de toda boa dádiva, que nos convida a pedi-las a Ele, e ainda assim não nos achegamos a Ele para pedi-las – seria tão pouco proveitoso quanto um homem negligenciar um tesouro, enterrado e escondido na terra, depois que alguém lhe disse exatamente onde este tesouro se encontra”.²³⁸

4.3 Entretanto, normalmente pedimos a Deus por coisas que nos capacitam a satisfazermos nossos próprios desejos egoístas (“pois seus motivos são errados”). Por exemplo: pedimos por mais tempo, mais dinheiro, mais energia para que possamos fazer as coisas que desejamos, mas que Deus não deseja para nós. Precisamos pedir para que Ele nos dê mais desejo por aquilo que Ele promete e ordena (pela vontade dEle). Também precisamos possuir menos desejo por aquilo que é contrário à vontade de Deus para nós (cf. Mt 7.7-11).

“Se a oração não é nada além de uma fórmula (dizer as palavras corretas, acreditar o suficiente, confessar; e tudo acontecerá), então o cristão retornou para uma espécie de magia: Esse cristão é capaz de manipular a Deus e impor sua vontade a Ele, pois Ele *precisa* que responder. Em contraste, a oração do Novo Testamento brota de um relacionamento de confiança com um Pai cuja vontade é suprema”.²³⁹

²³⁶ Cf. Fanning, págs. 432-433.

²³⁷ Cedar, pág. 80.

²³⁸ Calvino, 3:20:1.

²³⁹ Davids, págs. 99-100.

“Na vida de um ministro cristão de tempo integral, alguns podem se dedicar à busca ativa de cuidados intermináveis dos enfermos e ao ministério de casa em casa para os não salvos e não à preparação do sermão. Isso pode ser chamado de ‘colocar as prioridades em ordem’, mas pode ser simplesmente um exercício de satisfação pessoal. Outros fecham a porta do escritório. Quando descem os degraus do púlpito num domingo, já estão mentalmente subindo os mesmos degraus no domingo seguinte. Eles podem dizer que o púlpito é o melhor lugar para exercitar o cuidado pastoral, e que estão colocando as coisas mais importantes em primeiro lugar – mas é possível que estejam apenas satisfazendo uma paixão pessoal”.²⁴⁰

3. A natureza da escolha 4.4-5

4.4 A pergunta real é a seguinte: O que irei amar, a “Deus” ou ao “mundo”?

“No sentido mais simples da palavra, o mundo é o ambiente natural de cada homem, onde ele entra no nascimento e do qual parte ao morrer. Ele é o presente imediato, o visto e o temporal, do qual os nossos sentidos dão testemunho, em contraste com o invisível e o eterno...”.²⁴¹

“O mundo” insta conosco que amemos a nós mesmos e coloquemos nossos “prazeres” antes daquilo que vem de Deus. Se concordamos com este tipo de pensamentos somos infiéis como noiva do Senhor e nos tornamos inimigos de Deus. Escolhemos deliberadamente seguir a filosofia do mundo ao invés da vontade de Deus. Não podemos ser amigos de Deus se seguirmos a filosofia do mundo (Mt 6.24). O mundo deseja que excluamos Deus de todos os aspectos de nossa vida. Deus deseja que incluamos a Ele em toda parcela de nossa vida, pois Ele está em cada pequeno detalhe de nossa vida e sem Ele nada podemos fazer (Jo 15.5).

“...nenhum homem que faz do sucesso mundano o seu alvo

²⁴⁰ Motyer, pág. 144.

²⁴¹ Mayor, pág. 225.

pode também ser amigo de Deus”.²⁴²

- 4.5 Neste versículo, Tiago fornece alicerce bíblico para aquilo que acabou de afirmar (v. 4). Entretanto, ele não cita um versículo específico; ao contrário, ele resume o ensinamento bíblico a respeito do ciúme divino (cf. Ex 20.5; 34.14; Sl 42.1; 84.2; Zc 8.2) numa nova afirmação.²⁴³

É muito difícil traduzir essa declaração, mas a melhor tradução parece ser algo assim: “Deus deseja, de forma ciumenta, fazer com que o Espírito viva em nós”.²⁴⁴ Outra tradução seria: “O Espírito que Ele fez habitar em nós anseia ardentemente pela completa devoção do coração” (cf. Rm 8.11; 1 Co 3.16; Gl 4.6; Ef 4.30; Jo 7.39; 16.7).²⁴⁵

Ambas as traduções se encaixam bem no contexto anterior. O povo de Deus que ama o mundo comete adultério espiritual contra Ele (v. 4), todavia, o Espírito de Deus anela muito pelo amor desse mesmo povo (v. 5).

Tais traduções representam precisamente o texto grego. A frase *pros phthonon* literalmente significa “invejar”, mas ela também é uma expressão idiomática adverbial que significa “ciúme”.²⁴⁶ O verbo *epipothei* significa “anelar por”, em lugar de “pender para”.

“Trata-se de uma passagem muito marcante que fala do amor do Espírito Santo, como (em um sentido) distinto daquele do Pai ou do Filho; e conexão com ele devem ser lidas as passagens de Romanos 8.26-28; Efésios 4.30; 1 Tessalonicenses 5.19”.²⁴⁷

Outra visão, que não creio ser correta, é o que o espírito humano em nós cobiça invejosamente.²⁴⁸

²⁴² Ibid., pág. 140.

²⁴³ Veja Sophie S. Laws, “Does Scripture Speak in Vain? A Reconsideration of James IV. 5”, *New Testament Studies* 20 (1973-1974):210-215; e Stulac, págs. 146-147.

²⁴⁴ Cf. J. William Johnston, “James 4:5 and the Jealous Spirit”, *Bibliotheca Sacra* 170:679 (Julho-Setembro 2013):344-360.

²⁴⁵ Mayor, pág. 141. Cf. Oesterley, 4:459.

²⁴⁶ *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, s.v. “*phthonon*”, pág. 718. Veja, também, Ropes, pág. 262.

²⁴⁷ Oesterley, 4:459.

²⁴⁸ Veja Sidebottom, pág. 53.

“Conseqüentemente, no versículo 4, Tiago acusou seus leitores de infidelidade espiritual. Se eles não estão dispostos a aceitar tal acusação, ele pergunta no versículo 5 o que eles pensam das passagens do AT que tratam do desejo ciumento de Deus pelo Seu povo. Esse é o significado da conjunção introdutória ‘ou’. Será que eles pensam que a Escritura fala ‘sem razão’ ou de forma vazia? Por conseguinte, é necessário acreditar que a amizade com o mundo é inimizada para com Deus e, portanto, é infidelidade espiritual”.²⁴⁹

4. Os recursos para se escolher corretamente 4.6-10

4.6 Deus estabeleceu um padrão elevado de amor e devoção completa para o Seu povo, mas Ele concede graça que é maior do que a Sua exigência rigorosa. O texto citado aqui, Provérbios 3.34, nos lembra que Deus Se opõe aos soberbos: aqueles que buscam seus próprios prazeres. Mas Ele concede graça aos humildes: aqueles que colocam os desejos de Deus em primeiro lugar em sua vida. Ele fornece graça (ajuda) para resistir às investidas do homem interior e do mundo exterior.

4.7 Levando em consideração este fornecimento seguro dessa graça, da parte de Deus, temos de adotar uma posição definida em relação às pessoas envolvidas nesse conflito. O imperativo aoristo nos versículos 7-10 requer uma ação decisiva. Ele soa como uma ordem militar e reflete quão seriamente Tiago considerava a pessoa de lealdade dividida.²⁵⁰

Precisamos nos “submeter” a “Deus” em humildade. Isso significa tornar aquilo que é importante para Ele importante para nós, priorizando em nossa vida aquilo que é prioritário para Deus. Implica em não viver para cumprir nossas ambições pessoais, mas usar nossa vida para cumprir os desejos de Deus. Submissão não é a mesma coisa que obediência. Submissão envolve um abrir mão da vontade própria, o que abre espaço para a obediência.

²⁴⁹ Burdick, pág. 194. Cf. Martin, pág. 151.

²⁵⁰ Hiebert, *James*, pág. 236.

Precisamos “resistir” fortemente ao Diabo (cf. 1 Pe 5.9). Quando assim fizermos, “ele fugirá de nós”. O que o Diabo deseja que nós façamos? O registro de suas tentações, incluindo aquela de Eva e de Jesus Cristo, indica que ele deseja fazer com que duvidemos, neguemos, desconsideremos e desobedeçamos a Palavra de Deus (cf. Gn 3; Mt 4). Nós resistimos ao Diabo quando nos recusamos a fazer qualquer uma dessas coisas.

“‘Não discuta com o Diabo’, disse Lutero. ‘Ele tem milhares de anos de experiência. Ele já utilizou todas as suas artimanhas com Adão, Abraão e Davi, e conhece exatamente os pontos fracos’”.²⁵¹

- 4.8 Enquanto por um lado resistimos ao Diabo, por outro lado também precisamos “nos aproximar de Deus”. Quando assim fazemos, “Ele Se aproximará de nós”. Para nos aproximarmos de Deus, precisamos passar pelo processo de purificação que faz lembrar o que os sacerdotes de Israel passavam. Precisamos “purificar” nossas “mãos”, o que simboliza nossas ações exteriores, bem como “purificar” nosso “coração” dividido, o que simboliza nossas atitudes e motivações interiores. Precisamos purificá-las por meio da confissão e do arrependimento (1 João 1.9). Precisamos remover o pecado de nossas mãos e a duplicidade do nosso coração. A lealdade envolve singeleza de propósito, especificamente, viver para a glória de Deus em lugar de viver tanto para a glória de Deus, quanto para nossos próprios desejos egoístas (cf. 1.8).
- 4.9 Tiago convoca seus leitores, que se comprometeram com o mundo por ter uma mente dividida, para que se acertem com Deus. Há riso e alegria na busca pelos desejos pessoais, mas devemos abandoná-los no processo de arrependimento. Tiago não está dizendo que o cristão precisa viver constantemente desolado, lamentando, chorando e se sentindo triste. Estes são apenas sinais externos do verdadeiro arrependimento fruto de uma antiga lealdade dividida e de um estilo de vida pecaminoso (cf. Mt 5.3-4).
- 4.10 Na conclusão desta porção de conselhos objetivos (vv. 7-10), Tiago usa o mesmo tom com a qual começou: “humilhem-se” na presença de Deus

²⁵¹ Bainton, pág. 284.

colocando-O antes de vocês mesmos. Isso sempre resulta na exaltação de Deus, tanto imediata, quanto duradoura. Uma vez que esta é a condição na qual Deus pode nos usar melhor, Ele assim agirá para a Sua glória (cf. Mt 18.4; 23.12; Lc 14.11; 18.14; 1 Pe 5.6).

“A honra mais elevada no céu será a recompensa da maior humildade na terra”.²⁵²

“Ralph Bell, um evangelista auxiliar na Associação Evangelística Billy Graham, é um homem piedoso que conta como aprendeu a confiar na graça de uma forma profundamente pessoal. Bell é um canadense negro que vive e ministra nos Estados Unidos. Quando jovem, ele lutou com experiências de insultos raciais e discriminação. Ser tratado desta forma por irmãos cristãos, que estavam desobedecendo as instruções de Tiago contra o partidatismo, foi algo especialmente doloroso. Bell compartilhou suas lutas com sua mãe, que o aconselhou a que mantivesse seus olhos em Cristo, pois Ele jamais o desapontaria. À medida que procurou colocar em prática este conselho, ele começou a encontrar a graça em ver o racismo dos outros como problema deles. Além disso ele buscou a graça de Deus para purificar sua própria vida do ódio que tinha para com aqueles que o maltratavam. Nas palavras de Tiago, Ralph Bell se humilhou perante o Senhor e ele se percebeu sendo exaltado pela graça de Deus para ser capaz de amar seus inimigos. Como é que alguém ama pessoas hostis e maldosas? A resposta é ‘sobrenaturalmente’, dependendo da graça que Deus fornece ao humilde”.²⁵³

B. A EXALTAÇÃO PESSOAL 4.11-12

Depois de lidar com a fonte dos conflitos interpessoais e interiores experimentados em particular pelos cristãos, mas também por todos em geral, Tiago lidou a seguir com um aspecto diferente do mesmo problema. Ele o fez para motivar ainda mais seus leitores a abandonarem a filosofia do mundo que coloca o eu em primeiro lugar. Criticar o próximo é perigoso, não apenas porque é uma forma de egoísmo, mas também porque o crítico exalta a si mesmo até mesmo acima de Deus quando critica alguém.

4.11 O falar aqui citado (gr. *katalaleo*, falar mal, difamar) é o depreciativo, ou o

²⁵² Henry, pág. 1936.

²⁵³ Stulac, pág. 151.

rebaixar de outro cristão. Para criticar o próximo (“falar mal”), uma pessoa precisa concluir que ela mesma está certa, e que a pessoa a quem critica está errada. Isso é julgar, assumindo o papel de juiz. “A lei” em questão provavelmente refere-se à lei geral de Deus, considerando-se o contexto. Pecamos contra a lei de Deus quando criticamos um irmão ou uma irmã, pois Deus revelou que não devemos julgar nosso irmão cristão (cf. Lv 19.15-18; Mt 7.1). Deveríamos nos submeter uns aos outros (p. ex.: Gl 5.13; Ef 5.21; Fp 2.3). Em lugar de assumir uma posição de humildade, tal pessoa se exalta ao papel de juiz (cf. v. 10). Tiago estava focado em seus leitores falando “uns dos outros”, mas aquilo que ele aconselhou é aplicável num contexto maior de todo relacionamento humano (“o próximo”, v. 12).

“Precisamos tomar o cuidado de observar a grande abrangência do ensinamento de Tiago aqui: o respeito pela lei e pela ordem é necessário (como normalmente ouvimos) para a saúde da sociedade moderna, mas Tiago vai além para nos lembrar (v. 12) que, já que Deus é a fonte de toda lei, o que está ultimamente em jogo numa ‘sociedade permissiva’ é o respeito pela autoridade do próprio Deus”.²⁵⁴

4.12 Tiago está falando de julgar o próximo sem a autorização divina para fazê-lo, pois há apenas um Legislador e Juiz. Obviamente, Deus delegou a responsabilidade de julgar alguns atos civis a governos humanos, parte da conduta eclesiástica para os presbíteros e a conduta dos filhos para os seus pais. De modo semelhante, o cristão que anda pelo Espírito e observa outro cristão em alguma falta deve procurar restaurá-lo em amor, e não o ignorar (Gl 6.1).

A crítica aos nossos semelhantes é uma atividade comum, mas ela é imprópria para meros mortais. Todos somos responsáveis perante Deus e devemos deixar o julgamento dos Seus servos para Ele (Rm 14.1-13). Precisamos lembrar que estamos no mesmo nível que aqueles a quem pretendemos julgar. Somos irmãos e próximos deles (cf. Dt 32.39; 1 Sm 2.6-7; 2 Rs 5.7).

²⁵⁴ Adamson, pág. 177.

A questão defendida por Tiago nos versículos 11 e 12 foi que devemos ser extremamente cuidadosos com relação ao julgamento ao próximo, pois Deus nos julgará com a mesma severidade com que julgamos o próximo (cf. Mt 7.2). Ele não estava dizendo que jamais devemos criticar os outros, mas sim que não devemos julgar no sentido de condenar, já que somente o divino Juiz tem autoridade para fazê-lo.

C. A autossuficiência 4.13-17

Como nos capítulos anteriores, Tiago iniciou esta porção de sua epístola com a exposição de um problema prático e passou, então, para o problema contextual mais amplo, isto é, sua aplicação prática para a vida. Ele já havia identificado a fonte dos conflitos interpessoais e interiores como o egocentrismo, e explicou que a crítica coloca o crítico numa posição que apenas Deus deveria ocupar. Agora ele irá retratar a pessoa egoísta vivendo sua vida. Ele fez isto para capacitar seus leitores a enxergar claramente a raiz deste problema.

“Tiago forneceu um exemplo de uma afirmação repleta de vanglória [v. 13], proferiu uma sentença condenatória sobre tal vanglória [v. 14] e ofereceu uma solução prática para tal vanglória [vv. 15-17]”.²⁵⁵

1. A pessoa centrada em si mesma 4.13-16

4.13 Tiago confrontou seus leitores como fizeram os profetas do Antigo Testamento. Ele iniciou: “Ouçam agora” (cf. Is 1.18; et al.). A pessoa na ilustração de Tiago era provavelmente um comerciante judeu itinerante, “...o âmago materialista da prosperidade burguesa [da classe média] contemporânea”.²⁵⁶ Os comerciantes judeus eram comuns na cultura dos dias de Tiago e, sem sombra de dúvida, alguns deles eram judeus cristãos. Os planos do homem na ilustração de Tiago não estavam errados em si mesmos.

4.14 O problema é aquilo que o comerciante não considerou: sua completa dependência em Deus (cf. Lc 12.18-20; Jo 15.5).

“Até que ponto sua vida é norteadada pelo conhecimento de que Cristo está voltando? Boa parte de nossos pensamentos e da nossa conduta é moldada pelo que conseguimos

²⁵⁵ Blue, pág. 831.

²⁵⁶ Adamson, pág. 178. Veja, também, E. M. Blaiklock, *Today's Handbook of Bible Characters*, pág. 600.

observar das circunstâncias atuais ou de eventos passados. Todavia, as Escrituras falam amplamente da volta de Cristo como um fato que deveria nortear a forma como vivemos o agora. O cristão deve ser motivado pela certeza deste evento futuro”.²⁵⁷

- 4.15 O comerciante deveria ter feito seu planejamento em dependência consciente de Deus, reconhecendo o controle soberano de Deus sobre os aspectos da vida (cf. At 18.21; 1 Co 4.19; 16.7; Fp 2.19, 24). A frase no latim, *deo volente* (“Se o Senhor quiser”, por vezes abreviada pelas letras D.V.), ainda continua sendo utilizada hoje entre alguns cristãos.

“Um estudo do uso desta sentença condicional [‘Se o Senhor quiser...’] no NT deixa claro que não a devemos repetir mecanicamente em conexão com toda afirmação a respeito de planos futuros. Por exemplo: Paulo a emprega em Atos 18.21 e em 1 Coríntios 4.19, mas ele não a utiliza em Atos 19.21; Romanos 15.28; ou em 1 Coríntios 16.5, 8. Todavia, fica óbvio que quer Paulo a tenha expressado ou não, ele sempre condicionou seus planos à vontade de Deus”.²⁵⁸

- 4.16 Tiago repreendeu os seus leitores que estavam vivendo com esta atitude que negligenciava a Deus. A alegria deles vinha do fato de acharem que controlavam seu próprio destino. Temos aqui o exemplo do homem que acha que se fez sozinho, arrogando para si o mérito daquilo que Deus lhe deu (“vossas arrogantes pretensões”, ARA). Este tipo de vanglória não é realista. Ela revela uma atitude que coloca o homem no lugar de Deus. Por este motivo, é uma atitude “maligna”.

Nestes versículos, Tiago apresentou quatro argumentos para mostrar a tolice de se ignorar a vontade de Deus: a complexidade da vida (v. 13), a incerteza da vida (v. 14a), a brevidade da vida (v. 14b) e a fragilidade do homem (v. 16).²⁵⁹

2. A exortação conclusiva 4.17

A pessoa que Tiago acabara de mencionar era culpada do “pecado” de omissão (cf. Lc 16.19-

²⁵⁷ Stulac, pág. 156.

²⁵⁸ Burdick, pág. 197.

²⁵⁹ Wiersbe, págs. 130-133.

31). O pecado que Tiago tem em vista aqui não é qualquer omissão, mas a falha em reconhecer a dependência no Senhor (v. 15).²⁶⁰ A pessoa independente aqui enfocada falhou em reconhecer o lugar que Deus ocupa na vida como soberano sobre tudo (cf. Jo 9.41; Rm 1.19-20).

Ao concluir esta abordagem quanto aos conflitos, Tiago lembrou seus leitores de colocarem em prática aquilo que conheciam. Eles deveriam evitar a presunção e a autoconfiança e deveriam se submeter humildemente a Deus. O não fazer isso é pecado.

“Tal pessoa não pode se refugiar no argumento de que não faz nada de errado em si; como as Escrituras deixam bastante claro, os pecados de *omissão* são tão reais e graves quanto os pecados de *comissão*”.²⁶¹

O versículo que encerra cada porção principal da epístola, a saber, cada capítulo, é uma afirmação proverbial. Cada versículo conclusivo resume a ideia de Tiago no trecho anterior e a afirma de forma concisa e fácil de lembrar. Entretanto, a afirmação contida neste versículo (4.17) é aplicável a tudo que Tiago escreveu nesta carta.

VI. O DINHEIRO E A PERSEVERANÇA PACIENTE 5.1-18

O problema prático final considerado por Tiago envolve a questão do dinheiro. Ele escreveu estas instruções para advertir seus leitores a respeito de um perigo, para informa-los acerca das consequências do problema e para exorta-los a lidar com a situação de forma adequada. Esta é a terceira menção de Tiago aos ricos e aos pobres (cf. 1.9-11; 2.1-12). Podemos considerar também 4.13-17, bem como 5.1-6, como passagens que lidam com os ricos.²⁶²

A. ADVERTÊNCIAS AOS RICOS 5.1-6

Algo característico a respeito do estilo bastante equilibrado é que ele iniciou e concluiu suas exortações em 2.1-5.6 fazendo referência aos ricos. Temos aqui também uma volta neste capítulo ao encorajamento de Tiago à perseverança na vontade de Deus quando tentado a se distanciar dela (cf. cap. 1). Consequentemente, o livro demonstra uma certa forma de estrutura quiástica.²⁶³ Ronald Blue viu esta porção do texto lidando com a consternação (v. 1), a corrosão (vv. 2-3) e a condenação (vv. 4-6) da riqueza.²⁶⁴

²⁶⁰ Alford, 4:2:320.

²⁶¹ Moo, (1985), pág. 158.

²⁶² Para algumas perspectivas úteis a respeito de como o cristão pode falar e agir quando confrontado por causa de riqueza, condição social e poder por um lado ou pobreza, ignorância e abandono de outro, veja Duane Warden, “The Rich and Poor in James: Implications for Institutionalized Partiality”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 43:2 (Junho 2000):253-257.

²⁶³ Um quiasmo é uma figura retórica ou literária na qual as palavras, conceitos ou construções gramaticais são repetidos em ordem inversa, na mesma forma ou numa forma modificada.

²⁶⁴ Blue, pág. 832.

1. A apresentação do problema 5.1

Tiago confronta novamente seus leitores como um profeta (“Atendei, agora”; cf. 4.13). Os ricos normalmente se alegram pelo fato de que possuem riquezas. Entretanto, Tiago desafiou seus leitores ricos a lamentar e a gritar em angústia, mas não de arrependimento. Os motivos serão expostos neste capítulo. A Bíblia não condena em qualquer lugar o rico por simplesmente ser rico. O dinheiro não é mal (cf. 1 Tm 6.10). Todavia, a Palavra de Deus adverte constantemente o rico a respeito das tentações que a abundância financeira traz consigo. Entre tais tentações estão: uma falsa sensação de segurança, um desejo de controlar o próximo e o orgulho pessoal. O rico não deve regozijar muito por ser rico. A miséria material pode estar apenas a um passo de distância (cf. 1.10-11).

“As pessoas para quem ele escreve aqui não são as mesmas mencionadas no v. 13. A condenação não é mais sobre a mundanidade descuidada do comerciante itinerante, mas a mundanidade mortal do capitalista injusto ou do dono de terras”.²⁶⁶

Tiago provavelmente tinha em mente o rico como uma classe, não especificamente cristãos ou incrédulos ricos. Mais uma vez, ele estava escrevendo para cristãos, mas o que ele escreveu também se aplica a incrédulos.

2. O efeito corrosivo da riqueza 5.2-3

5.2 As riquezas que apodrecem são, presumivelmente, bens perecíveis, como alimentos e bebidas. As “vestes” representavam uma das formas mais populares de riqueza no mundo bíblico. As pessoas usavam as vestes para pagar por coisas e elas também eram heranças e presentes populares (cf. Mt 6.19). Ainda hoje se gastam grandes quantias de dinheiro com comida, bebida e vestuário, mas todas essas coisas são perecíveis.

5.3 Utensílios de “prata” e de “ouro” corroem e oxidam. A corrosão destrói o valor do metal. O cristão deveria usar o dinheiro, e não o acumular. Portanto, a presença de ouro ou prata corroídos na reserva de bens do rico será uma testemunha da sua infiel administração de sua riqueza. Tiago advertiu que o processo que destrói ouro e prata é o mesmo processo que destrói as pessoas que acumulam estes metais preciosos. É como se o metal corroído testemunhasse acerca do efeito corrosivo que o acumular tem sobre aquele que

²⁶⁶ Mayor, pág. 153.

o acumula. Acumular riquezas é um pecado particularmente grave para o cristão, pois vivemos nos últimos dias, dias estes que precedem imediatamente o retorno do Senhor (cf. Lc 12.20-21). Deveríamos usar nosso dinheiro para fazer a obra do Senhor, e não para providenciar uma vida de egoísmo e preguiça (cf. Mt 6.19-24).

“Guardar tesouros no céu significa usar tudo que temos como despenseiros da riqueza de Deus. Você e eu podemos *ter* muitas coisas, mas nós não as *possuímos*. Deus é o Dono de tudo, e nós somos Seus despenseiros”.²⁶⁷

“A Bíblia não desestimula o poupar, ou até mesmo o investimento; mas ela condena o acúmulo”.²⁶⁸

O acúmulo, conforme utilizado aqui, significa acumular riquezas simplesmente para se ter muito dela, não para segurança, mas para prestígio ou para a autogratificação. É difícil saber quanto alguém deveria separar para emergências que podem surgir no futuro (segurança). E é fácil racionalizar que precisamos guardar mais do que realmente guardamos. É muito difícil determinar onde o poupar termina e onde começa o acúmulo. Trata-se inteiramente de uma questão do coração. Como nos sentimos acerca de distribuímos daquilo que temos é um bom norteador para a atitude do nosso coração para com nossos bens.

3. O uso inapropriado da riqueza 5.4-6

5.4

Obviamente, alguns dos leitores de Tiago estavam enriquecendo por meio do trapacear de seus empregados na hora do pagamento (cf. Dt 24.15). O clamor por justiça destes oprimidos entrou nos “ouvidos” de Deus, embora os empregadores fossem surdos para estes mesmos clamores (cf. Gn 4.5; 18.20-21).²⁶⁹ O título “Senhor dos Exércitos” (“Senhor todo-poderoso”; cf. Is 5.9; Rm 9.29) enfatiza a soberana onipotência de Deus. Embora possa parecer que o oprimido não tem defensores na terra, ele tem como seu ajudador o Senhor Deus onipotente no céu.

²⁶⁷ Wiersbe, pág. 146.

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ Veja Keith D. Campbell, “Lament in James and Its Significance for the Church”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 60:1 (Março 2017):125-138.

- 5.5 O rico, via de regra, é comodista e busca seu próprio prazer (cf. Lc 16.19-31; Am 6.1-6). Esta é a conotação da luxúria, que é algo que a nossa cultura tolera, mas que as Escrituras condenam. Viver para o prazer implica em extravagância e desperdício. No materialismo avarento dele, o rico engorda figuradamente (“engordando a si mesmos”) e, em algumas vezes, literalmente, não percebendo que está apenas se preparando para o abate (juízo), tal como muitos animais para o sacrifício.

“Como um profeta do AT, Tiago denuncia a luxúria imoral do rico, advertindo a respeito da condenação iminente”.²⁷⁰

Esta advertência deveria desafiar o cristão a evitar a extravagância e a autoindulgência sempre que comprar coisas para si mesmo. Precisamos avaliar nossos gastos periodicamente.

- 5.6 A opressão exercida pelo rico vai até o ponto de “matar” os que se opõe a ele, mesmo que resistam ao rico simplesmente com a justiça (i.e., sem usar de violência). Como em 4.2, é possível que Tiago tenha feito um uso hiperbólico de “matam”.²⁷¹ Muitos cristãos experimentaram perseguição de pessoas que tentam proteger ou aumentar sua própria segurança financeira (p. ex.: At 8.18-24; 19.23-28). Se o trabalhador diarista não receber seu salário, ele corre o risco de morrer.

“...para os diaristas da época era algo muito sério não encontrar trabalho e não receber. Por este motivo, Tiago personifica o salário, enxergando-o como o próprio sangue dos trabalhadores explorados clamando por misericórdia. A situação dos peões era a mesma. Os peões morriam porque eles exauriam suas forças no trabalho, mas o fruto do trabalho realizado não retornava para eles. Eles não conseguiam recuperar sua força pois o rico retinha o salário deles. Portanto, Tiago acusa o rico de condenar e matar o justo (5.6)”.²⁷²

São palavras fortes de advertência. Obviamente, Tiago acreditava que seus leitores estavam

²⁷⁰ Adamson, pág. 87.

²⁷¹ Hipérbole é um exagero utilizado para enfatizar uma ideia, e que não deve ser interpretado literalmente.

²⁷² Elsa Tamez, *The Scandalous Message of James: Faith Without Works Is Dead*, pág. 20.

errando nessa questão da vida e precisavam de um choque bem forte. O dom do judeu para ganhar dinheiro e o interesse dele na busca por isso precisava ser controlado. Nós também precisamos dessa advertência, já que a cultura moderna valoriza demais o dinheiro.

“Há um fardo de ansiedade no obter riquezas, há ansiedade em mantê-las, há tentação em usá-las e há o perigo mortal de se abusar das mesmas. Há também um fardo de contas a serem prestadas no final em relação a elas. As riquezas não são o fim da vida, mas um instrumento para se viver a vida”.²⁷³

Como em 1.10, há uma dúvida se Tiago estava dirigindo suas palavras a cristãos ricos ou a incrédulos ricos nesta perícopes. Tanto aqui, como em 1.10, minha tendência é pensar que Tiago estava provavelmente dirigindo suas palavras a cristãos ricos neste trecho. Parece que Tiago estava se dirigindo aos seus leitores em vez de “falar retoricamente, falando formalmente a não cristãos em 1.10 bem como... em 5.1-6, mas pronunciando suas palavras para o benefício de seus leitores cristãos, que sofriam nas mãos de perseguidores ricos”.²⁷⁴

²⁷³ Blaiklock, pág. 601.

²⁷⁴ Stulac, pág. 199. Para uma visão que defende que o texto é direcionado a incrédulos, veja Joseph K. Pak, “A Case for James’s Condemnation of the Rich in James 5:1-6 as Addressing False Believers within Believing Community”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 63:4 (Dezembro 2020):721-737.

“A Visão que o Mundo tem das Riquezas	A Visão que a Palavra tem das Riquezas
O dinheiro é necessário para a liberdade.	O desejo pelo dinheiro pode ser escravizador e pode levar à destruição. Somente Cristo fornece a verdadeira liberdade (1 Tm 6.7-10).
O dinheiro é necessário para a segurança.	A riqueza mundana é bastante insegura. Ela passará rapidamente (1.10). A segurança real encontra-se em conhecer e confiar em Deus (Jr 9.23, 24; 1 Tm 6.17-19).
O dinheiro é o que importa.	Cristo e o reino de Deus são as questões que importam (Mt 6.33; Fp 3.7-10).
O dinheiro é a chave para se ter poder.	O poder verdadeiro vem do estar cheio do Espírito (At 1.8; 3.1-10).
O dinheiro determina não apenas o seu patrimônio líquido, mas seu valor como pessoa.	Seu valor tem base naquilo que Deus diz, e não naquilo que seu extrato bancário diz (Jo 3.16; Ef 1.3-14).
O dinheiro indica que você é bem sucedido.	O sucesso vem de aprender e fazer aquilo que Deus diz (Js 1.8).
O dinheiro nos fornece opções.	Deus é Quem realmente nos fornece as opções (Ef 3.20).
O dinheiro fornece felicidade.	A felicidade provida pelo dinheiro é muito breve. E, a longo prazo, o dinheiro é capaz de produzir ‘muito sofrimento’ (1 Tm 6.10). A felicidade duradoura vem de conhecermos a Deus (5.1-6; Jo 15.11; 16.24).
O dinheiro é a sua recompensa. Guarde-o, e quando for gasta-lo, gaste com você mesmo.	Dê o máximo que puder ao próximo (Mt 6.19-24; At 20.35; 2 Co 9.6-11; 1 Tm 6.18).
O dinheiro é um bem seu. Gaste-o com aquilo que você quiser.	Tudo que você possui vem de Deus, para fazer o que agrada a Ele. Você é simplesmente um gerenciador dos bens de Deus (Sl 24.1; Lc 19.11-27; 2 Co 5.10). ²⁷⁵

B. A ATITUDE ADEQUADA 5.7-12

Em essência, a atitude que Tiago condena no rico é: Obtenha tudo que puder, o mais rápido possível, de todas as formas possíveis. Na perícopes seguinte, Tiago aconselha uma atitude diferente: Ele sugere a seus leitores, ricos e pobres, a que pratiquem a paciência.

1. A exortação à paciência 5.7-9

5.7

Por conta dos perigos que Tiago acabara de expor, o cristão deveria adotar uma atitude paciente. O verbo *makrothymesate* (ser paciente) descreve “domínio-próprio que não retalia precipitadamente um erro”.²⁷⁶ A vinda do Senhor está próxima (v. 8; cf. Mc 13.32-37; Fp 4.5; 1 Pe 4.7; 1 Jo 2.18). Em outras palavras, já que a volta do Senhor está próxima, o cristão não deve resolver as coisas com

²⁷⁵ The Nelson..., pág. 2104.

²⁷⁶ J. B. Lightfoot, *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*, pág. 138.

as próprias mãos e retaliar ofensas que possa ter sofrido (p. ex.: não ser pago adequadamente) nem deve tentar ficar rico às custas da sua fidelidade a Deus.

“A palavra *parousias* (‘vinda’) era um termo comum utilizado para descrever a visita de um rei a uma cidade ou província do seu reino e, conseqüentemente, retrata Cristo como personagem real”.²⁷⁷

As primeiras “chuvas” (ARA) vinham pouco tempo depois da plantação na terra de Israel, ao final de outubro e início de novembro. As últimas chuvas vinham depois, quando a colheita estava amadurecendo, ao final de março, início de abril. Tal referência pode implicar uma origem judia para a epístola. Tiago conhecia a agricultura da Judeia. O objetivo da ilustração de Tiago a respeito do agricultor parece ser o de que, como cristãos, estamos semeando e cultivando nesta vida, e não principalmente colhendo recompensas.

“A figura é a de um pequeno agricultor na Palestina... o pequeno agricultor planta sua semente cuidadosamente guardada e aguarda pela colheita, vivendo de pequenas porções e sofrendo fome durante as últimas semanas. Todo o viver, de fato toda a vida, da família depende de uma boa colheita: a perda da fazenda, a fome parcial ou a morte poderiam ser o resultado de um ano ruim. Sendo assim, o agricultor aguarda por um evento futuro esperado (*ekdechetai*); ninguém além dele sabe quão precioso aquele grão realmente é...”.²⁷⁸

- 5.8 Quando o Senhor voltar, receberemos nossa recompensa no tribunal de Cristo. Enquanto isso, devemos “ser pacientes e fortalecidos”, sabedores de que nossa recompensa será futura, conforme prometido por Deus (cf. Mt 6.20). O rico que se comporta como rico típico ou não possui ou perdeu de vista tal esperança. Tal pessoa vive apenas para acumular tanto quanto puder neste mundo.

“...a linha de chegada encontra-se adiante: a questão importante é não desistir agora e perder tudo aquilo pelo

²⁷⁷ Burdick, pág. 201.

²⁷⁸ Davids, *The Epistle...*, pág. 183.

qual já se lutou”.²⁷⁹

“Qualquer coisa que *precisa* acontecer, e que *poderia* acontecer *hoje*, num sentido muito legítimo, é algo *iminente*”.²⁸⁰

5.9 É fácil culparmos (“queixar uns dos outros”) os outros pelos nossos desconfortos presentes.

“O que é proibido não é a denúncia ruidosa e amarga dos outros, mas o sentimento não expresso de amargura ou o ressentimento sufocado que pode se expressar num gemido ou num suspiro”.²⁸¹

Tiago proibiu isso pois esta atitude envolve um julgamento inadequado (cf. 4.11-12). Este julgamento do cristão ocorrerá em breve. Este versículo é uma indicação clara de que os primeiros cristãos esperavam uma volta iminente de Jesus (i.e., a qualquer momento).²⁸² Se (já que) Jesus poderia voltar a qualquer momento, segue-se que Ele voltará antes da Tribulação de sete anos, que as Escrituras dizem que precedem Sua Segunda Vinda para estabelecer Seu reino terreno. Consequentemente, o Arrebatamento deve ser algo distinto da Segunda Vinda, separado por um período de, pelo menos, sete anos.

“A convicção dos primeiros cristãos de que a *parousia* estava ‘próxima’, ou era ‘iminente’, significava que eles acreditavam plenamente que ela *poderia* acontecer num período de tempo muito curto – e não que isso *tinha* de acontecer”.²⁸³

“À luz do conceito da volta iminente de Cristo e o fato de

²⁷⁹ Davids, *The Epistle...*, pág. 184.

²⁸⁰ Hodges, *The Epistle...*, pág. 111.

²⁸¹ Burdick, pág. 202.

²⁸² Veja, Gerald B. Stanton, *Kept from the Hour*, cap. 6: “The Imminency of the Coming of Christ for the Church”, págs. 108-137.

²⁸³ Moo, (1985), pág. 169. Veja Robert G. Bratcher, *A Translator’s Guide to the Letters from James, Peter, and Jude*, pág. 55; M. F. Sadler, *The General Epistles of SS. James, Peter, John and Jude*, págs. 68-69; Adamson, págs. 191-192; Frank E. Gaebelein, *The Practical Epistle of James*, pág. 112; Vernon D. Doerksen, *James*, pág. 123; E. C. Blackman, *The Epistles of James*, pág. 146; J. Alec Motyer, *The Tests of Faith*, pág. 107; Mitton, pág. 186; Spiros Zodhiates, *The Patience of Hope*, pág. 90; David P. Scaer, *James the Apostle of Faith*, pág. 126; Homer A. Kent Jr., *Faith and Works*, pág. 176; Harold T. Bryson, *How Faith Works*, págs. 116-117, 119; Davids, pág. 185; e Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Epistle of James and the Epistles of John*, pág. 165.

que o Novo Testamento ensina a Sua volta iminente, podemos concluir que a visão do Arrebatamento Pré-Tribulacionista é a única posição do Arrebatamento da igreja que se encaixa comodamente no ensino neotestamentário da iminente volta de Cristo. Ela é a única posição que pode dizer honestamente que Cristo poderia voltar a qualquer momento, pois somente ela ensina que Cristo virá arrebatá-la igreja antes que a 70ª semana de Daniel 9 ou o período da tribulação se iniciem e que nada mais precisa acontecer antes da Sua volta”.²⁸⁴

Tiago retratou Jesus (“o Juiz”) como estando às portas do céu preparado para receber os cristãos na Sua sala do trono celestial. A esperança da Sua volta iminente (a qualquer momento) deveria nos motivar decisivamente a vivermos de maneira paciente e sacrificial o presente.

2. Exemplos de perseverança 5.10-11

- 5.10 Poderíamos tomar qualquer um dos profetas hebreus como exemplos de paciência no sofrimento (cf. 1.4).
- 5.11 Jó nem sempre foi paciente, mas ele escolheu suportar tudo o que lhe pudesse acontecer enquanto esperava que Deus esclarecesse o mistério do seu sofrimento (cf. Jó 13.10, 15; 16.19-21; 19.25).

“Embora ele tenha mostrado muita impaciência, ele sempre retornou ao fato de que havia se comprometido completamente com Deus e, pelo menos, demonstrou um espírito perfeito de submissão paciente”.²⁸⁵

Nos versículos 7-10, Tiago invocou a paciência (*makrothymia*) que se contém e não retalia. Aqui ele preconiza a perseverança (*hypomone*) em meio às circunstâncias difíceis (cf. 1.3; Hb 11.25).

Jó colheu uma abundante recompensa ao final de sua provação. Podemos enxergar a compaixão e a misericórdia de Deus especialmente ao final da

²⁸⁴ Renald E. Showers, *Maranatha: Our Lord. Come! A Definitive Study of the Rapture of the Church*, pág. 149.

²⁸⁵ Jamieson, et al., pág. 1459.

experiência de Jó, embora Deus também tenha demonstrado tais características antes na história de Jó. Jó escolheu continuar vivendo pela fé mesmo que tenha sido tentado a se distanciar da vontade de Deus (cf. 1.2-4 – esta é a única referência a Jó no Novo Testamento).

“Tiago se interessou em ajudar o cristão a vencer a tendência de reagir como o mundo às injustiças que o próprio mundo comete contra ele. Por sua própria natureza antagonista a Deus e ao Seu reino, o mundo continuará se opondo ao povo de Deus. Mas, se estas verdades tomarem conta do coração do Seu povo, elas o capacitarão a vencer o espírito do mundanismo, evitando as reações mundanas às injustiças do mundo”.²⁸⁶

3. A evidência da paciência 5.12

O ato de jurar é uma evidência de impaciência.

“O que ele [Tiago] quer dizer é que todas as manifestações de impaciência em momentos de estresse e aflição, a mais frequente é tomar o nome do Senhor em vão pelo uso de expressões explosivas e juramentos precipitados e irreverentes”.²⁸⁷

Quando ficamos impacientes e perdemos o domínio próprio, a tendência é dizermos coisas que melhor seria que não fossem ditas. Isso inclui juramentos, um uso indevido do nome de Deus e apelar ao céu, à terra ou a qualquer outra coisa como confirmação de que estamos falando a verdade (cf. Mt 5.33-37).

“Deveria estar óbvio que a menção feita em Mateus e em Tiago é ao uso brando e casual de juramentos em conversas informais – e não os juramentos formais em lugares como tribunais de justiça [cf. Sl 110.4; 2 Co 1.23; Gl 1.20]”.²⁸⁸

“Os judeus estavam habituados a usar palavras de baixo calão e, ao evitarem o nome de Deus, imaginavam que não eram realmente culpados desse pecado, tal como os cristãos professos hoje usam ‘juramentos

²⁸⁶ Hiebert, *James*, pág. 278.

²⁸⁷ Tasker, pág. 124. Cf. Mayor, pág. 167.

²⁸⁸ Burdick, pág. 203.

“piedosos’ que violam a proibição de Jesus”.²⁸⁹

O que não é o foco nesta tratativa é o uso da linguagem “chula”.

“A sabedoria de Tiago resume-se a isto: nunca devemos precisar do uso de um juramento para provar que ‘desta vez estou falando sério’. Em vez disso, devemos sempre ‘falar sério’”.²⁹⁰

“A nossa simples palavra deve ser tão confiável quanto um documento assinado, juridicamente correto e completo”.²⁹¹

A raiz do problema com a conduta imprópria que normalmente caracteriza o rico, conforme observado por Tiago, é uma atitude de impaciência que resulta de se rejeitar ou esquecer a revelação divina com relação ao futuro. O conhecimento do futuro, conforme revelado por Deus nas Escrituras, tem uma aplicação bastante direta para o viver cotidiano. Tal conhecimento deve afetar nossa forma de pensar a respeito do dinheiro, dentre outras coisas.

C. A AÇÃO ADEQUADA 5.13-18

Tiago encorajou seus leitores a “orar”, bem como a serem pacientes, para capacitá-los a vencer a tentação de viver apenas para o presente e parar de viver pela fé. Tiago não apenas inicia e conclui sua epístola com referências às provações, mas ele “também inicia (1.5-8) e conclui (5.13-18) com a oração como o instrumento para lidar com as provações”.²⁹²

1. O caminho para a libertação 5.13

A oração a Deus, e não a profanação, é a saída adequada para os sentimentos de tristeza causados pelo sofrimento que suportamos pacientemente.

“A ênfase de Tiago em oração neste trecho é especialmente digna de nota já que poucas coisas sustentam a perseverança de forma mais eficaz do que a oração. Em última análise, uma vida perseverante é também uma vida de oração”.²⁹³

²⁸⁹ Robertson, 6:63.

²⁹⁰ Hodges, *The Epistle...*, pág. 115. Cf. Lv 19.12; Nm 30.3-4; Os 4.2; Jr 5.2; Zc 5.3-4; Mt 3.5.

²⁹¹ Mitton, pág. 193.

²⁹² C. Richard Wells, “The Theology of Prayer in James”, *Criswell Theological Review* 1:1 (Outono 1986):86.

²⁹³ Hodges, *The Epistle...*, pág. 113.

A maneira correta de expressar alegria é louvar a Deus (“[cantar] louvores”), e não por meio de juramentos.

2. A prescrição para ajuda 5.14-16

Não é de surpreender que Tiago lide com a enfermidade (gr. *asthenai*, fraqueza) nesta epístola. Ele mencionou o fato de que o distanciamento da vontade revelada de Deus coloca o cristão numa trajetória que, se não for corrigida, pode resultar na morte física prematura desse cristão (1.15, 21; 5.20). A fraqueza espiritual e, por vezes a fraqueza física, resulta de um viver pecaminoso.²⁹⁴ Tiago forneceu instruções acerca de como tratar desses males nos versículos 14-20.

5.14 Momentos de fraqueza espiritual e/ou física são normalmente momentos nos quais é especialmente difícil ser paciente (p. ex.: Jó).

Tiago instruiu que, em momentos de fraqueza, espiritual ou física, os crentes devem “chamar os presbíteros” da igreja para que os visitem, “orem” por eles, e ministrem a eles “ungindo-os” em “nome do Senhor” (isto é, como servos do Senhor).²⁹⁵

“Tiago exorta especificamente o doente a chamar pelos presbíteros, e não os diáconos, os amigos ou os milagreiros. Ele presume que toda congregação, como ocorria em Jerusalém, possui um corpo oficial e reconhecido de presbíteros que podem ser chamados para ajudar”.²⁹⁶

É impressionante quantos cristãos hoje, quando são internados, falham em pedir aos presbíteros de sua igreja para que venham e orem com eles. É mais comum para eles hoje simplesmente enviar um pedido geral por oração aos amigos e/ou os amigos da igreja.

“A oração é o ministério mais importantes dos dois ministérios realizados pelos presbíteros. ‘Orem’ é o verbo principal, enquanto ‘ungindo-o’ é um particípio. Além disso, a ênfase principal do parágrafo encontra-se na oração.

²⁹⁴ Veja Kurt E. Koch, *Between Christ and Satan*, págs. 183-199.

²⁹⁵ Veja John Wilkinson, “Healing in the Epistle of James”, *Scottish Journal of Theology* 24 (1971):338-340.

²⁹⁶ Alexander Strauch, *Biblical Eldership*, pág. 284. Veja também as págs. 284-291.

Sendo assim, a unção é uma ação secundária”.²⁹⁷

O fato da pessoa doente ou exausta dever chamar os presbíteros fornece uma pista de que a doença dessa pessoa estaria, de alguma forma, ligada a uma condição espiritual. É o que se verifica no versículo 15. Hoje em dia, a atenção médica é normalmente prestada por um médico qualificado. Os presbíteros precisam lidar com os fatores espirituais que afetam a pessoa doente, se houver, já que eles têm a responsabilidade pelo bem-estar espiritual do rebanho (Hb 13.17). Eles deverão, é claro, orar pelo doente movidos a compaixão, também pela restauração física do paciente.

“Ungindo-o com óleo” era equivalente, nos dias de Tiago, ao aplicar medicação (1 Tm 5.23).

“...o óleo entre os antigos era altamente valorizado por conta de suas qualidades terapêuticas (Is 1.16; Lc 10.34)”.²⁹⁸

O óleo, que normalmente era azeite, fornecia mais frescor e conforto do que um verdadeiro alívio para doenças graves, mas as pessoas bebiam-no e passavam em si mesmas como medicamento. O termo traduzido por “ungindo-o com óleo” no grego refere-se à unção medicinal e não à unção cerimonial religiosa.²⁹⁹ Tiago usou o termo *aleiphein* (esfregar) em vez de *chriein* (ungir). A primeira palavra é o termo “mundano e profano” – referindo-se a todo tipo de esfregar, ao passo que o último termo é o “sagrado e religioso” usado para descrever cerimônias religiosas.³⁰⁰

Alguns cristãos acreditam que a unção com óleo era um costume judaico e, portanto, não era para ser perpetuado na igreja.³⁰⁴ Entretanto, a unção com óleo não era apenas uma prática judaica, portanto, parece algo opcional hoje.

Neste contexto, Tiago tinha em mente uma doença com raízes espirituais. Na realidade, toda enfermidade é rastreável até a Queda, embora nem toda

²⁹⁷ Burdick, pág. 204. Veja também Frank E. Gaebelin, *Faith that Lives*, pág. 120.

²⁹⁸ Merrill F. Unger, “Divine Healing”, *Bibliotheca Sacra* 128:511 (Julho-Setembro 1971):236. Cf. Adamson, pág. 197. Para referências extrabíblicas, veja, também, Mayor, págs. 170-171.

²⁹⁹ Robertson, 6, págs. 64-65.

³⁰⁰ R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament*, pág. 129. Veja, também, Burdick, pág. 204; e McGee, 5:669-670.

³⁰⁴ P. ex.: A. C. Gaebelin, 4:2:40.

enfermidade possa ser rastreada a algum pecado específico (cf. Jo 9.3).

“Quando nosso filho mais velho, Daniel, era pequeno, ele contraiu uma doença muito séria. Levamos ele rapidamente para o Denver Children’s Hospital, onde ele ficou sob os cuidados de um pediatra excepcional que era um dedicado cristão. Quando minha esposa, Jean, e eu estávamos com o médico próximo ao leito do Daniel, que estava coberto de uma tenda de oxigênio, o médico partilhou um conselho que eu jamais me esquecerei. Ele disse: ‘Eu fiz tudo o que estava ao meu alcance. O Daniel recebeu o melhor que a medicina tem a oferecer. Agora, precisamos confia-lo ao Senhor’. Ele continuou dizendo: ‘Descobri que a melhor combinação para a cura é uma mistura saudável de penicilina e oração’”.³⁰⁵

É interessante notar que Tiago nunca diz aos seus leitores para que chamem alguém que tenha o dom de cura. Obviamente, estas pessoas eram raras até mesmo no início da história da igreja, quando Tiago escreveu sua epístola.

Este tratamento provavelmente lembrou a pessoa doente do poder do Espírito Santo, que a unção com o óleo simbolizava no Antigo Testamento.³⁰⁶

“*Aleiphein* [esfregar]... pode ser tido a escolha no lugar do uso de *chriein* [ungir] por conta do uso padrão, mas ainda com a intenção de transmitir o pensamento de que a unção com óleo era simbólica”.³⁰⁷

Este versículo, juntamente com Marcos 6.13, é o fundamento da doutrina católica apostólica romana da extrema unção (i.e., ungir alguém com óleo no leito de morte para obter mérito com Deus ao fazê-lo).³⁰⁸ Esta prática teve seu início no século oitavo.³⁰⁹

³⁰⁵ Cedar, pág. 100. Divisão de parágrafo omitida.

³⁰⁶ Fanning, pág. 433. Cf. Gary S. Shogren, “Will God Heal Us – A Re-examination of James 5:14-16a”, *Evangelical Quarterly* 61 (1989), págs. 99-108.

³⁰⁷ Martin, pág. 209.

³⁰⁸ Kenneth Scott Latourette, *A History of Christianity*, págs. 532-533. Para uma refutação desta posição, veja Calvino, 4:19:18-21; e Adamson, págs. 204-205.

³⁰⁹ Blue, pág. 834. Veja, também, Ludwig Ott, *Fundamentals of Catholic Dogma*, págs. 445-450.

5.15 “As dificuldades em decidir o que se entende exatamente por unção no versículo anterior não devem nos fazer esquecer o ponto principal dos vv. 13-18, que é a oração. É a oração – e não a unção – que leva à cura do doente”.³¹⁰

A oração “da fé” dos presbíteros “salvará” (gr. *sosei*, lit. “fazer ficar bem”); cf. Mt 9.21-22; Mc 6.56) “o enfermo” e o revitalizará (gr. *egerei*, levantará). “Oração de fé” significa: apresentada com confiança no poder de Deus para curar, se esta for a Sua vontade (cf. Mt 8.1-13; Mc 5.35-42). Da mesma forma “o Senhor o restabelecerá” se esta for a Sua vontade (Jo 14.13; 1 Jo 5.14).³¹¹

“O medicamento não cura o enfermo, mas ele ajuda a natureza (Deus) a fazê-lo. O médico coopera com Deus na natureza”.³¹²

Benjamin Franklin certa vez disse: “Deus cura, e o médico recebe os honorários”.

Não há base nas Escrituras para a ideia popular de que “oração da fé” significa orar com confiança de que algo irá acontecer simplesmente porque oramos (cf. 1.5-6; 2 Co 12.7-10). A fé sempre precisa ter a Pessoa ou a promessa de Deus como seu objeto para ser eficaz.

“Trata-se de uma oração da fé, i.e., a oração que expressa confiança em Deus e flui do compromisso com Ele, pois apenas tais orações são eficazes”.³¹³

A afirmação de Tiago também não significa que Deus “levantará” a pessoa doente por meio da ressurreição após a morte dela. Em nenhum lugar das Escrituras a ressurreição aparece condicionada à oração. Isso é algo que Deus fará com toda pessoa, sem qualquer ligação com a oração.

Alguns consideram “a fé” em questão aqui como uma convicção especial, dada

³¹⁰ Martin, pág. 209.

³¹¹ Veja Anderson, pág. 278.

³¹² Robertson, 6:65.

³¹³ Davids, *The Epistle...*, pág. 194. Veja, também, Thomas L. Constable, “The Doctrine of Prayer” (Dissertação de Th.D., Dallas Theological Seminary, 1969), pág. 111; e Mayor, pág. 173.

por Deus, de que a cura, naquele momento, é a vontade dEle (cf. 1 Co 12.9).³¹⁴ Entretanto, a simples fé em Deus parece ser o foco aqui, já que Tiago não a qualifica no texto.

Se a pessoa que está sofrendo “cometeu” algum ou alguns “pecados” que provocaram sua condição debilitada, acrescenta Tiago, Deus perdoará tais pecados. Isso acontece quando pecadores confessam o pecado ou pecados a Deus (1 Jo 1.9; cf. Mt 6.12). Nem toda enfermidade é resultado direto de algum pecado (cf. Jo 9.1-3).

“Tiago está dizendo simplesmente que ambos devem ser tratados [a doença e os pecados] quando estão ligados”.³¹⁵

5.16 Considerando a possibilidade de enfermidade espiritual e física surgirem após o pecado, o cristão deve “confessar” seu pecado “contra o próximo” ao próximo.³¹⁶ A implicação é que esta confissão deve ser privada. Além disso, os cristãos devem orar uns pelos outros para que Deus possa curá-los (tanto espiritual, quanto fisicamente).

“Muito se pressupõe aqui, que não é expresso”.³¹⁷

Tiago fez estas pressuposições em coerência com outras revelações sobre a oração que os escritores das Escrituras apresentam em outros lugares.³¹⁸

“Na mente da antiguidade, o pecado e a enfermidade caminhavam juntos, e assim a confissão de pecado era necessária para que a oração pelo doente fosse eficaz. A confissão deve ser feita não só aos anciãos (ou outros ministros), mas também *uns aos outros*, ou seja, provavelmente àqueles a quem o mal foi praticado”.³¹⁹

Maridos e mulheres precisam criar uma atmosfera no lar que promova a

³¹⁴ P. ex.: D. Edmond Hiebert, *The Epistle of James: Tests of a Living Faith*, pág. 322; idem, *James*, pág. 297; Guy H. King, *A Belief That Behaves: An Expository Study of the Epistle of James*, pág. 124; e Motyer, *The Message...*, pág. 198.

³¹⁵ Fanning, pág. 434.

³¹⁶ Veja Augsburg, págs. 64-72.

³¹⁷ Robertson, 6:65.

³¹⁸ Veja Thomas L. Constable, *Talking to God: What the Bible Teaches about Prayer*, págs. 129-130.

³¹⁹ Adamson, pág. 189.

transparência, tornando, assim, a confissão de pecado entre os cônjuges mais fácil (cf. Cl 3.12-13). Precisamos demonstrar total aceitação do nosso cônjuge (cf. 1 Jo 4.18). Precisamos também demonstrar uma atitude de perdão constante (Ef 4.31-32). Cônjuges deveriam assumir um compromisso de verbalizar suas emoções sem recuar ou desistir. Isso envolve reconhecer nossas emoções, explicar e descrever nossos sentimentos e compartilhar nossos sentimentos independentemente da reação de nosso cônjuge.

A seguir estão algumas sugestões para melhorar sua capacidade de expressar suas emoções: Treine compartilhar suas emoções com seu cônjuge. Encontre um modelo de transparência e estude a ele ou ela. Leia os salmos para ver como salmista expressava suas emoções. Memorize provérbios específicos que lidam com áreas específicas nas quais você tem dificuldade. Concentre-se na comunicação como um assunto especial de estudo. Ria junto com o seu cônjuge.³²⁰

“Jamais devemos confessar um pecado além do círculo de ofensa deste pecado. O pecado privado requer uma confissão privada; o pecado público requer uma confissão pública. É errado para o cristão ‘lavar roupa suja em público’ pois tal ‘confissão’ pode causar mais danos do que o pecado original”.³²¹

“Quem sabe (...) os ‘pecados’ que precisam ser confessados e remidos são aqueles lapsos de perseverança fiel sobre os quais Tiago escreveu para alertar ao longo deste tratado que tem o objetivo de exortar”.³²²

“Será que isso significa que a confissão a um irmão é uma lei divina? Não, confissão não é uma lei, é uma oferta de ajuda divina para o pecador. É possível que uma pessoa possa, pela graça de Deus, chegar à certeza, à vida nova, à Cruz e à comunhão sem o benefício da confissão a um irmão. É possível que uma pessoa nunca saiba o que é duvidar do seu próprio perdão e perder a esperança da sua própria

³²⁰ *Family Life Conference*, págs. 78-79.

³²¹ Wiersbe, pág. 170. Veja, também, John R. W. Stott, *Confess your Sins*, pág. 12.

³²² Martin, pág. 215.

confissão de pecado, ou seja, que tudo possa lhe ser concedido através de sua confissão privada a Deus. Falamos aqui em nome daqueles que não podem fazer tal confissão. O próprio Lutero era um daqueles para quem a vida cristã era impensável sem a confissão mútua e fraterna. No *Catecismo Maior* ele disse: ‘Portanto, quando lhe admoesto a confessar, lhe admoesto a ser cristão’. Aquele que, apesar de todas as suas buscas e tentativas, não consegue encontrar a grande alegria da comunhão, da Cruz, da vida nova e da certeza, a esse a bênção que Deus nos oferece na confissão mútua precisa ser exposta. A confissão se encontra dentro da liberdade do cristão. Quem é capaz de recusar, sem sofrer perda, uma ajuda que Deus achou necessário oferecer?’³²³

“A prática da confissão auricular só se tornou obrigatória, de um modo geral, pela igreja romana, após o Concílio de Latrão, de 1215, sob Inocente III, que ordenou que qualquer pessoa adulta deveria confessar ao sacerdote pelo menos uma vez por ano. Em todas as outras igrejas, isso ainda é algo opcional”.³²⁴

A oração de um homem justo é capaz de alcançar muita coisa no livramento espiritual e físico de outra pessoa, como ilustra a oração de Elias (vv. 17-18). Neste versículo, o homem justo é a pessoa que confessou seus pecados e recebeu perdão.

“A oração é poderosa por apenas uma razão. Ela é o meio por meio do qual nos valem do poder de Deus”.³²⁵

Obviamente, Tiago praticou o que ele pregou a respeito da oração. Eusébio, o historiador da igreja primitiva, citando Hegésipo, um comentarista anterior, deu, segundo Eusébio, um relato preciso de Tiago:

“Ele tinha o hábito de entrar no templo sozinho, e era frequentemente

³²³ Dietrich Bonhoeffer, *Life Together*, pág. 92.

³²⁴ Mayor, pág. 176. Veja também Alford, 4:2:328; Ott, págs. 432-433.

³²⁵ C. Samuel Storms, *Reaching God's Ear*, pág. 214.

encontrado de joelhos dobrados, intercedendo pelo perdão do povo; de modo que seus joelhos se tornaram tão duros quanto os de um camelo, por conta da sua súplica de habitual e de se ajoelhar diante de Deus”.³²⁶

“A verdade de Tiago 5.13-16 é aplicável para o cristão hoje. Tiago não estava discutindo enfermidade em geral, não necessariamente enfermidades severas que médicos são incapazes de curar. Em vez disso, estava falando da enfermidade resultante de uma conduta perversa. Tiago não escreve para fornecer uma afirmação definitiva a respeito da cura de todas das enfermidades do cristão. A passagem lança luz sobre o lidar de Deus com aqueles na igreja primitiva cujas ações não agradavam a Ele. Este texto fala sobre indivíduos que pecam contra o Senhor e, considerando o contexto da epístola, especialmente aqueles que pecam com a língua. Se membros da igreja hoje levassem esta passagem a sério, os resultados seriam extremamente significativos, tal como na oração de Elias. Quando o cristão reconhece atitudes pecaminosas e condutas erradas e se volta para o Senhor, o resultado é perdão e restauração e, em casos específicos em que a enfermidade é o resultado de um pecado particular, pode haver cura física”.³²⁷

“Não existe cura (por assim dizer) ‘não espiritual’. Quando a aspirina funciona, é o Senhor que a faz funcionar; quando o cirurgião coloca o membro quebrado e o osso é restaurado, é o Senhor Quem o restaura. *Toda* boa dádiva vem do alto!... Em nenhuma ocasião o cristão deve se dirigir ao médico sem se dirigir também a Deus..”..³²⁸

3. O poder da oração 5.17-18

Tiago mencionou a experiência de Elias para ilustrar o poder da oração (1 Rs 17.1; 18.1, 41-45). Tendo em vista as respostas impressionantes que Elias recebeu, Tiago lembrou seu público-alvo que Elias era um homem comum (“homem semelhante a nós”).

“Aqui, a questão não é que Elias tenha feito uma oração particularmente fervorosa, mas orar foi precisamente o que ele fez”.³²⁹

³²⁶ Eusébio, 2:23:76. Veja, também, Baxter, 6:285.

³²⁷ Wendell G. Johnston, “Does James Give Believers a Pattern for Dealing with Sickness and Healing?” em *Integrity of Heart, Skillfulness of Hands*, pág. 174.

³²⁸ Motyer, *The Message...*, pág. 193.

³²⁹ Adamson, pág. 201.

“Orou com instância” é, literalmente, orou com oração. Este versículo não é um chamado à oração fervorosa tanto quanto um chamado para um período de oração (cf. 4.16). Alford interpretou esta frase assim: “tornou isso uma questão especial de oração”.³³⁰ Uma pessoa justa que ora é capaz de conseguir muita coisa. Portanto, respostas à oração estão dentro do alcance de qualquer cristão (cf. Lc 11.9-13). Entretanto, conforme mencionado, Tiago usou a palavra “justo” como Jesus fez: fazendo menção à conduta correta.

Elias contribuiu com Deus na execução do Seu decreto por meio de sua oração.³³¹ Deus nos permite contribuir em como Ele controla alguns eventos através da oração até mesmo hoje, bem como em algumas áreas da Sua vontade. Uma destas áreas é como Ele lida com o cristão que se distanciou Sua vontade.

“...confiantemente, Elias fez seus pedidos audaciosos a Jeová pois ele estava consciente que seus pedidos estavam em harmonia com a vontade de Deus. Ele poderia persistir com confiança em seu pedido por chuva (1 Rs 18.42-44) pois ele sabia que Deus havia prometido enviar a chuva pela qual ele pedia (1 Rs 18.1). Ele era capaz de perseverar em oração pois ele sabia que o seu pedido estava em harmonia com o propósito expressado de Deus”.³³²

“Conhecer a vontade de Deus é o fundamento certo para a oração eficaz [1 Jo 5.14]”.³³³

“Quando aprendemos que o ensino bíblico de que a oração é um meio definido de trabalhar com Deus, sentimos que isso está totalmente de acordo com o Seu caráter gracioso. Deus anela conduzir Seus filhos à confiança e deixá-los participar com Ele na realização dos Seus propósitos. Ele estruturou este mundo de tal forma que há um lugar definido para a oração respondida no governo divino. Ele constituiu as coisas de forma tão deliberada que Seus filhos crentes podem ter, e são convidados a ter, uma participação definida no cumprimento de Seu propósito salvador com a humanidade por meio da oração intercessória. As Escrituras estão repletas de ilustrações de como a causa do Senhor foi promovida quando Deus

³³⁰ Alford, 4:2:329.

³³¹ Veja Thomas L. Constable, “What Prayer Will and Will Not Change”, em *Essays in Honor of J. Dwight Pentecost*, págs. 105-111.

³³² D. Edmond Hiebert, *Working With God: Scriptural Studies in Intercession*, pág. 12.

³³³ *Ibid.*, pág. 13.

respondeu às orações do Seu povo”.³³⁴

“Assim sendo, o exemplo de Elias é usado como um contraponto para enfatizar novamente a necessidade para uma solução pacífica obtida por meio da oração e de submissão à vontade divina”.³³⁵

Num artigo interessante, certo escritor defendeu que Tiago 5.13-18 não se refere à cura física em geral, mas especificamente ao desânimo e à depressão.³³⁶ Enquanto as palavras gregas para “doente” (*ashtenei*, v. 14, e *kamnonta*, v. 15) e “curados” (*iathete*, v. 16) permitem esta interpretação, creio que devemos preferir o significado normal aqui, especialmente por causa do contexto. Não há nada no contexto que limite a cura a condições psicológicas. Creio que Tiago usou o caso de uma pessoa doente para demonstrar o efeito poderoso que orar por aqueles que estão doentes por causa do pecado. Também o faz para encoraja-los a exercitar a paciência em vez de viverem para o presente.

VII. O CAMINHO DE VOLTA AO VIVER PELA FÉ 5.19-20

Tiago concluiu este trecho principal, e toda a sua epístola, explicando como um irmão ou irmã que errou pode retornar à comunhão com Deus e pode voltar a viver por meio da fé. Estas instruções aplicam diretamente aquilo que Tiago acabara de explicar no capítulo 5. Entretanto, elas também mostram o caminho de volta para quem possa ter tropeçado em outros erros que Tiago trata neste livro.

5.19 Este versículo também se liga ao que Tiago acabara de dizer sobre o privilégio e o dever da oração. Qualquer crente, não apenas os presbíteros, pode ajudar um irmão a retornar ao caminho certo (v. 14; cf. Ez 33.1-9; Gl 6.1).

“Era fácil então na época de Tiago, e agora ainda o é, desviarmo-nos de Cristo, que é a Verdade”.³³⁷

5.20 A alma salva da morte é a do apóstata a quem também pertence a “multidão de pecados”. Devemos provavelmente entender a alma como representando a pessoa inteira aqui, bem como em outras partes da epístola de Tiago (cf.

³³⁴ D. Edmond Hiebert, pág. 13.

³³⁵ Martin, pág. 213.

³³⁶ Daniel R. Hayden, “Calling the Elders to Pray”, *Bibliotheca Sacra* 138:551 (Julho-Setembro 1981):258-266. Para uma perspectiva modificada desta visão, veja Wells, págs. 105-106.

³³⁷ Robertson, 6:67.

1.21).³³⁸ A morte aqui descreve a destruição temporal da pessoa, não a sua condenação eterna (cf. 1 Co 3.15; 1 Jo 5.16). O arrependimento do crente recuperado de seus pecados cobre, ou resulta no perdão (cobertura) dos seus pecados. Tal descrição do perdão remete ao uso do Antigo Testamento, no qual os escritores bíblicos descreviam o pecado como coberto quando perdoado. Tal uso era compreensível para Tiago, que era um judeu cristão escrevendo primariamente para outros judeus cristãos (1.1; cf. Mt 7.1-5; Gl 6.1-5). A descrição que ele faz não contradiz outras revelações neotestamentárias acerca do perdão.

Esta epístola lida com cinco problemas práticos que todo cristão, imaturo ou maduro, encontra à medida que procura viver pela fé, além das questões subjacentes a estes problemas. Como um médico hábil, Tiago não apenas identificou os problemas, mas também descobriu as suas fontes, apontou fatores complicadores e prescreveu tratamento para os superar, com o alvo de que seus leitores se tornassem espiritualmente mais maduros. Os problemas em si, bem como o método de Tiago para lidar com eles, explicam a popularidade desta epístola ao longo da história da igreja, bem como o seu valor perene no ministério.

³³⁸ Veja Bob Wilkin, "Soul Talk, Soul Food, and 'Soul Salvation'", *Grace Evangelical Society News* 6:12 (Dezembro 1991): 1; e idem, "'Soul Salvation', Parte 2: Saving the Soul of a Fellow Christian; James 5:19-20", *Grace Evangelical Society News* 7:1 (Janeiro 1992):2.

APÊNDICE

Estágios da Tentação³³⁹

Estágios Pré-morais
1. A natureza interna com os seus impulsos (<i>epithumiai</i>) que, muitas vezes, necessitam de um estímulo externo (<i>peirasmos</i>) para os despertar, caso contrário permanecem adormecidos.
2. A excitação de um impulso determinado através de um estímulo externo de prazer ou dor atual ou futuro.
Estágios morais
3. O impulso assim despertado é colocado sob a alçada da razão e da consciência e, se não for aprovado por elas, constitui-se uma tentação plena (<i>peirazetai</i>).
4. Os dois caminhos. Ação da vontade sob a tentação: (a) cedendo passivamente sob a influência satânica. (b) resistindo ativamente sob a influência divina.
5. (a) O entendimento coopera com o impulso, sugerindo modos de o gratificar e imaginando o prazer da gratificação (<i>sullabousa</i>). (b) A vontade convoca as outras faculdades da mente e, sobretudo, procura o auxílio de Deus para resistir à tentação (<i>hupomone</i>).
6. (a) A vontade identifica-se com o impulso e decide os passos necessários para alcançar o objeto desejado (<i>tiktei hamartian</i>). (b) A vontade identifica-se com a consciência e recusa qualquer tipo de negociação com a tentação.
7. (a) Ato pecaminoso. (b) Ato virtuoso.
8. (a) Hábito de vício formado pela repetição de ações viciante (<i>hamartia apotelestheisa</i>)(b) Hábito de virtude formado pela repetição de atos virtuosos (<i>he hupomone ergonteion echei</i>).
9. (a) Resultado final, morte (<i>apokuei thanaton</i>). (b) Resultado final, coroa da vida (<i>dokimos genomenos lempsetai ton stephanon tes zoes</i>).

³³⁹ Veja Mayor, pág. 198.

Bibliografia

- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- A Bíblia Sagrada: Bíblia King James.
- A Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada. Editora Vida, 2017.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Editora Vida, 2001.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora. Editora Mundo Cristão, 2017.
- Adamson, James B. *The Epistle of James*. New International Commentary on the New Testament series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976; reprint ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1984.
- Alford, Henry. *The Greek Testament*. 4 vols. New ed. Cambridge: Deighton, Bell, and Co., 1883, 1881, 1880, 1884.
- Allman, James E. "Suffering in the Non-Pauline Epistles". Em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 195-205. Editado por Larry J. Waters e Roy B. Zuck. Wheaton: Crossway, 2011.
- Anderson, Don. *James: Running Uphill into the Wind*. Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1990.
- Augsburger, David W. *Seventy Times Seven: The Freedom of Forgiveness*. Chicago: Moody Press, 1970.
- Bailey, Mark L., e Thomas L. Constable. *The New Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing Co., 1999. Reimpresso como *Nelson's New Testament Survey*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999.
- Bainton, Roland H. *Here I Stand: A Life of Martin Luther*. Nashville: Abingdon Press, 1950. Reprint ed., New York: Mentor Books, 1955.

Barclay, William. *The Letters of James and Peter*. The Daily Study Bible series. 2nd ed. Edinburgh: Saint Andrew Press, 1964.

_____. *New Testament Words*. London: SCM, 1964.

Baxter, J. Sidlow. *Explore the Book*. 1960. One vol. ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.

Bell, M. Charles. *Calvin and Scottish Theology: The Doctrine of Assurance*. Edinburgh: Handsel Press, 1985.

Bing, Charles C. *Simply by Grace: An Introduction to God's Life-Changing Gift*. Grand Rapids: Kregel Publications, 2009.

Bjork, William G. "A Critique of Zane Hodges' The Gospel Under Siege: A Review Article". *Journal of the Evangelical Theological Society* 30:4 (Dezembro 1987):457-467.

Blackman, E. C. *The Epistle of James*. Naperville, Ill.: Allenson, 1957.

Blaiklock, E. M. *Today's Handbook of Bible Characters*. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1979.

Blue, J. Ronald. "James". Em *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*. Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1983.

Bonhoeffer, Dietrich. *Life Together*. Traduzido por J. W. Doberstein. New York: Harper, 1954.

Bratcher, Robert G. *A Translator's Guide to the Letters from James, Peter, and Jude*. New York: United Bible Societies, 1984.

Brooks, Keith L. *James—Belief in Action*. Teach Yourself the Bible series. Chicago: Moody Bible Institute, 1962.

Bryson, Harold T. *How Faith Works*. Nashville: Broadman Press, 1985.

Burdick, Donald W. "James". Em *Hebrews-Revelation*. Vol. 12 de *The Expositor's Bible Commentary*. 12 vols. Editado por Frank E. Gaebelin e J. D. Douglas. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1981.

Calvino, João. *Institutas da Religião Cristã*. The Library of Christian Classics series, volumes 20 and 21. Editado por John T. McNeill. Traduzido por Ford Lewis Battles. Philadelphia: Westminster Press, 1960.

Campbell, Keith D. "Lament in James and Its Significance for the Church". *Journal of the Evangelical Theological Society* 60:1 (Março 2017):125-138.

Carson, Donald A., and Douglas J. Moo. *An Introduction to the New Testament*. 2nd ed. Grand Rapids: Zondervan, 2005.

Cedar, Paul A. *James, 1, 2 Peter, Jude*. The Communicator's Commentary series. Waco: Word Books, 1984.

Chitwood, Arlen L. *Judgment Seat of Christ*. Norman, Okla.: The Lamp Broadcast, Inc., 1986.

_____. *Salvation of the Soul*. Norman, Okla.: The Lamp Broadcast, Inc., 1983.

Coder, J. Maxwell. *Faith That Works*. Moody Manna series. Chicago: Moody Bible Institute, 1966.

Constable, Thomas L. "The Doctrine of Prayer". Dissertação de Th.D., Dallas Theological Seminary, 1969.

_____. *Talking to God: What the Bible Teaches about Prayer*. Grand Rapids: Baker Book House, 1995; reprint ed., Eugene, Oreg.: Wipf & Stock Publishers, 2005.

_____. "What Prayer Will and Will Not Change". Em *Essays in Honor of J. Dwight Pentecost*, págs. 99-113. Editado por Stanley D. Toussaint e Charles H. Dyer. Chicago: Moody Press, 1986.

Darby, John Nelson. *Synopsis of the Books of the Bible*. Revised ed. 5 vols. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.

Davids, Peter H. *The Epistle of James*. New International Greek Testament Commentary series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982.

_____. *James*. New International Bible Commentary series. Peabody, Mass.: Hendriksen, 1989.

DeGraaf, David. "Some Doubts about Doubt: The New Testament Use of Diakrino". *Journal of the Evangelical Theological Society* 48:8 (Dezembro 2005):733-755.

Dibelius, Martin. *James*. Revisado por Heinrich Greeven. Traduzido por Michael A. Williams. Editado por Helmut Koester. English ed., Philadelphia: Fortress Press, 1976.

Dillow, Joseph C. *The Reign of the Servant Kings*. Miami Springs, Fla.: Schoettle Publishing Co., 1992.

Doerksen, Vernon D. *James*. Chicago: Moody Press, 1983.

Ehrman, Bart D. *A Brief Introduction to the New Testament*. New York and Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2004.

_____. *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. 3rd ed. New York and Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2000, 2004.

Eusébio de Cesaréia. *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus*. Twin Brooks series. Popular ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1974.

Family Life Conference. Little Rock, Ark.: Family Ministry, 1990.

Fanning, Buist M. "A Theology of James". Em *A Biblical Theology of the New Testament*, págs. 417-435. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1994.

Fiorello, Michael D. "The Ethical Implication of Holiness in James 2". *Journal of the Evangelical Theological Society* 55:3 (Setembro 2012):557-572.

Gaebelein, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 vols. Reprint ed. Chicago: Moody Press, and New York: Loizeaux Brothers, 1970.

Gaebelein, Frank E. *Faith That Lives*. Doniger and Raughley, 1955; reprint ed. Chicago: Moody Press, 1969.

_____. *The Practical Epistle of James*. Great Neck, N.Y.: Doniger & Raughley, Inc., 1955.

A Greek-English Lexicon of the New Testament. Por C. G. Wilke. Revisado por C. L. Wilibald Grimm. Traduzido, revisado e ampliado por Joseph Henry Thayer, 1889.

A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. Por Walter Bauer. Traduzido por William F. Arndt e Wilbur Gingrich, 4th rev. ed.

Guthrie, Donald. *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation*. 2nd ed. reprinted. London: Tyndale Press, 1962, 1966.

Hamilton, Victor P. *The Book of Genesis: Chapters 1—17*. New International Commentary on the Old Testament series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990.

Hanna, Kenneth G. *From Gospels to Glory: Exploring the New Testament*. Bloomington, Ind.: CrossBooks, 2014.

Hayden, Daniel R. "Calling the Elders to Pray". *Bibliotheca Sacra* 138:551 (Julho-Setembro 1981):258-266.

Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. One volume ed. Editado por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.

Hiebert, D. Edmond. *The Epistle of James: Tests of a Living Faith*. Chicago: Moody Press, 1979.

_____. *James*. Chicago: Moody Press, 1992.

_____. "The Unifying Theme of the Epistle of James". *Bibliotheca Sacra* 135:539 (Julho-Setembro 1978):221-231.

_____. *Working With God: Scriptural Studies in Intercession*. New York: Carlton Press, 1987.

Hodges, Zane C. *Dead Faith: What Is It?* Dallas, Redencion Viva, 1987.

_____. "The Epistle of James". Em *The Grace New Testament Commentary*, 2:1099-1142. Editado por Robert N. Wilkin. 2 vols. Denton, Tex.: Grace Evangelical Society, 2010.

_____. *The Gospel Under Siege*. Dallas: Redencion Viva, 1981.

_____. *The Hungry Inherit: Refreshing Insights on Salvation, Discipleship, and Rewards*. Chicago: Moody Press, 1972.

_____. *The Epistle of James: Proven Character through Testing*. Grace New Testament Commentary series. Irving, Tex.: Grace Evangelical Society, 1994.

_____. "Light on James Two from Textual Criticism". *Bibliotheca Sacra* 120:480 (Outubro-Dezembro 1963):341-350.

Ice, Thomas D. "Dispensational Hermeneutics". Em *Issues in Dispensationalism*, págs. 29-49. Editado por Wesley R. Willis e John R. Master. Chicago: Moody Press, 1994.

Jamieson, Robert; A. R. Fausset; and David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.

Jenkins, C. Ryan. "Faith and Works in Paul and James". *Bibliotheca Sacra* 159:633 (Janeiro-Março 2002):62-78.

Johnson, John E. "The Old Testament Offices as Paradigm for Pastoral Identity". *Bibliotheca Sacra* 152:606 (Abril-Junho 1995):182-200.

Johnston, J. William. "James 4:5 and the Jealous Spirit". *Bibliotheca Sacra* 170:679 (Julho-Setembro 2013):344-360.

Johnston, Wendell G. "Does James Give Believers a Pattern for Dealing with Sickness and Healing?" Em *Integrity of Heart, Skillfulness of Hands*, págs. 168-74. Editado por Charles H. Dyer e Roy B. Zuck. Grand Rapids: Baker Book House, 1994.

Josefo, Flavio. *The Works of Flavius Josephus*. Traduzido por William Whiston. London: T. Nelson and Sons, 1866; reprint ed. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.

Kendall, R. T. *Calvin and English Calvinism to 1649*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

_____. *Once Saved, Always Saved*. Chicago: Moody Press, 1983.

Kent, Homer A., Jr. *Faith that Works*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

Kidner, Derek. *Psalms 1—72*. Tyndale Old Testament Commentaries series. Leicester, England, and Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1973.

King, Guy H. *A Belief That Behaves: An Expository Study of the Epistle of James*. 1941. Reprint ed. London: Marshall, Morgan & Scott, 1945.

Kirk, J. A. "The Meaning of Wisdom in James: Examination of a Hypothesis". *New Testament Studies* 16 (1969):24-38.

Kistemaker, Simon J. *Exposition of the Epistle of James and the Epistles of John*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

_____. "The Theological Message of James". *Journal of the Evangelical Theological Society* 29:1 (Março 1986):55-61.

Koch, Kurt E. *Between Christ and Satan*. Traduzido por Yolanda N. Entz. Berghausen Bd., Germany: Evangelization Publishers, 1961.

Lange, John Peter, ed. *Commentary on the Holy Scriptures*. 12 vols. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960. Vol. 12: James/Revelation, por J. P. Lange, J. J. Van Oosterzee, G. T. C. Fronmuller, e Karl Braune. Ampliado e editado por E. R. Craven. Traduzido por J. Isidor Mombert e Evelina Moore.

Ladd, George Eldon. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974, 1979.

- Latourette, Kenneth Scott. *A History of Christianity*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1953.
- Laws, Sophie S. "Does Scripture Speak in Vain? A Reconsideration of James IV. 5". *New Testament Studies* 20 (1973-74):210-215.
- Lenski, Richard C. H. *The Interpretation of The Epistle to the Hebrews and The Epistle of James*. Reprint ed. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1963.
- Lightfoot, J. B. *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*. Reprint ed. London: Macmillan and Co., 1892.
- MacArthur, John F., Jr. *Faith Works: The Gospel According to the Apostles*. Dallas: Word Publishing, 1993.
- Martin, Ralph P. *James*. Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1988.
- Mayor, Joseph B. *The Epistle of St. James*. Limited Classical Reprint Library series. 1892; reprint ed. Minneapolis: Klock and Klock Christian Publishers, 1977.
- McClain, Alva J. *A Grandeza do Reino: Um Estudo Indutivo do Reino de Deus*. São Paulo, SP., Editora Batista Regular, 2022.
- McGee, J. Vernon. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 vols. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; and Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.
- McNeile, Alan Hugh. *An Introduction to the Study of the New Testament*. 2nd ed. Revisado por C. S. C. Williams. Oxford: Clarendon Press, 1927, 1953.
- Mercer, Larry A. "A Biblical and Cultural Study of the Problem of Racism". *Bibliotheca Sacra* 153:609 (Janeiro-Março 1996):87-103.
- Mitchell, John G. "Does God Heal Today?" *Bibliotheca Sacra* 122:485 (Janeiro-Março 1965):41-53.
- Mitton, C. Leslie. *The Epistle of James*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1966.

Moo, Douglas J. *The Letter of James*. Tyndale New Testament Commentaries series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985.

_____. *The Letter of James*. The Pillar New Testament Commentary series. Grand Rapids and Cambridge, Eng.: William B. Eerdmans Publishing Co., 2000.

Morgan, G. Campbell. *Living Messages of the Books of the Bible*. 2 vols. New York: Fleming H. Revell Co., 1912.

_____. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.

Motyer, J. Alec. *The Message of James*. The Bible Speaks Today series. Leicester, England, and Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1985.

_____. *The Tests of Faith*. London: InterVarsity Press, 1970.

Nicol, W. "Faith and Works in the Letter of James". *Neotestamentica* 9 (1975):7-24.

Oesterley, W. E. "The General Epistle of James". Em *The Expositor's Greek Testament*. 4 (1910):383-476. 4th ed. Editado por W. Robertson Nicoll. 5 vols. London: Hodder and Stoughton, 1900-12.

Ott, Ludwig. *Fundamentals of Catholic Dogma*. 6th ed. Traduzido por Patrick Lynch. Editado por James Canon Bastible. St. Louis: B. Herder Book Co., 1964.

Pak, Joseph K. "A Case for James's Condemnation of the Rich in James 5:16 as Addressing False Believers within the Believing Community". *Journal of the Evangelical Theological Society* 63:4 (Dezembro 2020):721-737.

Patterson, Richard D. "The Widow, the Orphan, and the Poor in the Old Testament and the Extra-Biblical Literature". *Bibliotheca Sacra* 130:519 (Julho-Setembro 1973):223-234.

Pearcey, Nancy R. *Total Truth: Liberating Christianity from Its Cultural Captivity*. Study Guide Edition. Wheaton, Il.: Crossway, 2005.

Pentecost, J. Dwight. "The Purpose of the Law". *Bibliotheca Sacra* 128:511 (Julho-Setembro 1971):227-233.

Peterson, Eugene H. *The Message: The New Testament in Contemporary English*. Colorado Springs: NavPress, 1993.

Pfeiffer, Robert H. *History of New Testament Times With an Introduction to the Apocrypha*. London: Adam and Charles Black, 1949, 1963.

Plummer, Alfred. *The General Epistles of St. James and St. Jude*. New York: A. C. Armstrong and Son, 1905.

Porter, Virgil V., Jr. "The Sermon on the Mount in the Book of James, Part 1". *Bibliotheca Sacra* 162:647 (Julho-Setembro 2005):344-360.

_____. "The Sermon on the Mount in the Book of James, Part 2". *Bibliotheca Sacra* 162:648 (Outubro-Dezembro 2005):470-482.

Rendall, Frederic. "The Epistle to the Galatians". Em *The Expositor's Greek Testament*, 3 (1910):123-200. 4th ed. Editado por W. Robertson Nicoll. 5 vols. London: Hodder and Stoughton, 1900-1912.

Rendall, G. H. *The Epistle of James and Judaic Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1927.

Richardson, Alan. *An Introduction to the Theology of the New Testament*. New York: Harper & Row, 1958.

Robertson, Archibald Thomas. *Studies in the Epistle of James*. 3rd ed. Revisado e editado por Heber F. Peacock. Nashville: Broadman Press, n.d.

_____. *Word Pictures in the New Testament*. 6 vols. Nashville: Broadman Press, 1931.

Ropes, James H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of St. James*. International Critical Commentary series. Edinburgh: T. & T. Clark, 1916.

Ross, Alexander. *The Epistles of James and John*. New International Commentary on the New Testament series. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1954.

Ryrie, Charles Caldwell. *Biblical Theology of the New Testament*. Chicago: Moody Press, 1959.

_____. "The End of the Law". *Bibliotheca Sacra* 124:495 (Julho-Setembro 1967):239-247.

Sadler, M. F. *The General Epistles of SS. James, Peter, John and Jude*. London: George Bell and Sons, 1895.

Scaer, David P. *James the Apostle of Faith*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1983.

Shogren, Gary S. "Will God Heal Us—A Re-examination of James 5:14-16a". *Evangelical Quarterly* 61 (1989):99-108.

Showers, Renald E. *Maranatha Our Lord, Come: A Definitive Study of the Rapture of the Church*. Bellmawr, Pa.: Friends of Israel Gospel Ministry, 1995.

Sidebottom, E. M. *James, Jude, 2 Peter*. New Century Bible Commentary series. London: Thomas Nelson and Sons Ltd., 1967; reprint ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., and London: Marshall, Morgan and Scott, 1982.

Songer, Harold S. "Anointing with Oil: What Does It Mean?" *Biblical Illustrator* 12:4 (Verão 1986):32-34.

Stanton, Gerald B. *Kept from the Hour*. Fourth ed. Miami Springs, Fla.: Schoettle Publishing Co., 1991.

Storms, C. Samuel. *Reaching God's Ear*. Wheaton: Tyndale House Publishers, 1988.

Stott, John R. W. *Basic Introduction to the New Testament*. 1st American ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.

_____. *Confess your Sins*. London: Hodder & Stoughton, 1964.

Strauch, Alexander. *Biblical Eldership*. Littleton, Colo.: Lewis & Roth Publishers, 1986.

- Stulac, George M. *James*. Downers Grove, Ill. and Leicester, England: InterVarsity Press, 1993.
- Swindoll, Charles R. *The Swindoll Study Bible*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.
- Tamez, Elsa. *The Scandalous Message of James: Faith Without Works is Dead*. New York: Crossroad, 1990.
- Tasker, R. V. G. *The General Epistle of James*. Tyndale New Testament Commentary series. Reprint ed. London: Tyndale Press, 1967.
- Tenney, Merrill C. *The New Testament: An Historical and Analytic Survey*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953, 1957.
- Thiessen, Henry Clarence. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943, 1962.
- Trench, Richard Chenevix. *Synonyms of the New Testament*. London: James Clarke & Co., 1961.
- Turner, Nigel. *Christian Words*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1980.
- Unger, Merrill F. "Divine Healing". *Bibliotheca Sacra* 128:511 (Julho-Setembro 1971):234-244.
- Vaughan, Curtis. *James: Bible Study Commentary*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.
- Wall, Joe L. *Going for the Gold*. Chicago: Moody Press, 1991.
- Waltke, Bruce K. "The Book of Proverbs and Ancient Wisdom Literature". *Bibliotheca Sacra* 136:543 (Julho-Setembro 1979):221-238.
- Warden, Duane. "The Rich and Poor in James: Implications for Institutionalized Partiality". *Journal of the Evangelical Theological Society* 43:2 (Junho 2000):247-257.

- Weaver, Paul D. "James". Em *Surveying Hebrews through Revelation*, pág. 3955. 2nd ed. Editado por Paul D. Weaver. Learn the Word Bible Survey series. N.c: Learn the Word Publishing, 2019.
- Wells, C. Richard. "The Theology of Prayer in James". *Criswell Theological Review* 1:1 (Outono 1986):85-112.
- Wessel, Walter W. "The Epistle of James". Em *The Wycliffe Bible Commentary*, págs. 1429-1440. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- Weymouth, Richard Francis. *The New Testament in Modern Speech*. Revisado por James Alexander Robertson. 5th ed. Boston: The Pilgrim Press, and London: James Clarke & Co., Ltd., 1943.
- Wiersbe, Warren W. *Be Mature*. BE Books series. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1978.
- Wilkin, Robert N. "Another View of Faith and Works in James 2". *Journal of the Grace Evangelical Society* 15:29 (Outono 2002):3-21.
- _____. "Can Faith Without Works Save? James 2:14". *Grace Evangelical Society News* 9:5 (Setembro-Outubro 1994):2-3.
- _____. "Repentance and Salvation, Part 2: The Doctrine of Repentance in the Old Testament". *Journal of the Grace Evangelical Society* 2 (Primavera 1989):13-26.
- _____. "'Soul Salvation,' Part 2; Saving the Soul of a Fellow Christian; James 5:19-20", *Grace Evangelical Society News* 7:1 (Janeiro 1992):2.
- _____. "Soul Talk, Soul Food, and 'Soul Salvation.'" *Grace Evangelical Society News* 6:12 (Dezembro 1991):2.
- Wilkinson, John. "Healing in the Epistle of James". *Scottish Journal of Theology* 24 (1971):338-340.

Winkler, Edwin T. "Commentary on the Epistle of James". Em *An American Commentary on the New Testament*. Editado por Alvah Hovey. 1888. Reprint ed. Philadelphia: American Baptist Press, n.d.

Zodhiates, Spiros. *The Patience of Hope*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960.